



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
RIO GRANDE DO NORTE – CAMPUS CANGUARETAMA
DIREÇÃO ACADÊMICA
CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM EVENTOS**

**JÚLIA DANIELY SOARES SANTANA
KARLA GOMES DANTAS
TACIANNY SANTANA MARINHO**

**RELATÓRIO DO PROJETO DE PESQUISA
TIBAU DO SUL EM LENDAS: UMA OPORTUNIDADE PARA O
DESENVOLVIMENTO DO TURISMO CULTURAL**

CANGUARETAMA/RN

2022

JÚLIA DANIELY SOARES SANTANA
KARLA GOMES DANTAS
TACIANNY SANTANA MARINHO

**RELATÓRIO DO PROJETO DE PESQUISA
TIBAU DO SUL EM LENDAS: UMA OPORTUNIDADE PARA O
DESENVOLVIMENTO DO TURISMO CULTURAL**

Relatório de Pesquisa apresentado à Coordenação do Curso Técnico Integrado em Eventos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Técnico em Eventos.

Orientador (a): Paula Wabner Binfare
Coorientador (a): Paula Normandia M. Brumatti

CANGUARETAMA/RN

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na Fonte

Biblioteca IFRN – Campus Canguaretama

- M338 Marinho, Tacianny Santana.
Tibau do Sul em lendas : uma oportunidade para o desenvolvimento do turismo cultural / Júlia Daniely Soares Santana, Karla Gomes Dantas, Tacianny Santana Marinho. -- Canguaretama (RN), 2022.
126 f. ; 30cm.

Relatório (Curso Técnico Integrado em Eventos) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, 2022.

Orientador: Profª. Paula Wabner Binfare.

Coorientador (a): Paula Normandia M. Brumatti.

1. Extensão 2. Projetos 3. *Campus* Canguaretama I. Título.

CDU: 338.48(813.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário

Yuri Pontes Henrique - CRB15/461

RESUMO

Tibau do Sul é uma cidade litorânea localizada no sul do estado do Rio Grande do Norte, em que está localizada a Praia da Pipa, consolidada internacionalmente como destino de turismo de sol e praia e um dos principais polos indutores de turismo do estado. A pandemia global de SARS-CoV-2 assolou os destinos turísticos ao redor do mundo, principalmente aqueles que têm como base, um único tipo de turismo, como é o caso de Tibau do Sul. Essa problemática criou a necessidade de se pensar alternativas de diversificar o produto turístico, para que a atividade se restabeleça tão logo seja possível a circulação de pessoas. Assim surgiu este projeto de pesquisa, que foi contemplado via Edital 01/2021 e teve como objetivo analisar o potencial do segmento turismo histórico-cultural em Tibau do Sul, a partir do levantamento do seu patrimônio cultural imaterial, constituído de lendas, mitos e contos, contos e histórias locais, como alternativa de diversificar o produto turístico local. Para tanto, a equipe composta por discentes do curso técnico em eventos foi orientada por professoras do eixo de hospitalidade, lazer, turismo e eventos, por meio de pesquisa aplicada, exploratória e documental, bem como entrevista semiestruturada de forma remota com moradores locais. Tais metodologias permitiram aferir o papel das lendas, mitos, contos e histórias como produto turístico e, sobretudo, de que modo ele pode ser utilizado na diversificação da oferta turística. Os resultados esperados do projeto incluem um portfólio digital das lendas, mitos e contos da região, que servirá de base para confecção de materiais de exposição, mapas ilustrados, e produção de histórias em quadrinhos, a partir da fala popular tibauense e suas experiências de vida.

Palavras-chave: Tibau do Sul. Turismo Cultural. Patrimônio Cultural Imaterial.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	05
2. REFERENCIAL TEÓRICO	07
2.1 TURISMO EM TIBAU DO SUL.....	08
2.2 PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL.....	08
2.3 TURISMO CULTURAL.....	09
3. PLANO DE TRABALHO	11
4. RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	12
5. OPORTUNIDADES E DESAFIOS NA REALIZAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA.....	27
6. CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICES	35

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste relatório é efetuar o registro das atividades desenvolvidas no Projeto de Pesquisa Intitulado “Tibau do Sul em Lendas: Uma Oportunidade Para O Desenvolvimento Do Turismo Cultural”, realizado no IFRN – Campus Canguaretama, no período de vinte e seis (26) de maio a vinte e seis (26) de dezembro de 2021. O projeto visa, primordialmente, analisar o potencial do Patrimônio Cultural Imaterial (PCI) de Tibau do Sul, composto de lendas, mitos e contos locais, como alternativa de incremento do produto turístico a partir do Turismo Cultural no período pós-pandemia.

As atividades desenvolvidas no projeto incluíram a integração da equipe; seleção de textos disponíveis em plataformas *online*; elaboração de fichamentos; elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada; execução das entrevistas com os moradores da cidade; análise do material coletado nas entrevistas; criação do perfil no Instagram e blog para divulgação do projeto bem como a criação de histórias em quadrinhos para a contação das lendas; elaboração do Mapa das Lendas; elaboração de podcasts de roda de conversas sobre as lendas; a construção do relato de experiência e do Relatório de Conclusão de Curso.

Com duração de sete meses, o trabalho foi desenvolvido pelas discentes idealizadoras – estudantes do 4º ano do Curso Técnico Integrado em Eventos do Instituto Federal do Campus Canguaretama – Tacianny Santana Marinho, Júlia Daniely Soares Santana, Karla Gomes Dantas, além da composição das discentes do 2º ano do mesmo curso e Campus, Clara Lauanda, Janylle Nazareth e Noemi Lopes, com a orientação da professora Paula Wabner Binfare e coorientação da professora Paula Normandia Moreira Brumatti.

Pensado, inicialmente, pelo fato de o Estado do Rio Grande do Norte (RN) receber aproximadamente 2,5 milhões de turistas ao ano e o setor gerar cerca de 120 mil empregos (RIO GRANDE DO NORTE, 2012), o projeto sempre aspirou pelo desenvolvimento do turismo cultural e a transformação das lendas em conhecimento, além de atração turística, levando em consideração a importância e a cultura local que cada história porta consigo.

Reconhecido por suas belezas naturais, o RN é um dos principais destinos turísticos do Brasil, tendo como principais polos indutores, a capital, Natal e o município de Tibau do Sul. Internacionalmente conhecido por abrigar a Praia de Pipa, Tibau do Sul é um dos principais balneários do estado (IBGE, 2018).

No ano de 2012, um estudo da Secretaria do Turismo de Tibau do Sul, prospectou que Pipa recebe cerca de 500 mil turistas entre demanda nacional e internacional anualmente (SECRETARIA DO TURISMO DE TIBAU DO SUL, 2012). Mesmo considerando que este estudo de demanda precisa de atualização, fica evidente a relevância do turismo, bem como a consolidação do turismo de sol e praia na região.

Durante a pandemia da SARS-CoV-2 (COVID-19) as pessoas tiveram a circulação restrita, o que resultou em um forte comprometimento do turismo global. Numa perspectiva de volta às atividades rotineiras e conseqüentemente turísticas, cada cidade e região vem caminhando em seu próprio ritmo, buscando alternativas de se recompor e mitigar os danos pós pandemia.

Considerando este contexto e a possibilidade de diversificar o produto turístico em Tibau do Sul, é que se tem a origem deste projeto de pesquisa. Com o já consolidado segmento sol e praia, por meio das lendas, mitos e contos, histórias e contos dos moradores locais, ele surge enquanto uma alternativa criativa para aliar o segmento do turismo histórico-cultural.

Assim o projeto foi composto pelas seguintes metas: Meta 1: Ambientação, integração e treinamento da equipe; Meta 2: Revisão de literatura; Meta 3: Interlocução com a comunidade e Identificação do PCI; Meta 4: Portfolio digital - Produção de um acervo literário oral das lendas, mitos e contos locais; Meta 5: Produção acadêmica. Todas descritas nos próximos tópicos ao longo do trabalho.

Para relatar o desenvolvimento e execução das metas propostas, este relatório está composto das seguintes etapas: Introdução; Referencial Teórico; Plano de Trabalho; Relatório das Atividades Desenvolvidas; Oportunidades e Desafios na Realização do Projeto de Pesquisa; Conclusão; Referências e Apêndices.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. TURISMO EM TIBAU DO SUL

Tibau do Sul é uma cidade litorânea localizada no sul do Estado do Rio Grande do Norte, possui cerca de 11 385 habitantes e um PIB per capita de R \$19 930,00 (IBGE, 2016). O turismo na cidade se concentra principalmente na Praia da Pipa, onde os investimentos foram crescentes nos últimos anos, decorrente de um alto fluxo de turistas. Essa dependência do fluxo de turismo sol e praia concentrados em Pipa traz a maioria dos investimentos para a Praia e faz com que na baixa temporada, a economia sofra com a sazonalidade (NUNES, 2014).

A dinamicidade da localidade é alterada devido aos investidores e visitantes, os quais movimentam a economia de serviços e o preço da terra, com seus negócios. Tibau do Sul - RN é o segundo maior polo turístico do Rio Grande do Norte. A praia da Pipa é integrante dos 65 Municípios indutores do turismo no Brasil, de acordo com o Ministério do Turismo. Esses fatos indicam a relevância da atividade para o município e, conseqüentemente, para o Estado, atraindo financiamentos e investimentos públicos e privados para receberem cada vez mais visitantes (NUNES, 2014, p. 16).

O setor turístico é o que mais cresce e o que mais movimenta a economia mundial, estimulando toda uma engrenagem de setores relacionados a ele. Quanto mais o turismo é desenvolvido em uma região, mais ela se torna visível para o mercado de turismo e mais turistas procuram visitá-la (BARBOSA, 2005). Em 2020 o mundo foi assolado pela pandemia global de SARS COV 2, o que ocasionou grandes períodos de quarentena e proibição de circulação de pessoas. Isso ocasionou uma queda drástica no turismo mundial, fazendo com que muitos destinos que viviam do turismo, fossem afetados. Para SantAna (2020, p.9). O turismo no Brasil foi especialmente afetado, em função do fechamento dos principais destinos nacionais e mundiais e as medidas de restrição e *lockdown* em algumas cidades brasileiras. Apesar de afetado, o turismo tem alta capacidade de se reerguer, como afirma Ilo (n.d)

O setor de turismo não emergirá da crise do COVID-19 sem tremores secundários. No entanto, o setor é conhecido por sua resistência a crises e crises econômicas, como foi o caso após a epidemia de SARS em 2003 e a crise financeira global de 2008-2009. Como tal, o setor pode desempenhar

um papel fundamental no revigoramento uma vez que a crise termine (ILO, n.d.).

Na perspectiva de alavancar o turismo na região de Tibau do Sul pós pandemia, bem como considerando a necessidade de diversificar o produto turístico local, até então baseado no turismo sol e praia, este projeto tem como ênfase o turismo cultural. No Brasil, o turismo cultural é apontado pelas políticas como alternativa para geração de emprego e renda, principalmente em localidades que não podem apenas explorar o turismo de sol e praia, predominante no país. Trata-se de um turismo considerado como sustentável por promover a valorização da cultura e a melhoria da qualidade de vida da população local e elencado como aquele que se contrapõe a um turismo de massa, o qual é reconhecido por ocasionar inúmeros impactos negativos (RAMOS, 2019).

O desenvolvimento do turismo cultural é uma alternativa para que as cidades possam se inserir em um cenário de competitividade global, tornando-se agentes do processo, projetando a imagem necessária para atrair turistas, agências multilaterais e investidores, por meio de estratégias de marketing, atendendo à necessidade de [...] aumentar a capacidade de atração do produto cidade (Sánchez, 1999, p. 47).

Para tanto, há que se identificar os principais recursos culturais que o destino tem, para então analisar seu diferencial e só então planejar sua estruturação em produto turístico.

2.2. PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

O conceito de Patrimônio Cultural Imaterial (PCI) foi proposto pela UNESCO em 1989, em um documento chamado “Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular”. Este documento apresentava a ideia de que a maior parte do patrimônio dos países eram seus rituais, festas e saberes, expressões artísticas e culturais, na sua grande maioria sem registro documental.

“Formulou-se assim o conceito de patrimônio cultural intangível ou imaterial, com a meta de abrir o campo do patrimônio cultural para manifestações e expressões da cultura popular ou tradicional.” (UNESCO, 2012).

Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o Patrimônio Cultural Imaterial (PCI) é transmitido de geração em geração, sendo constantemente (re)criado pelas comunidades, grupos ou indivíduos. São parte do PCI as lendas, mitos e contos, contos, mitos, narradas e ou documentadas, manifestações tradicionais, rituais, eventos festivos, expressões orais, conhecimentos e técnicas, junto com os instrumentos, objetos, artefatos que lhes são associados e relacionados ao seu ambiente, de sua interação com a natureza e sua história (UNESCO, 2003).

No cenário da cultura de um determinado povo, há um aglomerado de manifestações e expressões de caráter intangível e que se apresenta na memória como preservação e, na oralidade, como forma de transmissão. Surgem a partir desse conglomerado imaterial os contos populares, os mitos, as lendas, mitos e contos, assim como os rituais e todo universo dos saberes, experiências e vivências populares (BRITO, 2015, p.17)

As políticas relacionadas ao patrimônio cultural imaterial têm sua principal estrutura no Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI) do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), voltado especificamente para a preservação do patrimônio cultural imaterial. Castro e Fonseca (2008, p. 19) explicam que o “DPI foi criado pelo Decreto nº 5.040, de 6 de abril de 2004, e substituiu o antigo Departamento do Patrimônio Imaterial e Documentação de Bens Culturais, que fora criado, por sua vez, pelo Decreto nº 4.811, de 19 de agosto de 2003.” Ao DPI vincula-se, desde dezembro de 2003, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP). Associam-se também às ações do DPI as secretarias regionais do IPHAN. Estas políticas públicas vêm fomentando novos mercados relacionados ao turismo e ao entretenimento.

O PCI representado pelas lendas, mitos e contos, traz o legado e identidade de um povo e se, devidamente identificado, estudado e valorizado, é a base do desenvolvimento do Turismo Cultural, capaz de revitalizar costumes e despertar o orgulho étnico de uma localidade.

2.3. TURISMO CULTURAL

O ato de os avós contarem histórias passadas e vividas para seus netos ficou, literalmente, no pretérito. Hoje em dia é difícil ver pessoas interessadas por lendas,

mitos e contos locais, pois quando pensam no novo, buscam de imediato por lugares e culturas distantes do habitual.

A relação Cultura, Patrimônio e Turismo, tem suas raízes no século XV, em um movimento educacional que influenciou jovens aristocratas que cultuavam e veneravam o passado. Tal movimento, denominado Grand Tour, consistia no deslocamento desses jovens para lugares

Onde se encontrava o patrimônio monumental de civilizações antigas para se educarem em uma forma anterior de turismo, a qual precedeu, entre os séculos XVI e XVIII, a organização das viagens encetadas por Thomas Cook, em 1841, considerado o começo do turismo moderno (DIAS, 2006).

O turismo cultural é o segmento que possibilita a aproximação das pessoas com o patrimônio, seja ele material ou imaterial e a partir disso, incentiva a valorização e a identidade de tudo que envolve a cultura de um povo. É a possibilidade “do turismo servir como instrumento de valorização da identidade cultural, da preservação e conservação do patrimônio e da promoção econômica de bens culturais”. (BRASIL, 2008, p.16).

Autores como Barretto (2007); Ferreira (2012); Silva (2013); evidenciam a importância do PCI enquanto atrativos turísticos, que se devidamente bem estruturados tem capacidade de diversificar a oferta turística e atrair uma demanda diferenciada. Para estes autores, é no PCI que está a possibilidade de estruturação de novos produtos turísticos, ao mesmo tempo que torna o turismo, capaz de promover e preservar a cultura.

O produto turístico cultural, quando bem elaborado e executado em seu planejamento, poderá atrair fluxo e contingente de visitantes para uma determinada região e, também, vários investidores. Além disso, o Turismo Cultural proporcionará para a região outras vantagens como: polos turísticos, intercâmbio cultural, melhoria da geração de empregos, valorização da cultura local e preservação do patrimônio cultural (BRASIL, 2018, p. 35).

Para Rose (2002), o atrativo turístico possui, via de regra, maior valor quanto mais acentuado for seu caráter diferencial. Assim, o turista tende a procurar sempre aquilo que é diferente de seu cotidiano. Este é o grande ponto forte do Turismo

Cultural, uma vez que cada comunidade é única em seus costumes e tradições, “[...] aquele atrativo único, sem outros semelhantes, possui maior valor para o turista” (ROSE, 2002, p. 47).

Tibau do Sul pode diversificar sua oferta até então pautada no turismo de sol e praia, por meio do incentivo ao Turismo Cultural. Além de diversificar a demanda, este tipo de turismo pode vir a ser também um incremento da oferta já existente, de modo a aumentar o tempo de permanência do turista na região. Para além do turismo cultural, há que se pensar que ao dar voz aos moradores, estes passam a ser parte ativa do processo de desenvolvimento local, fato que estimula o sentimento de pertencimento de uma comunidade.

3. PLANO DE TRABALHO

O projeto foi dividido em cinco metas, em que foram realizadas atividades de pesquisa, coleta e análise de dados, além das entrevistas feitas com moradores da cidade para coleta de informações. Ao dividir o trabalho por essas etapas, tem-se uma maior organização e visão do que é necessário realizar para alcançar o objetivo principal do projeto. Como encontra-se listado abaixo:

- META 1: Ambientação, integração e treinamento da equipe;
- META 2: Revisão de literatura;
- META 3: Interlocução com a comunidade e Identificação do PCI;
- META 4: Portfólio digital - Produção de um acervo literário oral das lendas, mitos e contos locais.
- META 5: Produção acadêmica

A meta de número um tornou-se importante para a apresentação do projeto, integrando a equipe e analisando as atividades e demais metas a serem alcançadas a datar daquele momento, essencial para a harmonia do grupo e trabalho. A partir dela é feito um apanhado geral de tudo o que precisa ser produzido e as datas limites a serem entregues, com isso, tem-se a inclusão do grupo no ambiente da pesquisa e sua temática a ser abordada.

A meta dois, como revisão de literatura, foi dividida em duas atividades, em que a primeira seria necessária uma pesquisa a fundo sobre o tema e suas palavras-

chave. Essa meta é de grande importância para a base do projeto, uma vez que são os documentos gerados, a partir dela, utilizados para referenciar fatos e conceitos ao longo de todo o seu desenvolvimento.

A meta três seria o encontro com a comunidade, o conhecimento e reconhecimento da cultura e a busca pelas antigas tradições e histórias. A primeira atividade dela foi a seleção, por conveniência, dos moradores a serem entrevistados, produzindo o roteiro e questionário adaptáveis a cada morador, levando em consideração seu nível de escolaridade e entendimento da fala, além da idade. A segunda atividade foi a análise, a partir das entrevistas, transcrevendo-as e analisando cada lenda citada, a história, a importância dela e de sua contação para os próprios moradores e sua cidade.

A meta quatro foi dividida em duas atividades também, sendo essa a de maior relevância em questão da divulgação do projeto, em que todo o apanhado de informações ao longo dele seria utilizado para, a partir dessa etapa, gerar conhecimento e compartilhar o que foi coletado. Mais informações e detalhamento estarão no próximo tópico, de Relatório das Atividades Desenvolvidas, onde haverá a descrição de cada etapa em sua íntegra.

4. RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As atividades desenvolvidas ao longo do projeto foram de grande valia para o resultado desse, uma vez que as etapas, quando unidas, o caracterizam. Todas as metas, antes já definidas, foram alcançadas com êxito, uma vez que foram adaptadas desde o início para que fossem possíveis, durante o período pandêmico (pandemia da família do vírus *SARS-COVID-2*), visando o sucesso de todos os objetivos.

Com a nova realidade da população mundial, sendo ainda mais restrita para o Brasil, as ações foram realizadas de maneira *online*, priorizando o virtual e as novas tecnologias usadas pelos usuários, de maneira segura, prática e moderna.

O turismo foi afetado perceptivelmente, os eventos de qualquer tipo não puderam ser realizados, exceto virtualmente. O projeto se torna pioneiro dessa nova onda *online*, buscando, a partir de suas metas e objetivos, a inovação tecnológica e turística, pois usa a criatividade das lendas, mitos e contos – sendo eles Patrimônio

Cultural Imaterial - como produto em potencial, o transformando, diante da proposta, em patrimônio inteligente. Assim como mostra o quadro da descrição das metas e atividades a seguir:

Quadro 01 – Descrição das atividades

METAS	ATIVIDADE	AÇÃO	RESULTADOS ALCANÇADOS
META 1 Ambientação, integração e treinamento da equipe	Integração da equipe com a definição de planos de trabalhos individuais dos componentes.	Reunião para que a equipe integrasse e interagisse sobre as metas, prazos e as atividades a serem desenvolvidas.	Composição final e adaptação da equipe ao ambiente da pesquisa.
META 2 Revisão de literatura	Seleção dos textos disponíveis em plataformas <i>online</i> , como por exemplo Google Acadêmico e repositórios institucionais, que tratem da temática PCI e Turismo Cultural, bem como das características da região estudada.	Foi feita uma busca <i>online</i> nas plataformas abertas de pesquisa, buscando artigos, periódicos e demais materiais que apresentassem como palavras-chave "turismo cultural, lendas, mitos, Patrimônio Cultural Imaterial". Dentre o material encontrado, foram selecionados 19 textos para a elaboração dos fichamentos.	Identificação, nas bases de dados <i>online</i> , artigos científicos que tratam da temática.
	Elaboração de fichamentos.	Foram elaborados 19 fichamentos do material pesquisado. Este resultado foi apresentado para as professoras orientadoras e consta da base de dados do projeto que está disponível na Sala de Aula do <i>Google Classroom</i> , criada para este fim.	Composição de uma base de dados que poderá ser acessada posteriormente para produções acadêmicas.
META 3	Elaboração do roteiro da entrevista semiestruturada.	Foi realizado a elaboração do instrumento de pesquisa	Instrumento de coleta de dados.

Interlocução com a comunidade e Identificação do PCI		(roteiro de entrevista semiestruturada)	
	Seleção dos moradores participantes e aplicação remota.	Foram selecionados os entrevistados, considerando um público idoso (para saber sobre o PCI, origem, contação etc.) e um público mais jovem (para compreender como este PCI é passado de geração em geração). Sendo feita essa seleção por conveniência, e pela segurança dos moradores.	Aplicação do instrumento de coleta de dados em público selecionado.
	Análise dos resultados com vistas a selecionar dentre o PCI identificado, quais lendas, mitos e contos são mais relevantes para a conservação da memória e da identidade cultural desta comunidade.	A partir da aplicação do instrumento de coleta de dados, fez -se a transcrição das entrevistas, de modo a embasar o portfólio do PCI.	Identificação e seleção do PCI.
META 4 Portfólio digital - Produção de um acervo literário oral das lendas, mitos e contos locais	Criação e divulgação do blog e perfil do Instagram com as lendas, mitos e contos (em formas de cordéis, poemas, animações etc.). Produção de Histórias em Quadrinhos (HQs) com lendas, mitos e contos.	Produção do portfólio contando com perfil ativo no Instagram (https://instagram.com/tibauemlendas?utm_medium=copy_link); confecção de HQ Lobisomem, Galinha de Ouro, Batatão, O homem Desconhecido da Lagoa, material para WhatsApp.	Elaboração e veiculação do Portfólio Digital.
	Mapa da cidade com os pontos turísticos e suas lendas, mitos e contos.	Produção do mapa digital para acesso das lendas e possíveis locais onde ocorreram.	Confecção de Mapa e digital para acesso de pessoas interessadas de maneira <i>online</i> .

<p>META 5</p> <p>Produção acadêmica</p>	<p>Elaboração de relato de experiência e início de Relatório de Conclusão de Curso.</p>	<p>Produção de resumo expandido para o evento Pocket SIT, realizado no mês de setembro de 2021. O projeto teve dois resumos aprovados e apresentados, conforme anexo. A partir da elaboração dos resumos, também se iniciou a elaboração dos RCCs para as concluintes, que deverá ser finalizado entre janeiro e março de 2022.</p>	<p>Elaboração de relato de experiência e início de Relatório de Conclusão de Curso.</p>
---	---	---	---

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A integração da equipe ocorreu por meio de reuniões via *Google Meet*, sendo a meta de número um o primeiro contato do grupo com o tema e suas atividades. Foi descrito e apresentado tudo o que deveria ser feito e produzido a partir do momento, juntamente com os prazos de entrega, pensando em melhores métodos para isso.

A segunda meta foi trabalhada a busca pelo material didático a ser utilizado durante todo o projeto, criando base e consistência para a escrita. Dividido em suas atividades, a primeira foi pesquisar artigos, monografias e livros. A seleção de tais documentos decorreu da identificação da temática, do uso de conceitos e do *locus* utilizados nos estudos relacionados a temas, como: turismo cultural; patrimônio imaterial; identidade; mitos e lendas; contação de histórias e comunidades locais, como é mostrado no quadro abaixo.

Quadro 02 – Artigos selecionados para fundamentação teórica do estudo.

Título do Trabalho	Autores
1. Lendas, misticismo e credices populares sobre manguezais;	FREITAS, Ádria C. et al, 2018.
2. A dimensão sociocultural no processo de territorialização turística em Tibau do Sul/RN	GONÇALVES, Salete, 2014.
3. Níveis e formas de inovação nos empreendimentos da cadeia produtiva do turismo em Tibau do Sul/RN	SOARES, Juliana Cristina de Moura. ENDERS, Wayne Thomas et al, 2013.

4. Mitos, lendas e histórias da Costa Branca Potiguar	DOS SANTOS, Alana Driziè Gonzatti, 2019.
5. Derradeiras cartas da praia e outras notas sobre Tibau do Sul	GALVÃO, Hélio, 1989.
6. Patrimônio, Turismo Cultural e educação patrimonial	MELO, Alessandro; CARDOZO, Poliana, 2015.
7. Identidades culturais e Patrimônio Imaterial ou se como se constrói um potiguar	NETO, João, 2010.
8. Literatura oral do Brasil	CASCUDO, Luís da Câmara, 2012.
9. Os usos turísticos das manifestações culturais de Pipa-Tibau do Sul-RN	FERREIRA, Karine Santana, 2015.
10. Políticas públicas de turismo e de cultura no Brasil: uma análise comparada de planos das esferas nacional, estadual e municipal	TOMSON DE ABREU, Mariana et a, 2019.
11. Turismo Cultural como forma de educação patrimonial para as comunidades locais	RIBEIRO, Marcelo; DE OLIVEIRA SANTOS, Eurico, 2008.
12. De vilarejo à cidade: identidade de lugar de moradores nativos de Tibau do Sul-RN	ABE-LIMA, July Yukie, 2012.
13. Patrimônio Imaterial, Performance e Identidade;	VIANNA, Letícia C. R. TEIXEIRA, João Gabriel L. C, 2008.
14. Mito e memória na construção de uma identidade local;	CAVIGNAC, Julie Antoinette, 2007.
15. Patrimônio Cultural Imaterial como valor constitucional;	D'URSO, Clarice, 2010.
16. A arte de contar histórias a partir dos mitos e lendas da Comunidade Toledo Pizza em Parintins-AM	PIRES, Adriana de Souza; BATALHA, Cecília Azevedo; SOUZA, Julielza Batalha de, 2016.
17. Cultura imaterial: mitos e lendas de Belém-PA	SILVA, Glauce Vitor da; TADAIESKY, Nayara Tavares, 2016.

18. Cultura local, Turismo e Identidade: a resignificação dos mitos em dois córregos;	BERTOLLI, Cláudio Filho. GUARALDO, Tamara de S. B, 2006.
19. Generoso: uma lenda e um mistério.	COELHO, Eliane Martins; FAVA, Alessandra Schettert, 2016.

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A escassez de informações e dados sobre a cidade foi considerado um empecilho, lendas e o uso destas como produto turístico, porém, ainda assim, foram encontrados dezenove documentos, dentre eles livros, uma monografia e artigos. Diante o apanhado de informações, foram elaborados fichamentos por resumo e citações, para que os dados mais importantes fossem identificados e mantidos com facilidade de acesso.

Dentre os dezenove documentos, cerca de quinze por cento (15%) baseia-se na história da cidade de Tibau do Sul, a qual foi escolhida como espelho para iniciar o projeto; acrescentando a mesma numerologia encontram-se conceitos e dados sobre Patrimônio Cultural Imaterial (PCI); outros quinze por cento (15%) discorrem sobre o conceito de lendas, mitos e histórias contadas; adicionando a porcentagem de trinta e um (31%) na abordagem sobre Turismo e sua tipologia Turismo Cultural.; tendo a acrescentar aproximadamente cerca de dez por cento (10%) os artigos e livros que apresentam a importância da contação e oralidade como também forma de identidade local, além de mais dez por cento (10%) discorrendo sobre todos os temas citados.

Foi possível compreender que há um aglomerado de manifestações e expressões de caráter intangível e que se apresenta na memória como preservação e, na oralidade, como forma de transmissão. Surgem a partir desse conglomerado imaterial os contos populares, os mitos, as lendas, mitos e contos, assim como os rituais e todo o universo dos saberes, experiências e vivências populares (BRITO, 2015).

A preservação do PCI com a disponibilização e utilização de ferramentas digitais incentiva o TC e isto pode diversificar a oferta e a demanda turística, bem como incrementar a demanda já existente, de modo a aumentar o tempo de

permanência do turista na região. Para além do turismo cultural, há que se pensar que ao dar voz aos moradores, estes passam a ser parte ativa do processo de desenvolvimento local, fato que estimula o sentimento de pertencimento de uma comunidade.

A análise precisa de todos os documentos foi feita a partir da elaboração de fichamentos, dezenove no total, do tipo resumo e citações. Não houve dificuldades, uma vez que já teria sido entendida a proposta do trabalho e o que deveria ter de base para sustentar a proposta.

A interlocução com a comunidade, sendo a meta três, foi dividida em três atividades, sendo a primeira a elaboração do roteiro da entrevista semiestruturada, em que o grupo definiu o questionário, a faixa etária e a melhor maneira de abordar os moradores da cidade de Tibau do Sul. Foi feita uma tabela, elencando as perguntas em tópicos de conceitos, assim como no quadro abaixo:

Quadro 03 – Questionário base das entrevistas.

<p style="text-align: center;">Bloco 01</p> <p style="text-align: center;">O que são e quais elas são</p>	<p style="text-align: center;">Bloco 02</p> <p style="text-align: center;">Materialização do produto turístico</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● O que são lendas e quais elas são <ol style="list-style-type: none"> 1. Para você, o que são as lendas? 2. Que lendas você conhece? Teria como descrever a que mais te marcou? 3. Você já vivenciou essas histórias, ou ouviu relatos desses acontecimentos nos dias de hoje? ● Origem <ol style="list-style-type: none"> 4. Como você acha que as lendas foram criadas? E para quê? 5. Você acredita que existiu responsável(eis) pela criação e disseminação dessas histórias? De 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Você acha que as lendas podem ser usadas para chamar a atenção das pessoas para a cidade? Também como forma de conhecimento da história e cultura do local? Por quê? 2. O turismo funciona quando as pessoas se interessam pelos lugares e o que eles têm a oferecer. Tibau do Sul tem suas praias e paisagens, e pessoas que gostam desse tipo

<p>que forma isso aconteceu e acontece?</p> <p>6. Quem você acha que espalhou essas histórias? Será que existe um responsável por isso?</p> <p>7. Você acha que há algum tipo de explicação? Como algo sobrenatural, ou criação das pessoas?</p> <p>8. Como elas podem ser entendidas? Como uma “fofoca de calçada”, “conversa de pescador”?</p> <p>9. Você acha que as lendas podem ser reais? Ou são apenas invenções? Por quê?</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Importância <p>10. Qual a importância das lendas para você?</p> <p>11. De que maneira elas podem ser importantes para a cidade? Talvez como identidade local? Por quê?</p> <p>12. As lendas podem servir como uma forma de aproximação do povo e cidade? Por quê?</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Contação <p>13. Por que as lendas existem até hoje? De que maneira elas persistem na cultura da cidade?</p> <p>14. Por que as pessoas insistem em contar? Quem são essas pessoas?</p> <p>15. Que diferença tem entre os mais novos e os mais velhos na contação?</p>	<p>de lazer viajam para conhecer. Mas caso sejam divulgadas as histórias e as lendas sobre a cidade, de que maneira ela seria vista? De que maneira poderíamos atrair mais pessoas para conhecerem melhor esse lado dela?</p>
--	---

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

O roteiro foi escolhido como semiestruturado pela possibilidade de adaptação de acordo com a pessoa e/ou o grupo específico, além de poder acrescentar mais perguntas ou excluir algumas no decorrer da entrevista. Nesse caso, a faixa etária definida ficou dos dez anos de idade + (e acima de dez), com maior frequência e preferência na idade mais avançada pelo conhecimento e vivências dos costumes e histórias antigas não vistas atualmente, porém levando em consideração também os mais jovens, para uma análise comparativa entre as gerações. Assim, como segunda atividade da meta três, foram entrevistados vinte moradores, com idades entre dez (10) a oitenta e cinco (85) anos de idade. Pela restrição sanitária ainda em vigor, foram selecionados moradores da família e amigos das integrantes do grupo, e em pouco mais de quinze dias as entrevistas foram encerradas.

Logo depois, foram organizados os dados, feitas as transcrições de todas as falas (ver apêndice B) e um pequeno relatório com estatísticas e resumo do que foi coletado, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 04 – Análise das entrevistas

Quadro de Relatório das Entrevistas
1. Sobre Lendas, Mitos e Contos
<p>- O que são as lendas e frases que as definem, relatos</p> <p>Segundo os entrevistados, as lendas são histórias antigas, contadas por pessoas de mais idade e passadas de geração em geração. Essas histórias foram apontadas como fantasias e invenções, usadas para fortalecer a cultura local, amedrontar e perpetuar o passado. “Lendas são histórias é.... que... fantasiosas de uma geração para outra, que nossos antepassados contavam e que eles fantasiavam ou viam algo, algumas coisas, e que passaram para nossa geração contando através de histórias.” Além disso, a forte presença “Eu acho que as lendas podem ser entendidas como uma história de pescador, uma história criada para a cultura, uma certa cultura dos antepassados para que passe de geração em geração”.</p>

Uma resposta mais completa exemplifica e resume todas, como a de uma das pedagogas entrevistadas, “Lendas são histórias é.... que... fantasiosas de uma geração para outra, que nossos antepassados contavam e que eles fantasiavam ou viam algo, algumas coisas e que passaram para nossa geração contando através de histórias”. Algo do popular.

A definição em si é difícil, uma vez que se torna algo do cotidiano das pessoas de mais idade desde sua infância, a frase “As histórias antigas, “né”” foi muito repetida.

Quando perguntado qual a lenda que mais lhe marcou, poucos responderam de prontidão, pois há tanto tempo sem falar sobre fez com que algumas delas fossem esquecidas, porém algumas se sobressaíram, como a do lobisomem, muito lembrada e citada. “Eu vi ele uma noite”; “Meu pai disse que viu o lobisomem”.

- Origem, principais interlocutores e sua contação

Em grande parte, cerca de 60% dos moradores a quem foram questionados, atualmente já adultos, a origem das lendas foi algo inventado, criado pelos moradores ou algo que foi visto e “aumentado” (exagerado), a famosa “conversa de pescador”, por simples entretenimento, uma vez que, segundo relatos, a população tibauense se reunia na praça principal da cidade, uma vez que não existia televisão (ou ainda não tinha chegado no povoado), e conversavam, contavam histórias e ouviam relatos, viam os pescadores indo para o mar e outros voltando, sempre com mais histórias, muitas já esquecidas, além dos agricultores da área, a principal deles era o batatão (bola de fogo que corre atrás das pessoas e cresce conforme o medo e a aproximação) e o lobisomem (ou cachorro grande).

Eu me recordo do meu avô, quando meu avô me contava é a lenda do batatão. Ele contava que ia pro viveiro, “né” assim mais ou menos na madrugada, que ele era pescador, gostava de pescar e ia pro viveiro. Ele contava que quando ele voltava, depois da pescaria que vinha subindo uma ladeira, num determinado lugar que tinha uma ladeira e ele vinha subindo, e contava que tinha tipo uma tocha de fogo que seguia ele, então ele denominava como o batatão, então eles corriam, corriam, corriam, e

quando mais eles corriam aquele fogo ali parecia que “tava” perseguindo eles. (Morador da cidade, um dos entrevistados)

Já outra parte, cerca de 37%, opinam que as histórias contadas são reais, alguns afirmando que viram as aparições, sendo algo sobrenatural e fora do normal, contando para seus parentes e amigos, poucos acreditando, mas sendo real. Como um dos relatos de uma neta que ouvia seu avô contar:

Ele contava que era verdade, ele contava que via aquilo e até quem ia pescar com ele também, ele falava que era verdade que ele via, mas assim possa até ser que ele também tenha aumentado alguma coisa, a gente não sabe, mas ele contava que era verdade aquilo que ele tinha visto. (Morador da cidade, um dos entrevistados)

Os outros 3% responderam ao questionamento como as lendas sendo algo inexplicável, seja verdade ou mentira, não sabem como surgiram ou se acreditam, conforme confessa uma entrevistada: - Olha não sei te explicar por que ele falava que via aquilo, então é algo, assim, que a gente não sabe explicar ao certo o que que é. Pode ser algo que... eu não sei te explicar ao certo o que que quer dizer isso.

- Importância pessoal e coletiva

As lendas, os mitos e os contos fazem parte da história da cidade e de seus moradores que as contam, tendo uma importância significativa para a cultura local. Da aproximação gerada no conto à identificação, tanto individual quanto coletiva. Os moradores da cidade de Tibau do Sul relembram sua infância ao refletirem sobre as perguntas feitas, alguns são incisivos ao dizerem que viram e ouviram as histórias acontecerem. A participação de muitos é marcante e significativa, ultrapassando gerações de habitantes tibauenses e sendo registrada na cultura da cidade.

Foram coletadas respostas bastante semelhantes quando questionada a importância pessoal e coletiva das lendas para com sua população, e em números, obtém-se a porcentagem de 28,57% de moradores que relacionam “histórias antigas” à aproximação das pessoas e interação entre estas; 34,28% dizem que a prática da contação de histórias faz parte da cultura, tradição e herança a ser eternizada na cidade; 31,42% remetem os mitos ao conhecimento, gerando-o e

transmitindo ao longo das muitas décadas; já apenas 5,71% não soube responder ou não acham elas atrativas ou importantes para a população, ou pelo menos não é como são levadas ultimamente. Conforme dito por uma das pessoas entrevistadas:

Então para os antigos, para assim, digamos, há 80, 90 anos atrás, sim (têm importância). Hoje não mais, entende? Hoje isso aí já não tem fundamento mais não. Por mais que a gente veja os relatos de muita coisa, isso aí já... para antigamente, sim, hoje não.

Vendo a necessidade do projeto a partir da observação da entrevistada também.

2. Materialização do produto turístico

Sobre a materialização turística, foram obtidos retornos positivos de mais de 98% dos entrevistados, em que as lendas, os mitos e os contos podem servir como produto, além da obtenção do conhecimento, necessitando do uso da criatividade e inovação para atender à sazonalidade existente no setor turístico e chamar a atenção de moradores locais e turistas. Diante da nova realidade mundial, compreende-se a atualização da demanda e de tecnologias a serem utilizadas, ampliando o público-alvo e o limite de alcance pré-estabelecido.

É. Precisa inovar, né? Porque é assim, tudo hoje na vida tem que ter inovação. Se você não tiver inovação, o que é novo hoje, amanhã já é velho e isso aí é fato, entendeu? Isso aí é um fato presente. Então assim, é como a nossa tecnologia: assim, o celular hoje se compra, ele sai lançamento hoje e daqui dois anos a função dele já não é essa mais. É função já de entulho, lixo. Agora tem que ter uma nova inovação, entende? Para tudo. Então essas histórias assim, lendas e essas coisas todas aqui que eram contadas no passado, ficaram no passado. Mesmo catalogada, vai despertar uma primeira curiosidade sim, mas depois aquilo ali vai se tornar banal, porque se for levar em conta que isso ali vai fazer alguma diferença lá no futuro das pessoas, não, porque não existe, entende? Aí é isso. (Um dos moradores entrevistados)

Para grande parte, cerca de 90% dos entrevistados, as lendas seriam uma forma de chamar a atenção tanto dos mais novos quanto dos mais velhos, já que

se tem uma nova maneira de contar, além dos materiais disponibilizados, podendo atrair mais pessoas, principalmente de fora - turistas -, mas não sendo um produto capitalizado, e sim uma nova forma de conhecimento sobre a história do lugar. Resgatar tradições e a cultura local seria de grande valia, uma vez que se encontram um pouco esquecidas e deixadas de lado por muitos, incluindo moradores, principalmente as novas gerações presentes e as que estão por vir. Infelizmente, como dizem os mais velhos, “as histórias estão morrendo junto com a gente, ninguém se interessa em saber, ninguém para mais para conversar”.

Fonte: Dados de pesquisa, 2022.

Na atividade de número um da meta quatro, foi produzido, a partir dos resultados coletados, o Portfólio Digital Cultural de Tibau do Sul, por meio do aplicativo Instagram, possuidor das artes para a divulgação do Projeto e um Blog para publicar links e documentos. (ver apêndice E)

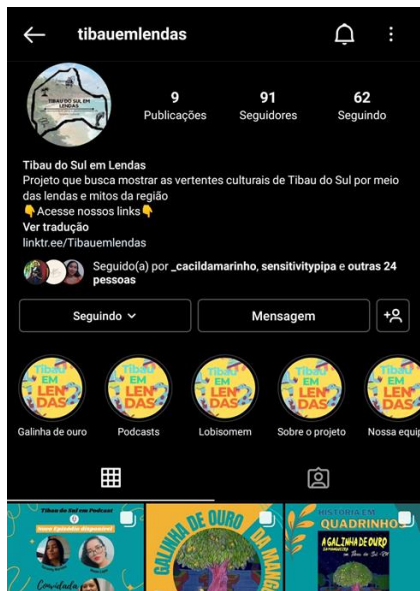
Imagem 1: Perfil do Blog



Fonte: Dados de pesquisa

No perfil da rede social do Instagram, o cronograma das publicações foi dividido por “fileiras”: As três postagens foram disponíveis para cada lenda, uma primeira publicação da arte é disponibilizada para apresentar a história em quadrinhos dela, uma segunda publicação apresenta curiosidades da história, e uma terceira, um podcast – produzido pelo grupo. As primeiras apresentaram o projeto e os objetivos.

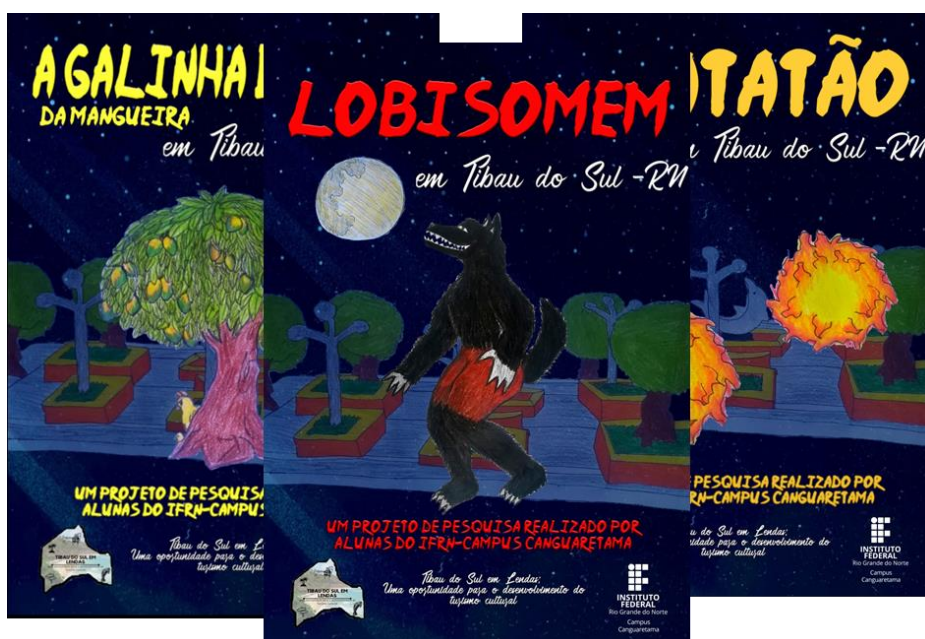
Imagem 2: Perfil do Instagram



Fonte: Dados de pesquisa

Foram elaboradas, pelo grupo, histórias em quadrinhos, no formato PDF, das lendas e histórias contadas pelos moradores da cidade, sendo escolhidas para serem contadas as mais frequentes e as que possuem maiores características locais, disponibilizadas no perfil do Instagram e blog, assim sendo nomeadas como: “O Lobisomem”, “A Galinha de Ouro”, “O Batatão” e “O Homem Desconhecido da Lagoa”.

Imagem 3: Capas das principais histórias em quadrinhos



Fonte: Dados de pesquisa, 2022.

Os podcasts, disponíveis na plataforma *Spotify*, são gravações de áudio produzidas pelas integrantes, com diálogos contando as lendas e saberes das autoras ao longo do projeto e da infância, falando sobre o que foi absorvido durante a escrita e as entrevistas com os moradores, além da importância e viabilidade do trabalho para com a sociedade e inovação para o desenvolvimento do turismo na cidade de Tibau do Sul. Tal atividade foi incluída posteriormente como incremento e mais um diferencial no projeto. (ver apêndice E)

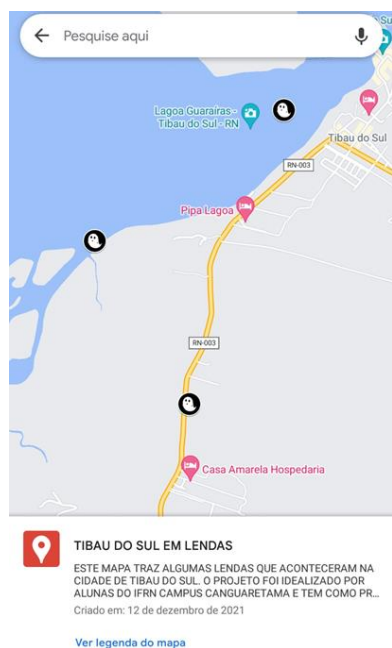
Imagem 4: Personagens das lendas, respectivamente: Lobisomem, Batatão, Galinha de Ouro, Homem Desconhecido da Lagoa.



Fonte: Produção das autoras

Como segunda atividade da meta quatro, o Mapa das Lendas foi projetado a partir da plataforma de localização do *google* (*Google Maps*), elencando os locais onde tem-se informações das ocorrências das lendas com pontos, como a mangueira (árvore) localizada numa estrada, solitária, no distrito de Pernambucozinho. O Mapa está disponibilizado através de QR Codes nas HQs e link nos perfis de divulgação. (ver apêndice E)

Imagem 5: Mapa das lendas



Fonte: Dados de pesquisa

Em última meta, a de número cinco, a única atividade dessa foi produzir um relatório final, com as experiências e descrição das atividades desenvolvidas ao longo do projeto, contudo tal etapa precisou ser antecipada em função da oportunidade de apresentar e publicar um resumo expandido na Pocket SIT, evento realizado no mês de setembro de 2022. O projeto teve dois resumos aprovados e apresentados, intitulados “Lendas, Mitos e Contos Como Atrativo Turístico e Sua Importância Na Formação Do Patrimônio Inteligente” e “O Turismo Cultural: A Diversificação Do Produto Turístico Para A Promoção De Destinos Inteligentes”. A partir da elaboração dos resumos, também se iniciou a elaboração dos RCCs para as concluintes, que deverá ser finalizado entre janeiro e março de 2022.

5. OPORTUNIDADES E DESAFIOS NA REALIZAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

A realização do presente Projeto de Pesquisa se deu em muitas fases, todas elas de grande importância para o resultado. Essas, também chamadas de metas, cresceram, em questão de relevância, a cada passo. Dentre elas, a revisão de literatura foi o primeiro contato do grupo com a pesquisa científica sobre o tema em si. Por ser algo inovador, uma das dificuldades foi deparar-se com a escassez de

informações e dados sobre a cidade, lendas e o uso destas como produto turístico, porém foi possível descobrir ainda mais o potencial da cidade, encoberto pelo tempo e esquecido pelas gerações, uma vez que os próprios moradores afirmaram, por meio das entrevistas realizadas com eles, não saberem ao certo sobre como se formou seu vilarejo e qual a maior tradição dele.

Tibau do Sul é uma cidade possuidora de muitas belezas e atrações, e conhecer a sua história bem como ela se formou torna a experiência ainda melhor. Ao abordar sobre um tema novo no âmbito turístico, o trabalho torna-se pioneiro na área, servindo como base e referência para demais projetos que possuam o mesmo objetivo. Para o turismo, pesquisas que priorizem o desenvolvimento de base local, contribuem para a sustentabilidade da atividade, uma vez que fornecem base de dados para que se possa planejar o futuro das localidades no que tange a relação oferta e demanda. Para a população local, será uma oportunidade de conhecer melhor suas raízes por meio da sabedoria popular que passa de geração em geração, mas que muitas vezes não é valorizada pelos mais jovens. Construir de volta e melhor no período pós-pandemia pode alinhar o setor de turismo mais estreitamente aos objetivos de desenvolvimento [...], inclusivo e resiliente, que forneça trabalho decente a todos os trabalhadores do turismo (ILO, n.d.).”

Acredita-se que, ao pensar em alternativas criativas e viáveis de diversificação e incremento da oferta turística em um cenário pós pandemia, será possível mitigar os danos, bem como (re)conhecer e reforçar os laços com a cultura e história local.

Durante o seu desenvolvimento, as dificuldades maiores foram em relação ao período vivido no momento, a pandemia do coronavírus, o que impossibilitou encontros presenciais e objetivos maiores, optando pelo virtual e prezando pela segurança sanitária. Contudo, para um futuro complemento desse projeto, vê-se como interessante dar continuidade na contação e divulgação das lendas, porém não só de forma *online*. Futuramente, um dossiê de lendas poderá ser produzido, podendo incluir todas as histórias do litoral ou de todo o estado do RN. Quando possível, seria de grande valia a produção de eventos de apresentação, como pequenos festivais de divulgação do projeto, estimulando a curiosidade das pessoas (principalmente as que não têm acesso à internet bem como às redes sociais) para o conhecimento das lendas e participação de rodas de conversa, da criação das histórias em quadrinhos,

possíveis novos materiais para o blog (como textos, poemas, desenhos, cordéis). Uma nova forma de ver e contar sobre a cultura da cidade, novas descobertas e ampliação do Mapa das Lendas.

6. CONCLUSÃO

Tibau em Lendas é um projeto que apresenta não só a história da cidade e as lendas que ela possui, mas também a importância da oralidade, e a proximidade que o conto traz para a cultura de um povo, assim como a necessidade dessa troca de saberes. Ao longo do projeto, principalmente na atividade da entrevista, essa transfusão de conhecimento entre as integrantes e os moradores entrevistados foi bem sentida, uma vez que eles relataram suas vivências e costumes antigos, bem como a relevância para eles e a sociedade na época, lamentando a falta de interesse e desvalorização de tudo isso atualmente.

De pontos positivos, é justamente tudo o que foi tratado no desenvolvimento do trabalho, pois o conhecimento adquirido com a escrita e a aquisição de todo o material foi de grande valia tanto para as autoras quanto para os habitantes que participaram, além dos demais que ainda verão os resultados e a representação da cultura da cidade de uma nova forma. A maneira como foi absorvida toda a demanda e atividades, desde sempre, foi positiva, pois é um tema de interesse de todo o grupo e a forma abordada, com muitas ideias e novas estratégias de realização das etapas, sendo o ponto negativo a dificuldade em encontrar informações concretas sobre os pontos históricos da cidade de Tibau do Sul e lidar com os artigos, livros e monografias, tentando adequar as atividades nos prazos estipulados. O acréscimo necessário seria na continuação do projeto e incremento dele com novos materiais, mais metas e desenvolver mais a contação com a população tibauense, incluindo também pessoas de fora da cidade e possíveis turistas.

Todo lugar possui a sua história e um potencial para se tornar conhecido a partir dela. A cultura, muitas vezes velada, é de grande importância para seu povo, e o conhecimento diante disso torna-se a chave para aprendizados de suas próprias raízes. Com isso, entende-se a necessidade de valorização de tradições, uma vez que elas definem todo um povo. O estímulo a essa prática é essencial e definitivo, assim

como a contação das lendas, que desde muito tempo serviu como forma de aproximação de famílias e construção de toda uma memória.

REFERÊNCIAS

ABE-LIMA, July Yukie. De Vilarejo a Cidade: Identidade de Lugar de Moradores Nativos de Tibau do Sul-RN. Natal. Biblioteca Setorial do CCHLA, UFRN, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/17536>

BRASIL: Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Segmentação. Segmentação do turismo: marcos conceituais. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BRASIL: Ministério do Turismo. Turismo Cultural: orientações básicas. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br>

BERTOLLI, Cláudio Filho. GUARALDO, Tamara de S. B. Cultura Local, Turismo e Identidade: A ressignificação dos Mitos em Dois Córregos. Revista Científica Eletrônica Turismo, Ano III – Edição Número 4, janeiro de 2006.

BRITO, F. C. Inventário Histórico-cultural de Mitos e Lendas Comunidades do Entorno do Rio Preguiças em Barreirinhas – MA: um atributo turístico cultural dos Lençóis Maranhenses. Dissertação, 168p. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Turismo e Hotelaria – Mestrado Acadêmico MINTER-UNIVALI, realizado na Universidade do Vale do Itajaí – SC., 2015. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Fernanda%20Carvalho%20Brito.pdf>.

CASCUDO, Luís da Câmara. Literatura Oral do Brasil. E-book. São Paulo: Editora Global, 1ª edição digital, 2012. Disponível em: <https://frienster-edit.blogspot.com/2020/03/pdf-literatura-oral-no-brasil-luis-da.html>.

CAVIGNAC, Julie Antoinette. Mito e memória na construção de uma identidade local. Revista virtual Comunicologia da Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/18981?mode=full>

COELHO, Eliane Martins; FAVA, Alessandra Schettert. Generoso: Uma lenda e um mistério. EMIcult, 2016.

DIAS, Reinaldo. Turismo e Patrimônio Cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades. Saraiva. São Paulo. 2006.

DOS SANTOS, Alana Driziè Gonzatti. Mitos, Lendas e Histórias da Costa Branca Potiguar. Rio Grande do Norte: IFRN – Campus Macau, 2019.

D'URSO, Clarice. Patrimônio cultural imaterial como valor constitucional. Oabsp. São Paulo. 2010.

FERREIRA, Karine Santana. Os Usos Turísticos das Manifestações Culturais de Pipa-Tibau do Sul- RN. 2015, Monografia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN. Disponível em: Biblioteca Digital de Monografias/UFRN – <https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/4877>

FREITAS, Ádria C. et al. Lendas, misticismo e crendices populares sobre manguezais. Pinheiro MAA, Talamoni ACB. Educação Ambiental sobre Manguezais. São Vicente: UNESP, Instituto de Biociências, Campus do Litoral Paulista, p. 144-65, 2018.

GALVÃO, Hélio. Derradeiras cartas da praia e outras notas sobre Tibau do Sul. Livro. Rio Grande do Norte: Editora Clima, 1989.

GONÇALVES, Salete. Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.115-132, jan. /abr. 2014.

Portal do IBGE, Governo Federal. Dados sobre Tibau do Sul/RN. 2017 de <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/tibau-do-sul.html>

Rio Grande do Norte: IBGE. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/tibau-do-sul/panorama>

IL.O. (n.d.). COVID-19 e o setor de turismo. Disponível em: <http://www.ilo.org/sector/Resources/pulications>

LUPO, E.; ÖZDIL, E. Towards a Smart Heritage as future diffused museums: design and communication technologies to innovate the experience of the cultural patrimony in Smart Cities. *International Journal of the Inclusive Museum*, v. 6, n. 1, p. 159–169, 2013.

MELO, Alessandro; CARDOZO, Poliana. Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial. 2015, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/290787257_Patrimonio_turismo_cultural_e_educacao_patrimonial.

NETO, João. Identidades culturais e patrimônio imaterial ou se como se constrói um potiguar. 2010, Artigo originalmente publicado na *Revista Ciência Sempre*, v. 16, p. 190-197, 2010. Natal/RN.

NUNES, Maria Rita. Investimentos Internacionais e o Turismo em Tibau do Sul/RN. UFRN, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. - Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável. Baixo Carbono. 2009. Disponível em: <http://www.onu.org.br/>

PIRES, Adriana de Souza; BATALHA, Cecília Azevedo; DE SOUZA, Julielza Batalha. A arte de contar histórias a partir dos mitos e lendas da Comunidade Toledo Pizza em Parintins-AM. *Revista eletrônica mutações*, local, 2016.

QIU, J.; LI, J.; SUN, H. Innovative and applied research on big data platforms of smart heritage. *ISPRS Annals of the Photogrammetry, Remote Sensing and Spatial Information Sciences*, v. 2, n. 5, p. 257–261, 2015.

RIBEIRO, Marcelo; SANTOS, Eurico de Oliveira. Turismo cultural como forma de educação patrimonial para as comunidades locais. *Itinerarium*, v. 1, n. 1, p. 73, 2008. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/itinerarium/article/view/137>

ROSE, A. T. de. Turismo – planejamento e marketing. Barueri/SP: Manole, 2002.

SANTA ANA, A. G. Os impactos da COVID-19 nas agências e operadoras de turismo do Brasil: tendências e perspectivas. Disponível em: https://www.panrotas.com.br/mercado/distribuicao/2019/12/adriano-gomes-cvc-analisa-mudancas-e-desafios-nas-vendas-de-operadoras_170135.html

SILVA, F. F. As cidades brasileiras e o patrimônio cultural da humanidade. São Paulo: Petrópolis, 2003.

SILVA, Glauce Vitor da; TADAIESKY, Navara Tavares. Cultura imaterial: Mitos e lendas de Belém - PA. Margens: Revista Interdisciplinar, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305037827_CULTURA_IMATERIAL_MITOS_E_LENDAS_DE_BELEM-PA

SOARES, Juliana Cristina de Moura. ENDERS, Wayne Thomas. FERREIRA, Lissa Valéria Fernandes. ALEXANDRE, Mauro Lemuel de Oliveira. SOARES, Júlio César. Níveis e formas de inovação nos empreendimentos da cadeia produtiva do turismo em Tibau do Sul/RN. Revista de Turismo Contemporâneo – RTC, Natal, v. 1, n. 1, p.38-58, jul. /dez. 2013.

TOMSON DE ABREU, Mariana et al. Políticas públicas de turismo y de cultura en Brasil: un análisis comparado de planos de la esfera nacional, regional y municipal. ROTUR. Revista de ocio y turismo, v. 13, n. 2, p. 57-67, 2019.

UNESCO. Portal da Convenção para Salvaguarda do patrimônio. 2012. Disponível em <http://www.unesco.org/culture/> Acessado em: 03 de set de 2021.

VIANNA, Letícia C. R. TEIXEIRA, João Gabriel L. C. Patrimônio Imaterial, Performance e Identidade. Revista Concinnitas, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Fichamentos dos artigos pesquisados

FICHAMENTO - Lendas, misticismo e credices populares sobre manguezais	
N. Pág.	CITAÇÃO
	FREITAS, Ádria C. et al. Lendas, misticismo e credices populares sobre manguezais. Pinheiro MAA, Talamoni ACB. Educação Ambiental sobre Manguezais. São Vicente: UNESP, Instituto de Biociências, Campus do Litoral Paulista, p. 144-65, 2018.
71	Com respeito às variáveis contidas no estudo de correlação, essas são apresentadas em uma das seguintes formas: escore contínuo, dicotomia artificial, dicotomia verdadeira e categórica.
72	No planejamento desse tipo de estudo, o primeiro passo a seguir consiste em identificar as variáveis específicas que pareçam ser importantes para explicar complexas características de um problema ou comportamento.
73	Entre as limitações do estudo correlacionai, alguns pesquisadores criticam o fato de se adotar um procedimento predominantemente quantitativo para explicar fenômenos psicológicos e sociais complexos. E se reconhece ainda que a inter-relação real dos componentes de um modelo nem sempre pode ser amplamente explicada por meio de esquemas estatísticos.
74	Com relação aos estudos experimentais, esses são os que proporcionam ao investigador meios mais rigorosos para testar as hipóteses. Embora os estudos de correlação e o comparativo causal venham a descobrir a relação entre variáveis, é o experimental que determina se a relação é de causa-efeito.
75	Portanto, o sucesso do experimento depende, em parte, da validade interna, isto é, de como as variáveis estranhas tenham sido controladas pelo pesquisador. Se essas variáveis não forem controladas no desenvolvimento do estudo, não se pode saber se as mudanças observadas no grupo experimental são devidas ao tratamento experimental ou se decorreram da interferência de variáveis estranhas.
76	Como foi visto, embora muitos experimentos em Ciências Sociais estejam limitados pelas próprias características dos sujeitos, pelos instrumentos de avaliação empregados, pelo fator tempo, pela disposição das pessoas envolvidas e pela natureza do experimento, há, todavia, grande tendência de pesquisadores e profissionais em fazer generalizações com base nos resultados dos experimentos, o que implica grave incorreção quanto à aplicabilidade dos experimentos.
77	5.1.1 Crítica aos métodos quantitativos
77	I. A concepção positivista de ciência, que insiste na aplicação dos modelos das Ciências Naturais às Ciências Sociais. Isto levou a esquecer que o objetivo dessas últimas são os seres humanos com suas crenças e práticas, e não a explicação de um fenômeno conforme determinadas leis científicas.
78	A separação entre fatos e seus contextos é característica básica do positivismo, que trata o mundo como um conjunto de fatos interligados.

	2. A redução da ciência ao campo do observável e a separação entre fatos e seus contextos supõem um método que seja adequado para testar a aceitação ou a rejeição de afirmações científicas com base em sua consistência com dados empíricos. Assim, os métodos quantitativos aperfeiçoaram-se e sofisticaram-se para poder explicar e "predizer" o comportamento humano.
	3. A ênfase no dado empírico e sua reificação levaram aos maiores questionamentos dos métodos quantitativos.
	4. A insistência de uma ciência livre de valores que podem distorcer ou prejudicar assuntos explicáveis "objetivamente". Com isso, os valores políticos e morais do cientista são considerados irrelevantes à verdade ou falsidade das teorias científicas. Assim, os cientistas sociais positivistas tentam eliminar a linguagem qualitativa que apresenta manifestações avaliativas políticas, morais ou ideológicas.
79	5. Em termos gerais, as Ciências Naturais veem o mundo físico como um objeto que deve ser controlado tecnologicamente pelo ser humano. Esse modelo, porém, não pode ser utilizado nas Ciências Sociais, pois não se pode considerar as pessoas como objetos manipuláveis, nem a organização da sociedade como um problema de engenharia para ser solucionado pelos cientistas.
	5.2 Métodos qualitativos
	O método qualitativo difere, em princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema. Não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas.
	Segundo W. Goode e P. K. Hatt (1973:398): <i>"a pesquisa moderna deve rejeitar como uma falsa dicotomia a separação entre estudos 'qualitativos' e 'quantitativos', ou entre ponto de vista 'estatístico' e 'não estatístico'. Além disso, não importa quão precisas sejam as medidas, o que é medido continua a ser uma qualidade"</i> .
	[...] justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. Tanto assim é que existem problemas que podem ser investigados por meio de metodologia quantitativa, e há outros que exigem diferentes enfoques e, conseqüentemente, uma metodologia de conotação qualitativa.
80	Uma modalidade de transformar dados qualitativos em elementos quantificáveis, bastante empregada por pesquisadores, consiste em utilizar como parâmetros' o emprego de critérios, categorias, escalas de atitudes ou, ainda, identificar com que intensidade, ou grau, um conceito, uma atitude, uma opinião se manifestam.
	[...] há domínios quantificáveis e outros qualificáveis. A prioridade depende da natureza do fenômeno analisado e do material que os métodos permitem coletar.
	Em princípio, podemos afirmar que, em geral, as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares. Os estudos que empregam uma metodologia

	qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.
	Isto se aplica, principalmente, quando se trata de investigação sobre fatos do passado ou estudos referentes a grupos dos quais se dispõe de pouca informação.
	[...] estudos dirigidos à análise de atitudes, motivações, expectativas, valores etc.
	Situações em que observações qualitativas são usadas como indicadores do funcionamento de estruturas sociais.
82	[...] a observação qualitativa é fundamental na explicação do funcionamento das estruturas sociais, é preciso reconhecer as implicações que diferentes concepções teóricas imprimem à análise da sociedade.
	No que diz respeito a procedimentos metodológicos, as pesquisas qualitativas de campo exploram particularmente as técnicas de observação e entrevistas devido à propriedade com que esses instrumentos penetram na complexidade de um problema.
	As pesquisas documentais exploram a análise de conteúdo e a análise histórica.
	Outro aspecto de importante aplicação metodológica da observação, é a investigação sobre o campo da atividade humana. Para isso, deve-se organizar um conjunto de informações ligadas a um sistema descritivo e, em seguida, aplicar categorias já levantadas por pesquisadores e proceder a posteriores estágios de análise.
	Lazarsfeld e Rosenberg (1955) expressa que da análise de uma série de observações, se pode obter uma gama de classificações desde a simples colocação das características em determinada ordem, suas relações uma com as outras, nível de estudo descritivo, até a construção sistemática em que cada tipo é representado por certo número de atributos.
87	5.3 Critérios científicos que devem cumprir ambos os métodos
	5.3.1 Confiabilidade
	Esse critério indica a capacidade que devem ter os instrumentos utilizados de medições constantes quando aplicados a um mesmo fenômeno. A confiabilidade externa refere-se à possibilidade de outros pesquisadores, utilizando instrumentos semelhantes, observarem fatos idênticos e a confiabilidade interna refere-se à possibilidade de outros pesquisadores fazerem as mesmas relações entre os conceitos e os dados coletados com iguais instrumentos.
	No método qualitativo, existe relação muito próxima entre pesquisador e informante, o que possibilita informações detalhadas; as inferências são superficiais, descrevendo-se em detalhe o concreto; é comum o uso de gravador para registrar entrevistas e observações para análises posteriores.
	No método quantitativo, as perguntas do questionário ou entrevista são formuladas clara e detalhadamente; mantém-se o anonimato do entrevistado para evitar distorção nas respostas; as definições são precisas e operacionalizam-se com indicadores de ambos os métodos.

	Em relação à confiabilidade interna, o método qualitativo apresenta problemas na identificação das categorias utilizadas e na codificação dos dados, particularmente pela complexidade do real ou concreto. No método quantitativo, a confiabilidade é maior, pois utiliza instrumentos padronizados e só alguns aspectos de um fenômeno.
	5.3.2 Validade
	Esse critério indica a capacidade de um instrumento produzir medições adequadas e precisas para chegar a conclusões corretas, assim como a possibilidade de aplicar as descobertas a grupos semelhantes não incluídos em determinada pesquisa.

FICHAMENTO - A DIMENSÃO SOCIOCULTURAL DO PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO TURÍSTICA EM TIBAU DO SUL/RN (Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.115-132, jan./abr. 2014. GONÇALVES, Salete)	
N. Pág.	CITAÇÃO
116	<i>Introdução</i>
	O turismo, na contemporaneidade, é um dos setores líderes no comércio internacional de serviços e um dos itens de exportação de muitos países (WTO, 2004).
	[...]na medida em que o turismo se sobrepõe às atividades econômicas pré-existentes desencadeia processos de desterritorialização e, conseqüentemente, a emergência de novas territorialidades com a entrada em cena de atores exógenos ao lugar turístico.
	Dentre as várias localidades turísticas onde tais processos se manifestam, temos Tibau do Sul, localizado na porção sul do litoral oriental potiguar. Nesse município, a atividade pesqueira e agricultura familiar foram as principais fontes de renda da população até 1970, quando a partir desse período surge, espontaneamente, os primeiros grupos de visitantes na praia da Pipa, situada a 7 km da sede municipal (TIBAU DO SUL, 2007), gerando, por sua vez, a constituição de novas territorialidades.
116- 117	São diversas as implicações envolvidas na apropriação das localidades turísticas pelos agentes exógenos, porém, esse artigo analisa de que forma o processo de reterritorialização desencadeado pelo turismo se manifesta na dimensão sociocultural do município de Tibau do Sul/RN.
117	<i>Os agentes atuantes no processo de territorialização turística</i>
	O mercado é um agente hegemônico no processo de territorialização turística. Tecnicamente é conhecido pela denominação de trade turístico, constituído pelos meios de hospedagem, agências de viagens, restaurantes e demais equipamentos que oferecem serviços para os turistas.
117- 118	Já o Estado, desempenha um papel considerável no ordenamento do espaço, inclusive nos destinos turísticos, assumindo um papel ímpar para sua estruturação e planejamento. Cabe ressaltar que esta instância de poder não pode se apresentar apenas como agente legitimador e reproduzidor das

	forças do mercado, mas como instituição que reflete o interesse dos setores majoritários da sociedade (HALL, 1999).
118	Moradores nativos e provenientes de outros estados brasileiros e do exterior, quer sejam proprietários de equipamentos turísticos ou estejam envolvidos (in)diretamente com esse fenômeno influenciam no processo de turistificação. A comunidade não deve perder sua própria identidade, sua unicidade. A cultura não deve ser comercializada, pois “o que de verdade dá sentido a um lugar é o conjunto dos significados, os símbolos que a cultura local imprime nele e é isso que leva o outro, forasteiro, a sentir, partindo de seus valores, o lugar ao qual se visita” (MARTINS, 2003, p.69). É essa individualidade que o torna diferencial em meio ao global. A particularidade de cada povo contribui para a atração de visitantes.
118	<i>A territorialização turística em Tibau do Sul/RN</i>
	Por estar situada em área litorânea, a destinação Tibau do Sul tem como segmento turístico predominante o sol & mar, destacando suas belezas paisagísticas naturais. [...]Paralelamente à expansão do turismo local, verifica-se significativo crescimento populacional, decorrente dentre outros fatores, ao aumento do fluxo migratório desencadeado pela referida atividade.
119-120	Dessa forma, Pipa, principal zona turística do município de Tibau do Sul, transformou-se de praia frequentada por mochileiros nos anos setenta, numa destinação internacional no início do século XXI, caracterizada por certa sofisticação, manifestada, por exemplo, em sua gastronomia. O turismo vai se expandindo e outras cidades também vão sendo refuncionalizadas e reterritorializadas, assumindo novos sentidos e significados para a população local.
120	<i>A dimensão sociocultural do processo de territorialização</i>
	Durante décadas, Tibau do Sul e precisamente Pipa, ficou isolada. O acesso era difícil, não havia transporte, as pessoas andavam a pé para Goianinha, Piau, Tibau, Barra de Cunhaú, Baía Formosa, Canguaretama e Pedro Velho (COSTA, 2002). Posteriormente, vieram os turistas tanto nacionais quanto estrangeiros com outra cultura, novos costumes e formas de produzir e consumir o espaço, formando a partir daí um novo território, através do processo de desterritorialização e reterritorialização, reinventando a cultura local e o estilo de vida.
121	Esse cenário remete a um processo de neocolonialismo, conforme discutido por Krippendorf (2001), em que os migrantes impõem seus valores, sua cultura e seu modo de produção sobre os nativos. Essa visão identifica que o outsider concebe o insider como um ser inferior, com baixo grau de educação e pouca cultura, corroborando com a estigmatização dos nordestinos e o desrespeito à alteridade.
127	Logo, para que o processo de reterritorialização cultural no turismo se torne um aliado da cultura é necessária uma sensibilização à interpretação e preservação dos bens culturais materiais e imateriais, bem como um planejamento adequado para que o turismo se desenvolva de forma sustentável. Não havendo distinção entre cultura superior do migrante e do

	turista em contraposição à cultura inferior do nativo, tal como defende Ribeiro (1986).
127	<i>Considerações finais</i>
128	Destaca-se que o processo de territorialização desencadeado pela atividade turística tem implicações em diversas esferas da vida social local, materializada na segregação espacial, porém, seu cerne se expressa na dimensão política, na relação entre o Empresariado – marcado predominantemente por outsiders que possuem negócios em Pipa – e o Poder Público local – composto por insiders que atuam e controlam a gestão municipal.
	Nesse contexto, entende-se Tibau do Sul como um campo de investigação, que perpassa por processos dialéticos de (des)(re)territorialização, nos quais ficam perceptíveis as contradições resultantes dos conflitos de poder existentes na localidade.
129	Pode-se observar passado e presente, simbolicamente representados no território, na relação Nativo/Turista, Lapinha/Techno, Comércio informal/Boulevards, Outsiders/Insiders, Residente nativo/Residente migrante, Ruas de barro/ Rota do sol, Casas de pescadores/condomínios fechados. Isso significa que não se pode simplificar a questão dentro da lógica econômica, pois ela é muito ampla, envolvendo elementos políticos, culturais e simbólicos complexos. O processo de (des) reterritorialização atribuído principalmente aos outsiders (turismo) é muito mais complexo do que as interpretações econômicas apresentam.

	Fichamento – Artigo: Níveis e formas de inovação nos empreendimentos da cadeia produtiva do turismo em Tibau do Sul/RN
Páginas	Citação
	SOARES , Juliana Cristina de Moura. ENDERS , Wayne Thomas. FERREIRA , Lissa Valéria Fernandes. ALEXANDRE , Mauro Lemuel de Oliveira. SOARES , Júlio César. Níveis e formas de inovação nos empreendimentos da cadeia produtiva do turismo em Tibau do Sul/RN. Revista de Turismo Contemporâneo – RTC, Natal, v. 1, n. 1, p.38-58, jul./dez. 2013.
07	Autores como Denwood et al (2008) afirmam que ao longo das últimas duas décadas tem havido um crescente foco no tema da inovação no setor do turismo, embora estudos revelem a limitação sistemática e de evidência empírica comparável ao nível de atividades inovadoras e de seus impactos e implicações mais amplas para os destinos e as economias nacionais.

07	Corroborando, Victorino, Verma, Plaschka e Dev (2005) destacam que, apesar dos benefícios da inovação de serviços serem aparentes, é difícil identificar como os gestores devem decidir sobre quais inovações implementar, sendo importante levar em conta tanto as desejadas pelos clientes, quanto às economicamente vantajosas para a empresa.
08	Conforme uma pesquisa feita por Firmino (2007), foram identificadas as seguintes definições de inovação em turismo, de acordo com empresários e gestores portugueses: oferecer novos produtos; melhorar o produto/serviço; ser único/diferente; qualidade; apostar nos recursos humanos e na aprendizagem; satisfação das novas necessidades do cliente; marketing; novos destinos; infraestruturas; novas tecnologias; copiar os outros, “já está tudo inventado”; novos mercados; proteger o ambiente.
08-09	Nota-se a amplitude de conceitos e categorias. Porém, é importante ressaltar que uma não exclui a outra, ou seja, podem se complementar. Dessa forma, a inovação cria um diferencial no mercado, que passa a ser uma vantagem competitiva, considerando que os clientes/turistas se preocupam em valorizar o dinheiro de que dispõem para o lazer, buscando novas experiências e uma gama de produtos e serviços sofisticados e criativos.
10	É uma localidade possuidora de vários tipos de negócios em turismo e existe há mais de vinte anos como atração turística, estando entre os 65 municípios brasileiros, reconhecidos pelo MTUR, como possuindo forte potencial de promover e induzir o desenvolvimento turístico nas regiões onde estão situados (Fundação Getúlio Vargas [FGV], MTUR & Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas [SEBRAE], 2009).
18	No caso do turismo, em que a globalização tem um efeito bipolar de ameaça e oportunidade, a inovação é ressaltada como um fator essencial para a busca da sustentabilidade de determinada região. O Brasil, o Rio Grande do Norte, e, em especial, Tibau do Sul, sendo um destino indutor do turismo, necessita melhorar a sua posição face a outros destinos, que estão sempre em busca de vantagens competitivas.

	Fichamento – Ebook: Mitos, Lendas e Histórias da Costa Branca Potiguar
Páginas	Citação e Resumo
	DOS SANTOS , Alana Driziè Gonzatti. Mitos, Lendas e Histórias da Costa Branca Potiguar. Rio Grande do Norte: IFRN – Campus Macau, 2019.

13-15	<p>Baleia do cruzeiro</p> <p>História da baleia que vive debaixo do cruzeiro por praga rogada por um religioso descontente pela população ter deixado de ir à sua festa para ir à missa. A cidade estaria condenada a afundar sobre as águas do mar. Ele dizia que quem ia causar esse afundamento seria uma baleia que estava embaixo daquele pequeno cruzeiro, em frente à igreja. Depois de soltar a maldição, o religioso foi embora da cidade e nunca mais foi visto. A cidade nunca afundou, mas dizem que, se você for ao cruzeiro, você consegue ouvir o barulho da baleia pressionando o ouvido na parede.</p>
15	<p>Já ouvi dizer que a história da cama de baleia é recorrente em todas as cidades do litoral entre a população que tem essas crenças, pois correm o risco de ser engolidas pelo mar, no geral, tem uma lógica da geografia baixa por trás dessas histórias.</p>
16-18	<p>O Batatão</p> <p>O tal do Batatão pode ser considerado uma bola de fogo, uma massa, não se sabe do que ele é composto. Mas as pessoas vulgarmente falam que é uma bola de fogo, que flutua e que pode perseguir as pessoas. Há muitos relatos e histórias sobre o Batatão por todo o estado do RN.</p>
18	<p>Algumas pessoas, ao tentarem explicar o fenômeno, dizem que a história surgiu após a implementação da Unidade de Produção da Petrobrás em Guamaré. Quando há aumento de pressão nos processos de produção de petróleo ou gás, há válvulas que passam os gases que não podem ser processados por tubulações até um queimador, que queima todos esses gases, o que causa uma grande chama. Outras pessoas que já visualizaram o fenômeno do Batatão dizem que o que ocorre é algo sobrenatural...</p>
60-61	<p>Papa Figo</p> <p>Os mais velhos faziam as crianças acreditarem que, caso saíssem sem permissão, o “papa figo” (homem negro, feio, que se vestia como um mendigo e usava um saco nas costas) correria atrás delas para comer seus fígados.</p>

	Fichamento – Livro: Derradeiras cartas da praia e outras notas sobre Tibau do Sul
Páginas	Resumo e citação
	GALVÃO, Hélio. Derradeiras cartas da praia e outras notas sobre Tibau do Sul. Rio Grande do Norte: Editora Clima, 1989.
11	Parte 1: Derradeiras Cartas da Praia

14	Com encontros e chamadas “assembleias de calçada”, os pescadores transpassam suas vivências de noites ao mar, com possíveis visões de criaturas sobrenaturais, gritos, arrastado de corrente, pessoas mortas sem saber que estão, avisos e tentativas de explicação da existência de algum fenômeno inexplicável. Surgem, assim, as lendas de Tibau do Sul. Uma população tradicional, simples e criativa, que desperta as pessoas, considerado um povo que não consegue ver-se parado, possuidor de fome de comunicação (oral). População educada que ultrapassa a falta das letras.
14	A finura da educação que ultrapassava a falta dos estudos
17	E ele (pescador Diso) me diz ter visto algumas visões que não eram deste mundo. [...] E para provar que não é fantasia refere uma visão horrível. E quando gritou: “ô alma o que é que tu queres?”, verificou que era um banco de areia deformado pelas sombras da luz do luar. Fala daquelas visões que fazem arrepiar os cabelos.
19	Na solidão em que vive, sente fome de comunicação.
19	É o último verão sobre esta terra, onde não há mais velhos. A memória do passado vai sendo apagada, o tempo desgastando tudo, as lembranças, as árvores, os caminhos, os animais. Há mudanças, e um problema: a história estaria perdendo-se e morrendo junto aos que a vivenciaram. A contação dessas lendas já se perde, mesmo sendo uma prática considerada fantástica. A contação e disseminação da história da cidade e tradição tornam-se essenciais para quem possui a intenção de valorização de sua terra e cultura local.
19	Acontecimentos que marcam a cidade são considerados respostas a algo cometido pela população, como a chegada de um homem desconhecido pedindo água, e essa sendo-lhe negada, assim, rogou uma praga à cidade que logo depois veio a ser derrubada por uma enchente da lagoa e do mar. O município era dividido entre as fluviais e desapareceu por inteiro por elas, tendo muitas especulações e crenças, porém os mais antigos acreditando nas lendas.
48	O desejo do diálogo já é diálogo. O que falta é compreender-nos.
50-51	Eu acho que é preciso preservar essas riquezas do nosso patrimônio artístico.
60	Parte 2: & Outras Notas Sobre Tibau do Sul
61-62	Dificuldade da fundação da cidade por interesse e preconceito dos demais municípios, sendo Tibau considerada na época como aldeia, pelo motivo de não possuir fácil acesso (logo depois foi resolvido com a construção de uma estrada de ligação), além de ser estreita e habitar em um de seus distritos quilombolas e indígenas.

62 - 94	Para o nordestino, advogado, historiador e amante de sua terra natal, Hélio Galvão – o qual redigiu, em 1953, o projeto de fundação do distrito administrativo que transformar-se-ia na Cidade conhecida atualmente como Tibau do Sul – a riqueza de um povo não se encontra materialmente, e sim em suas vidas, na forma de fala, costumes, tradições e sua própria terra. Resumindo: de forma imaterial, sentimental.
91	O município que surgiu a partir de pontos pesqueiros, isolado, e praticamente invisível para a sociedade, sendo hoje famoso por sua beleza, carrega consigo histórias que se cruzam, vai além de beleza e visões, porque apesar de, inicialmente, os moradores locais não compreenderem as leis humanas escritas, entendem a “Lei da vida” e levam em seus pensamentos as memórias repassadas oralmente de pais para filhos.
91	Não se pode desejar documentos mais expressivos para a demonstração de uma tese que os documentos não registraram, mas que o povo anotou na memória.
Cap. 4 P.75- 84	Fatos, lendas e estórias
77-78	O portador do dia Caçador viajante descobrindo uma tradição de um povo que, durante toda madrugada, saem à procura do dia com balaios e potes. Ele indo junto e os mostrando um novo jeito do dia chegar: um galo o traria com seu canto. E assim acontecia toda manhã, deixando os moradores satisfeitos e o viajante rico com a compra dos galos.
81-82	Haja-pau Menino travesso encarregado de levar o almoço do pai para a roça, e que acabou comendo, deixando apenas ossos e o homem furioso, agredindo a mãe e o filho gritando e comemorando “haja-pau, haja-pau”. Essa, por sua vez, no desespero da dor, rogou uma praga para seu filho: quando morreres, filho malvado, teu espírito não terá sossego. Assim, na morte do menor, sua alma continua a voar invisível pelo espaço afora repetindo as mesmas palavras em gritos desesperados nas madrugadas: haja-pau, haja.
84	Mão que seca Lenda da menina que, por birra, bateu na cara da mãe e a mesma mão secou imediatamente, ficando mais fina. “É razão por que o povo repete ainda hoje: Quem dá na mãe, seca a mão”
123	Se quiser maior rapidez, recite o versinho: Corre, corre cavaleiro/ Vai à porta de São Pedro/ Pedir à Santa Luzia/ Que mande seu lencinho dela/ Para tirar este argueiro. Mas nem precisa incomodar Santa Luzia. Basta o caroço de alfavaca. Como os meninos do mato sabem medicina.

135- 137	<p>As Lendas das Guaraíras</p> <p>Fundaram os jesuítas na Aldeia de Guaraíras. Cinco Missionários deixaram sinais de sua passagem: Luiz Pinto, José dos Reis, Jerônimo de Albuquerque, Sebastião Figueiredo e Gaspar da Silva. [...] Certo índio da Aldeia de Guaraíras em momento de retorno sentimental à vida selvagem, esquecido das lições que recebia, matou a criança. Matou e comeu. O povo com reações violentas dos parentes das vítimas, imolada à tradição da antropofagia [...].</p> <p>O superior da Missão não pôde omitir-se nas circunstâncias, mas não podia usar a arma da violência, segundo métodos da catequese de Santo Inácio. Tinha, porém, que impor o castigo exigido. E mandou que o índio, farto ainda das carnes da criança, fosse ficar dentro d'água, até que fosse chamado.</p> <p>E o índio lá ficou, mas quando foi procurado não se encontrou.</p> <p>Começou então a aparecer um Peixe-Boi indo e vindo. Alta noite, o que se ouvia, subindo das águas salgadas da lagoa era o gemido pavoroso, horripilante, dolorido, inesquecível. A tremenda expiação devia perdurar por muitos anos, segundo a sentença do missionário. Os pescadores iam pescar e voltavam, a rede enxuta.</p> <p>O Peixe-Boi aparecia. De lá debaixo subia o gemido cortante, agoniado e rouco. Era o índio que devorará a criança, condenado àquele suplício.</p>
140	Quem com muitas pedras bole, uma lhe cai na cabeça.

Fichamento - Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial.

N. Pág.	CITAÇÃO
	MELO, Alessandro; CARDOZO, Poliana. Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial. 2015, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR
2	1-Introdução
	O patrimônio é compreendido como a objetivação da produção histórico-social da humanidade, e, portanto, necessita ser socializada, o que é o objetivo da educação patrimonial.
	Um pensamento similar ao da Unesco, que, em 1972, na Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, afirma que a destruição de um patrimônio “[...] constitui um empobrecimento efectivo do património de todos os povos do mundo.”
3	O turismo cultural pautado pela ação de visitação e conhecimento do patrimônio cultural possui um sentido educativo, pois é uma mediadora no processo de socialização e apropriação dos bens humanos materializados nos patrimônios, que são os atrativos das cidades turísticas.
3	2. A concepção de patrimônio em geral

	O senso comum conceitua o patrimônio como sendo tudo o que se tem em posse, o que se acumula na vida, material e imaterialmente, fruto do trabalho.
4	O patrimônio, em especial o patrimônio cultural objeto da educação patrimonial, é definido como todo patrimônio que resulta da ação humana, ou seja, das ações das pessoas em sociedade. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) dividem em três os tipos de patrimônio cultural: Monumentos, Edificações e Sítios.
	O patrimônio de uma sociedade é uma escolha desta sociedade sobre aquilo que lhe é mais representativo, e esta escolha depende das relações sociais constituídas no interior da sociedade, o que significa relações de força e de hegemonia, compreendida esta como a capacidade que um determinado grupo tem de mobilizar a maior parte da sociedade, ou toda ela, em torno de seu projeto, pautado, sobretudo, no convencimento, não na força física. (GRAMSCI, 2001)
5	O patrimônio em todas as suas formas é o resultado das ações humanas legadas para as próximas gerações, sejam elas objetivadas em edifícios ou um conjunto urbano de caráter histórico, seja na forma imaterial, objetivada nas tradições, formas de fazer, de construir artefatos ou instrumentos musicais, de produzir alimentos, de pinturas corporais e outras manifestações.
	Desta forma, conhecer os diferentes tipos de patrimônio, e se apropriar da forma como cada um é e foi desenvolvido, as motivações e escolhas envolvidas no ato de transformação das produções humanas em patrimônio, significa promover os indivíduos a uma condição cultural mais elevada, no sentido da sua formação mais rica de elementos culturais. É justamente esta riqueza o objetivo da ação educativa, de caráter intencional, que permeia a atividade turística cultural.
6	A atividade turística, ao colocar frente a frente turistas e o legado cultural na forma de patrimônio, propicia o intercâmbio e, logo, a apropriação deste legado, que está objetivado em diferentes formas, que, direta ou indiretamente são expressões das diferentes formas humanas de ser e existir no tempo e no espaço. Ao realizar uma ação educativa no patrimônio, o que se faz é planejar metodologias e conteúdos para fazer com que aquele que não conhece o patrimônio, o turista, se aproprie destas formas humanas de expressão.
	[...] a atividade turística pode realmente ser um veículo de aproximação dos povos e, logo, promotora de uma cultura da paz e do respeito à diversidade cultural.
7	3. O patrimônio cultural: material e imaterial
8	[...] a análise produzida por Barretto (2003), voltada para as discussões sobre patrimônio. A autora afirma que o reconhecimento do que é culturalmente relevante para ser denominado de patrimônio cultural varia conforme o conceito que se tenha de cultura e de relevância cultural, que são, por sua vez, conceitos que respeitam a dinâmica histórica e as relações sociais.
	No período anterior ao advento e dominância da <i>nouvelle histoire</i> , a concepção de patrimônio cultural era a de que este se compunha dos

	elementos marcantes de uma história dos grandes acontecimentos, dos grandes personagens históricos, dos heróis nacionais, os grandes monumentos que faziam alusão a estes heróis etc. O que valia era o que a chamada História Oficial contava.
9	Esta interpretação do significado do que é ou não patrimônio, conferida desde a ascensão da <i>Escola dos Annales</i> , está materializada no chamado patrimônio imaterial, estabelecido pela Unesco na Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial ocorrida em 17 de outubro de 2003, em Paris. (UNESCO, 2003) Neste documento salienta-se uma preocupação com o papel do patrimônio imaterial sobre as relações humanas, ou seja, o patrimônio cultural imaterial é uma fonte, segundo a Unesco, do reconhecimento e respeito à “[...] diversidade cultural e garantia de desenvolvimento sustentável.”
9-10	Outra ênfase do texto está no reconhecimento de que o patrimônio imaterial é produzido e mantido pelas comunidades, como as comunidades indígenas, sendo um fator importante para enriquecer a “diversidade cultural e a criatividade humana” (UNESCO, 2003, p. 3) e, ainda, aponta para a necessária conscientização das novas gerações a respeito deste tipo de patrimônio da humanidade.
10	Entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua História, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2003, p. 4)
	[..] o que se privilegia como patrimônio imaterial são as representações, saberes, expressões, celebrações, crenças e lugares culturais, que são parte importante da construção das identidades de grupos que sempre foram desconsiderados. Está expressa no texto a valorização de tudo aquilo que advém das comunidades tradicionais e do povo em geral, cuja transmissão se dá ainda pela cultura oral e geracional, ou pelo aprendizado da experiência etc.
	No Brasil a Resolução nº 1, de 3 de agosto de 2006, do Iphan, dá ao conceito de patrimônio cultural imaterial algo que lhe é inerente, ou seja, seu caráter “dinâmico e processual” como fator de identidade de grupos sociais e de indivíduos.
11	De qualquer forma, seja material ou imaterial, o patrimônio, como foi visto, é sempre o resultado da ação humana e, logo, deve ser democratizada a apropriação destes patrimônios para toda a população, num projeto educacional mediado pelo turismo.
12	4. A preservação/conservação do patrimônio como objetivo da ação turística e educativa
	A política de patrimônio tem como objetivo a preservação e conservação do conjunto do patrimônio pertencente ao povo em questão. Sem esta ação preliminar, a ação do tempo ou outras transformações mal planejadas podem danificar irremediavelmente o patrimônio e, com isso, perder-se a

	possibilidade de utilizá-lo da forma como vimos discutindo até aqui. O patrimônio cultural, material ou imaterial, somente tem sentido se existir de forma que possa ser apropriado pelos visitantes.
Fichamento - Identidades culturais e patrimônio imaterial ou se como se constrói um potiguar.	
N. Pág.	CITAÇÃO
NETO, João. Identidades culturais e patrimônio imaterial ou se como se constrói um potiguar. 2010, Artigo originalmente publicado na Revista Ciência Sempre, v. 16, p. 190-197, 2010.Natal/RN.	
1	<i>Patrimônio Imaterial e Identidade potiguar: questões pertinentes</i>
2	Segundo informações contidas no Relatório Final do Subprojeto do Patrimônio Imaterial potiguar, foram mapeados no estado mais de 600 bens passíveis de serem classificados como patrimônio imaterial, embora desse universo só tenham sido relacionados no Relatório Final 146 bens intangíveis.
3	Geralmente, a noção de patrimônio imaterial é contraposta a percepção de cultura popular atribuída aos folcloristas, enfatizando que estes compartilhariam duma visão dicotômica dos bens culturais do povo, pois quase sempre, os tomavam como uma espécie de “prima pobre” da cultura erudita, em estudos orientados pela busca incessante da originalidade e autenticidade dessas tradições, percebendo-as como algo dado e naturalizado e não como construções, invenções. Além disso, tendiam a analisar essas manifestações culturais desconsiderando seu contexto de produção, enfatizando mais os bens culturais que os indivíduos que produziam, materializavam esses bens.
4	No Relatório final do Subprojeto Patrimônio Imaterial Potiguar, reitera-se com demasiada freqüência a riqueza, a beleza, a diversidade, a onipresença de um patrimônio cultural que abunda nos quatro cantos do estado, mas paradoxalmente, aponta-se a necessidade de apresentá-lo, comunicá-lo, divulgá-lo aos norte-rio-grandenses. Isso significa que temos um rico patrimônio, mas que não nos reconhecemos nele, ou antes, não o reconhecemos como tal? Se assim o é, o que lhes garante a condição de “nosso” patrimônio?
5	[...] ao mesmo tempo em que se divulgava o rico patrimônio cultural presente em todo o estado, se objetivava também transformá-lo em fonte de desenvolvimento, em torná-lo um bem comercializável. Era a materialização do que David Harvey (2005) chamou de produção do espaço capitalista.
	[...] utiliza-se uma categoria abstrata – patrimônio imaterial – como se fosse um dado a priori, algo lógico, evidente. Assim, os bens culturais já estariam lá, só à espera de catalogação e classificação, bastando agora incluí-lo em umas das quatro categorias: saberes, celebrações, formas de expressão ou lugares de sociabilidade.

	Fichamento – Livro: Literatura Oral do Brasil
--	--

Páginas	Citação
	CASCUDO , Luís da Câmara. Literatura Oral do Brasil. São Paulo: Editora Global, 1ª edição digital, 2012.
06-07	Os livros eram raros na fazenda [...] os livros eram raros nas fazendas. Raríssimo o livro de reza e mais ou menos fácil o de deleite [...] os ditados, provérbios, frases-feitas eram moeda corrente no comércio diário familiar. Recorriam aos exemplos sacros e aos reparos dos antepassados: — Como dizia meu avô: um gambá cheira o outro... E as imagens expressivas: — dar nó em pingo d'água, comprida como paciência de pobre, boca aberta como sino. O caçador vivia da boca de uma espingarda. O pescador vivia da vontade dos peixes. Depois da ceia faziam roda para conversar, espairar, dono da casa, filhos maiores, vaqueiros, amigos, vizinhos. Café e poranduba. Não havia diálogo, mas uma exposição.
08	Não é bem lógico indicar uma fonte impressa como se fosse uma estória popular. Creio mais num tema anterior que influencia as duas personalidades distintas. Certamente a fonte impressa suprime as deficiências das falhas na transmissão oral. Ao lado do povo que sabe e conta as estórias de Trancoso e de Fadas, os livros mantêm em circulação os mesmos assuntos no público infantil sucessivamente renovado.
13	Essa literatura, que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando horizontes maiores. Sua característica é a persistência pela oralidade. A fé é pelo ouvir, ensinava São Paulo.
13	Duas fontes contínuas mantêm viva a corrente. Uma exclusivamente oral, resume-se na estória, no canto popular e tradicional, nas danças de roda, danças cantadas, danças de divertimento coletivo, ronda e jogos infantis, cantigas de embalar (acalantos), nas estrofes das velhas xácaras e romances portugueses com solfas, nas músicas anônimas, nos aboios, anedotas, adivinhações, lendas etc. A outra fonte é reimpressão dos antigos livrinhos, vindos de Espanha ou de Portugal e que são convergências de motivos literários dos séculos XIII, XIV, XV, XVI, Donzela Teodora, Imperatriz Porcina, Princesa Magalona, João de Calais, Carlos Magno e os Doze Pares de França, além da produção contemporânea pelos antigos processos de versificação popularizada, fixando assuntos da época, guerras, política, sátira, estórias de animais, fábulas, ciclo do gado, caça, amores, incluindo a poetização de trechos de romances famosos tornados conhecidos.
16-17	Os arqueólogos estudam os povos mortos cujos restos culturais e duráveis sobrevivem. Os sociólogos fixam as persistências psicológicas na coletividade, pesquisando se, acomodação e influência. Os antropólogos encontram “primitivos contemporâneos”. Os eruditos da novelística acompanham as relações, desenvolvimento, irradiação dos

	temas intelectuais. Os músicos seguem a criação das linhas melódicas, a presença do ritmo, a surpresa das soluções harmônicas nos brancos, negros e indígenas. Os médicos têm ao seu alcance e exame os processos de magia aplicada à terapêutica, as técnicas medicamentosas, a ciência secreta das orações, sugestões, articulando-se com as pesquisas psiquiátricas. Não é preciso argúcia para determinar a importância da Literatura Oral nas ciências pedagógicas e a experiência credenciada pela psicologia popular para os conhecimentos administrativos. Quando o estudo da religião, mitos, lendas, superstições, ritos, alimentação, utensílios domésticos etc., se confunde com os objetivos da Etnologia e mesmo da Antropologia cultural, a Literatura Oral é uma “constante” folclórica que não pode ser discutida.
45	Canto, dança, mito, fábula, tradição, conto, independem de uma localização no espaço. Vivem numa região, emigram, viajam, presentes e ondulantes na imaginação coletiva. A lenda é um elemento de fixação. Determina um valor local. Explica um hábito ou uma romaria religiosa. Iguais em várias partes do Mundo, semelhantes há dezenas de séculos, diferem em pormenores, e essa diferenciação caracteriza, sinalando o típico, imobilizando-a num ponto certo da terra. Sem que o documento histórico garanta veracidade, o povo ressuscita o passado, indicando as passagens, mostrando, como referências indiscutíveis para a verificação racionalista, os lugares onde o fato ocorreu.
46	Sua caracterização é compreendida quando uma tradição é evocada. Quase sempre se inicia pela frase: — os antigos diziam... Não é uma lenda, nem um mito, fábula ou conto. É uma informação, um dado, um elemento indispensável para que se possa sentir o conjunto mental de um julgamento antigo, de meio século, de cem anos, do século XVIII.
91	Esse conjunto de estórias, lendas, danças e cantos completa o sentido da vida indígena. Não o pode dispensar porque explica o mundo, justificando-o aos olhos de sua curiosidade. Todas as coisas têm uma História no Tempo e uma estória para sua divulgação compreensiva, a parte exotérica da cultura ameríndia.
103	O indígena tudo explicava naturalmente dentro da vida assombrosa em que vivia. Estrelas, manchas negras no céu, época das enchentes, chuvas, escuro da noite, animais, rios, viveram sob outra forma, entre os indígenas, há muito tempo, quando só existiam os avós das coisas e entes atuais, o avô da tartaruga, o avô dos macacos.
104	Na fábula pode intervir o sobrenatural, mas esse não é o elemento típico. Nas lendas é a própria atmosfera. E é preciso crer porque elas se articulam com o patrimônio da tribo que nos hospeda. Quando a fábula denuncia sua versatilidade pela etimologia, lembrando a conversa, a palavra, o entreter das horas, com humor ou tristeza nos contos e vocados, a lenda, legenda, traz a ideia da leitura, do gráfico, a imobilidade que se reveste de um ligeiro ritual, determinando a meia certeza da credulidade.

104	<p>A “constante” da lenda é o traço religioso. Exige igualmente uma ação, um desenrolar, um plano lógico, no utilitarismo tribal. Não há, quase, lendas inúteis e desinteressadas. Todas doaram alguma coisa, material ou abstrata. A lenda dos indígenas brasileiros não teve a extensão da fábula ou do mito. Resiste quando adaptada à mentalidade mestiça. Só é evocada no seio das tribos ou nas páginas dos registos de viagens. É mais citada nos livros que lembrada no espírito do povo. Uma aventura do Matinta-pereira é de fácil depoimento nos arredores de Belém do Pará. Inútil perguntar ao informador pelas lendas. Contará mitos.</p>
105	<p>Origem da mandioca:</p> <p>Em tempos idos apareceu grávida a filha dum chef e selvagem, que residia nas imediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém. O chefe quis punir, no autor da desonra de sua filha, a ofensa que sofrera seu orgulho e, para saber quem ele era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos. Tanto diante dos rogos como diante dos castigos a moça permaneceu inflexível, dizendo que nunca tinha tido relação com homem algum. O chefe tinha deliberado matá-la, quando lhe apareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ela efetivamente era inocente, e não tinha tido relação com homem. Passados os nove meses ela deu à luz uma menina lindíssima, e branca, causando este último fato a surpresa, não só da tribo, como das nações vizinhas, que vieram visitar a criança, para ver aquela nova e desconhecida raça. A criança que teve o nome de Mani, e que andava e falava precocemente, morreu ao cabo de um ano, sem ter adoecido, e sem dar mostras de dor. Foi ela enterrada dentro da própria casa, descobrindo-se e regando-se diariamente a sepultura, segundo o costume do povo. Ao cabo de algum tempo brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar. Cresceu, floresceu, e deu frutos. Os pássaros que comeram os frutos se embriagaram, e este fenômeno, desconhecido dos índios, aumentou-lhes a superstição pela planta. A terra afinal fendeu-se; cavaram-na e julgaram reconhecer no fruto que encontraram o corpo de Mani. Comeram-no, e assim aprenderam a usar da mandioca. O fruto recebeu o nome de MANI OCA, que quer dizer: casa ou transformação de Mani, nome que conservamos corrompido na palavra mandioca, mas que os franceses conservam ainda sem corrupção 134.</p>
185	<p>A Literatura Oral é mantida e movimentada pela tradição. É uma força obscura e poderosa, fazendo a transmissão, pela oralidade, de geração a geração. Ninguém defende essa virtude mnemônica, nem há um exercício para sua perpetuação. Antes, todos negam possuir o patrimônio das estórias e anedotas, mitos e fábulas, dizendo-o próprio para as velhas do outro tempo ou os moradores de aldeias.</p>
186	<p>Essa literatura foi crescendo e veio, de onda em onda, até o vagalhão em tempo de Mouros. Tudo se juntou, misturou, coloriu. Vinham elementos locais, gregos, cartagineses, romanos, álamos, visigodos, vinte, trinta tintas para a mesma paleta.</p>

191	O português emigrava com o seu mundo na memória. Trazia o lobisomem, a moura encantada, as três cidras de amor, a Maria Sabida, doce na morte, agra na vida, as andanças do Malazarte fura-vida, todo o acervo de estórias, bruxas, fadas, assombrações, homem de sete dentaduras, moleque da carapuça vermelha, hiras, alamoas, cabra-cabriola, gigantes, príncipes, castelos, tesouro enterrado, sonho de aviso, oração-forte, medo do escuro...
193	Os contos populares de Portugal trouxeram para o Brasil estórias religiosas, as de encantamento, com o processo europeu de narrativa, foz de vários rios srcinais. As tradições mais bonitas e conhecidas são, quase totalmente, de fundo comum no Continente, entretecidos os fios de muitas e distintas procedências. Difícil será um conto popular sem correspondência alienígena.
213	Falares, Exemplos, Rumores, Novelas, as estórias continuam, atuais e vivas, envolvendo auditórios nas recordações de um passado de assombro e de sugestão irresistível. É um documento mais expressivo que o utensílio da choça, arma, cerâmica, residência. Denuncia, ao simples enunciado, todo um depoimento moral e fiel de civilização real e própria, pormenorizando a mentalidade do grupo, da família ou da sociedade, organização, sistema de castigar e premiar, combater e manter-se, a situação dos elementos componentes em face do amor ou da fome, direito do rei, do pai, do chefe, do estrangeiro, do soldado, do trabalhador. Diz-se, em tintas claras, indeléveis como num desenho rupestre, como sinceramente se realiza a caça, a pesca, o trabalho no campo, gado ou plantio, a impressão coletiva sobre os dados imediatos da moral religiosa comparados com a lógica utilitária da narrativa.
271	Nos contos populares brasileiros não há fórmula alguma no meio da narrativa e nem maneira especial para acompanhar um personagem em detrimento de outro. O narrador segue a estória de cada um até a situação aproximativa do desenlace. Os contos com trechos musicados são raríssimos.

Fichamento - Os Usos Turísticos das Manifestações Culturais de Pipa-Tibau do Sul-RN.

N. Pág.	CITAÇÃO
	FERREIRA, Karine Santana. Os Usos Turísticos das Manifestações Culturais de Pipa-Tibau do Sul-RN. 2015, (monografia)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN.
12	1-Introdução
	A cultura está diretamente ligada ao turismo, ambos se caracterizam pela necessidade de deslocamento a outros destinos, territórios e lugares, havendo contato e troca com o conjunto de indivíduos de culturas distintas, bem como, o modo de viver, comer, vestir-se, de preparar o seu alimento,

	seus costumes, tradições, músicas, artes etc. constituindo o seu patrimônio cultural
	As manifestações culturais que se encontram presentes nos destinos turísticos podem adquirir significados para os visitantes de conhecimento, admiração, aprendizado e lembranças do destino visitado.
	No contexto da diversificação de atrativos turístico, sabemos que a praia da Pipa, Tibau do Sul-RN é caracterizada pelas belas paisagens praianas, compostas por falésias, dunas, vegetação de restingas, resquícios de mata atlântica e entre outros fatores peculiares á caracteriza como um destino que ressalta as belezas naturais para destacar-se no cenário turístico, como podemos constatar no material promocional o ferido pelo destino no seu <i>website</i> .
13	As razões para o aumento da demanda desta modalidade de turismo são amplas, segundo Waitt (2002) ao apontar que o turismo cultural se deve a necessidade de ir ao encontro de “identidades culturais” específicas que no imaginário desses potenciais turistas, estariam fadadas ao desaparecimento alardeado “globalizado”.
	Estudos que foram realizados em âmbito internacional mostraram que o crescimento das viagens em que a cultura foi a principal motivação foi ampla, demonstraram que há facetas positivas no que diz respeito a vantagens financeiras, sociais e ambientais resultantes do desenvolvimento MTUR (2010, p.36).
18	2-Pressupostos teóricos
	2.1 Turismo e Patrimônio Cultural
	Lemos (2006) sugere que patrimônio cultural e dividido em três grandes categorias de elementos: relacionados natureza, ao meio ambiente; ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao saber fazer; e por fim considerado o mais importante, os que “reúne os chamados bens culturais que englobam toda sorte de coisas, objetos, artefatos e construções obtidas do meio ambiente e do saber fazer” (LEMOS, 2006, p.8-10).
	Podemos considera como conteúdos culturais “o conjunto das manifestações oriundas dos indivíduos de uma comunidade, pode ser reunir os aspectos folclóricos, modos de vida, costumes, crenças e maneiras de encarar a vida, gastronomia, vestimenta, tipos de edificações, artesanato, manifestações artísticas e outros de carácter comportamental” (BAHL, 2004, p.65-66).
25	2.2 Considerações Sobre Atrativos Turísticos e Manifestações Culturais
26	É sabido que as atrações turísticas estão divididas em três categorias: atrações culturais, fundamentadas em atividades de cunho humano; atrações naturais; baseadas em traços do meio natural; e tipos especiais de atrações, as artificiais, Inskeep (1991).
	O conceito de atrativo turístico está ligado ao grau de atratividade determinada pelo turista para outro turista, os atrativos turísticos estão diretamente ligados e relacionados às motivações de viagens dos turistas e

	avaliação que estes fazem dos elementos. É comum que esses elementos formam o cotidiano dos moradores da localidade onde se encontra o destino turístico. (INGARRA, 1999).
27	2.3-Turismo Cultural
28	O turismo cultural é definido como “visita de pessoas de fora da comunidade receptora motivadas completamente ou em parte por interesses na oferta histórica, artística, científica ou no estilo de vida, tradições da comunidade, religião, grupo ou instituição” (SILBERBEREG, 1995, p.361).
	A cultura tem seu papel importante na formação e construção dos atrativos turísticos dos destinos turísticos.
33	4- Análises dos dados
35	4.2-As manifestações culturais
	Na praia de Pipa, Tibau do Sul-RN, podemos destacar as seguintes manifestações culturais: a capoeira, o artesanato, as pinturas e alguns eventos que retratam a realidade cultural da localidade tais como; o festival gastronômico e o festival literário.

FICAMENTO -Políticas Públicas de Turismo e de Cultura no Brasil: uma análise comparada de planos das esferas nacional, estadual e municipal	
N. Pág.	CITAÇÃO
	TOMSON DE ABREU, Mariana et al. Políticas públicas de turismo y de cultura en Brasil: un análisis comparado de planos de la esfera nacional, regional y municipal. ROTUR. Revista de ocio y turismo, v. 13, n. 2, p. 57-67, 2019.
58	<i>Introdução</i>
	Turismo e cultura têm uma relação intrínseca visto que os produtos culturais são um recurso relevante para muitos destinos. Essa interação se reflete também no setor público, sendo comum encontrar as duas áreas unidas em um mesmo órgão como em secretarias estaduais e municipais.
	[...] a interação entre os dois setores desde a formulação das políticas públicas tem o potencial para beneficiar ambos, ou seja, o turismo potencializa o uso dos espaços culturais e a cultura pode ampliar o leque de formas do turismo e de atrativos, além de agregar conhecimento à experiência turística.
59	<i>Antecedente</i>
	As políticas públicas, para fins de análise, são consideradas como um ciclo composto pelas seguintes etapas: agenda; formulação; implementação e avaliação dos resultados.
	<i>Validade interna, credibilidade e autenticidade</i>
	O primeiro diz respeito ao uso da triangulação, que pode contribuir para a diminuição da influência dos vieses do pesquisador no resultado final das análises. O segundo diz respeito à consideração e explicitação das explicações racionais. Como mencionei anteriormente, as explicações alternativas podem justificar diferenças entre os resultados encontrados e o que era esperado a partir da fundamentação teórica escolhida para o estudo. Além disso, garante que as afirmações que estão sendo feitas estejam

	adequadamente contextualizadas. O terceiro elemento que contribui para a validade interna da pesquisa qualitativa é a utilização de avaliadores que corroborem as análises originais do pesquisador.
	Confiabilidade
	A confiabilidade refere-se à consistência da pesquisa.
24	Bruyne, Herman e Schoutheete (1977:35) sobre a coerência entre os diversos pólos da prática metodológica: Podem ser distinguidos quatro pólos metodológicos no campo da prática científica: epistemológico, teórico, morfológico e técnico. eles não configuram momentos separados da pesquisa, mas aspectos particulares da mesma realidade de produção de discursos e de práticas científicas. Toda pesquisa engaja, explícita ou implicitamente, estas diversas instâncias; cada uma delas é condicionada pela presença das outras e esses quatro polos definem um campo, metodológico que assegura a cientificidade das práticas de pesquisa.
	A validade externa e transferibilidade
	A validade externa e a transferibilidade dizem respeito ao fato de as conclusões serem transferíveis para outros contextos. Em outras palavras: se elas podem ser generalizadas.
	Generalização está ligada à possibilidade de fazer conexões com outras partes não estudadas do caso e também com outros casos. Muda-se o foco de "o que é" para "o que pode ser" ou "o que poderia ser". Essa é uma questão fortemente vinculada à teorização. É uma boa teoria de fundo que atribui ao trabalho qualitativo o poder de generalização.
25	Utilização, aplicação, ação orientadora
	Refere-se à dificuldade de se saber "para que serve" uma pesquisa. Três perguntas podem ajudar na avaliação da pesquisa qualitativa em relação a esse aspecto: 1. Os resultados estimulam a elaboração de novas hipóteses de trabalho? 2. Que nível de conhecimento útil é oferecido? Pode variar desde aumento de conhecimento até recomendações de ações específicas. 3. Os resultados ajudam a resolver problemas locais?

FICHAMENTO - Turismo Cultural como forma de educação patrimonial para as comunidades locais (RIBEIRO, 2008)

RIBEIRO, Marcelo; DE OLIVEIRA SANTOS, Eurico. Turismo cultural como forma de educação patrimonial para as comunidades locais. Itinerarium, v. 1, n. 1, p. 73, 2008.

N. Pág.	CITAÇÃO
2	Introdução
	O patrimônio é então elo de ligação entre o passado, presente e futuro, de acordo a valores simbólicos, estéticos, culturais e sociais dados a ele.
	Autores como Hernandez e Tresseras (2001), definem que o patrimônio cultural constitui um dos recursos básicos para a configuração de um destino turístico que devemos valorizar e transformar em um produto a serviço do desenvolvimento local duradouro.

	[...] é importante ressaltar que esta valorização do patrimônio passa pela eleição de valores que este patrimônio possui para a comunidade local onde ele está ou estão inseridos e para os grupos de atores sociais que ali vivem.
3	<i>Educação patrimonial, turismo, valorização e inserção cultural</i>
	A educação patrimonial é entendida como um caminho pedagógico na construção da valorização dos bens patrimoniais em determinados espaços onde convivem diferentes grupos sociais
	Ainda podemos acrescentar que o patrimônio também é formado por saberes, celebrações e formas de expressão de um povo: festas, gastronomia, artes e artesanato, língua e forma de falar, relações sociais e valores sociais de uma comunidade representada nos espaços público, popular e coletivo.
4	Para Machado (2004), a ação mais eficaz para garantir a preservação do patrimônio cultural passa, necessariamente pelo conhecimento e pela difusão da sua existência, ou seja, a educação das futuras gerações é condição necessária para a apropriação e conservação do patrimônio de uma comunidade, seja ela local, regional ou mesmo nacional.
4 - 5	O sentido de preservação no entender de Marés, “não é pela materialidade existente, mas pela representação, evocação ou memória que lhe é inerente”, ou seja, preserva-se porque determinado bem material tem um valor – é portador de referências para a sociedade ou para segmentos dela, inclusive como forma de dominação.
5	<i>Turismo cultural – visitar através da história do lugar</i>
	Pode-se definir aquele turista que busca a cultura próxima da autêntica daquele que busca o espetáculo, cuidando de observar o perfil de cada grupo ou indivíduo e qual é sua intenção de busca.
6	[...] o turista cultural é curioso por natureza (Santana, 2003) e tenha ou não no destino turístico o exotismo, ele necessita tanto como o turista de massa de algo conhecido que lhe dê confiança e inspire segurança.
7	A valorização de tais manifestações culturais passa também por um processo de escolha de diversos setores, além do grupo envolvido, da comunidade local e dos setores públicos, temos também o contexto econômico e o contexto científicos-profissional (Universidades e instituições de pesquisa) no que diz respeito a sua originalidade e sua importância como patrimônio intangível.
9	É necessário entender que o setor turístico organizado como se conhece é um setor empresarial como qualquer outro e segue, portanto, uma lógica de maximização de benefícios e minimização de riscos. Dentro desta lógica, a empresa turística pode se aproveitar do patrimônio para vender seus serviços, porém segundo Valls (1996), dificilmente ativará recursos patrimoniais para convertê-los em produtos turísticos.
	A relação entre setor privado e empresários do turismo e o patrimônio pode ser considerada como uma relação comercial, porém cabe destacar que sem um o outro não sobrevive, claro está que a diminuição de visitas a determinados sítios históricos é uma das estratégias de contenção de impactos negativos ao patrimônio, negociado a partir da ameaça que este patrimônio sofra.
9	<i>Conclusões não conclusivas</i>

	O turismo cultural pode ser um importante aliado na preservação e na manutenção da memória viva de manifestações culturais materiais e imateriais.
	A comunidade local leia-se grupos de atores heterogêneos que vivem no mesmo território, possuindo muitas vezes interesses dos mais diversos sobre os mesmos objetivos podem ser envolvidos em um processo de turismo cultural através de ações como a educação formal e informal – teatro de rua, museu aberto, palestras, intervenções artísticas temáticas etc – onde se sintam participante, envolvido e motivado a entender, preservar e zelar e transmitir a gerações futuras a importância da manutenção dos símbolos e signos do patrimônio cultural e natural como forma de continuidade.
10	O envolvimento da comunidade local passa pela educação, pela sensação de “pertencimento patrimonial” e por uma política pública de valorização e de conscientização do que foi dito antes.
	Sem um entendimento das seguintes variáveis: educação, patrimônio edificado e imaterial e também de um turismo cultural que vise uma ampla relação entre a visitação comercial, preservação e inclusão social, torna-se inócua uma estratégia de promover o turismo cultural como forma de desenvolvimento de localidades ou de saída para problemas sociais e econômicos.

	Fichamento - Artigo: De Vilarejo a Cidade: Identidade de Lugar de Moradores Nativos de Tibau do Sul-RN.
N. Pág.	Citação
	ABE-LIMA, July Yukie. De Vilarejo a Cidade: Identidade de Lugar de Moradores Nativos de Tibau do Sul-RN. Natal. Biblioteca Setorial do CCHLA, UFRN, 2012.
17	<i>Tibau do Sul, no Rio Grande do Norte</i>
	A área territorial do município, de aproximadamente 102 km ² , abrange dez distritos e tem uma população total de 11.385 habitantes, segundo as estatísticas do IBGE de 2010.
	Os distritos são Umari, Piau, Bela Vista, Munin, Manimbu, Cabeceiras, Pernambuco, Tibau do Sul (sede municipal), Pipa e Sibaúma [...].
18	<i>1.1 Tibau do Sul e sua(s) história(s)</i>
19	Os escassos registros da história de Tibau do Sul-RN referem-se principalmente às obras literárias de Hélio Galvão, advogado, historiador potiguar e membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, que narrou em cartas muitos fatos e costumes especialmente de comunidades litorâneas potiguares (Galvão, 1968, 1989, 2006).
	Nascido em Tibau do Sul em 1916, Hélio Galvão foi um grande responsável pelo desenvolvimento e configuração do atual município.

	<p>A origem do nome Tibau é controversa, sendo a versão mais conhecida aquela proposta por Cascudo (2002), como derivada do indígena tupi, <i>ty-paum</i>, que significa “entre duas águas” ou “entre dois rios”.</p>
	<p>O significado se referia à localização do antigo vilarejo, entre a Lagoa de Guaraíras e o Oceano Atlântico, “duas imensidades aos <u>olhos indígenas</u>” (Cascudo, 2002, p. 262).</p> <p>Assim, Galvão (1989) afirma que o nome Tibau “é de procedência portuguesa, nome de várias famílias, remontando o antigo radical germânico” (p. 334) referente às primeiras famílias provenientes da Península Ibérica, podendo se referir ao português Francisco Nunes Tibau, o qual chegou à localidade em 1699.</p>
19/20	<p>No entanto, Cascudo (2002) afirma que aquelas terras foram habitadas há muitos séculos, sempre trabalhada com lavoura e pesca, muito antes da vinda daquele colonizador português.</p>
20	<p>A história de Tibau do Sul remonta à Aldeia Antônia existente de 1612 ao final do século XVII, período em que passou a pertencer à <u>Aldeia de São João Batista de Guaraíras perdurando até o ano de 1760, quando se tornou Vila de Arês</u> (Cascudo, 2002). Segundo informações obtidas no site oficial da Prefeitura do Município, a região era uma zona de pescaria habitada por indígenas, os quais também sobreviviam da coleta de frutos, raízes e sementes e do escambo ilegal da madeira pau-brasil com os franceses.</p>
	<p>De acordo com Araújo (2002), os portugueses expulsaram os holandeses no final do século XVI e estabeleceram a região como colônia de Portugal, introduzindo principalmente a cultura da cana-de-açúcar e a divisão territorial do trabalho.</p>
	<p>Inicialmente exploraram a mão-de-obra indígena até expropriá-los de suas terras e trazerem os negros escravos, não muito numerosos na região, para trabalharem em engenhos para produção de açúcar e fabricação do óleo de mamona.</p>
	<p>Tibau do Sul teve três edificações, sendo que esta primeira, localizada à beira-mar, foi soterrada pelas dunas infixas, obrigando a mudança do povoado para a segunda edificação em data imprecisa, provavelmente por volta de 1820-1830.</p>
	<p>A fixação do povoado se deu em uma planície arenosa (Galvão, 1968), situada entre duas águas, a Lagoa de Guaraíras e o Oceano Atlântico, localidade denominada pelos nativos de “Tibau Velho” [...].</p>
	<p>Nesta localidade já existia uma escola primária fundada em 1873, exclusivamente para homens, segundo informações obtidas no site oficial do IBGE.</p>

	De acordo com Galvão (1968), um canal de comunicação da lagoa com o mar foi aberto em 1890, por reivindicações dos senhores de engenho da região de Goianinha e Arês, para a drenagem dos canaviais que sofriam com o represamento das águas da lagoa.
20/21	Quando em 1924 as águas da lagoa de Guaraíras irromperam pelo canal que o governo estava abrindo (...) o povoado foi destruído numa noite, ficando as famílias ao desabrigo” (Galvão, 2006, p. 50).
21	Em 1924, com a intensidade das chuvas e força dos enxurros dos rios que desaguavam na lagoa, a antiga povoação foi inundada e teve que ser reconstruída às pressas acima das falésias (Galvão, 1989).
22	Essa segunda edificação localizava-se nas proximidades de onde atualmente é realizada a travessia da balsa [...].
23	A grande área “acima das falésias”, onde atualmente se encontra a terceira edificação de Tibau, era utilizada no antigo vilarejo por <u>poucos agricultores para se “botar o roçado”</u> . <u>1.2 Vilarejo de Pescadores e Agricultores</u> O episódio da enchente de 1924 pode ser considerado um marco histórico de grande importância na história de Tibau do Sul-RN e demarca precisamente a data de início do povoamento da localidade onde atualmente se situa a sede municipal. [...] relataram que a construção do vilarejo se deu primeiramente com poucas casas, em terrenos doados ou ainda comprados dos três principais agricultores que tinham o roçado na localidade.
24	1.3 A história oficial: distrito, empresas lagosteiras, município
	A história oficial inicia com a criação do distrito administrativo de Tibau, pertencente ao município de Goianinha, segundo a lei nº 960 de 30 de novembro de 1953, cujo projeto foi redigido por Hélio Galvão (Galvão, 1989).
	A terminação “do sul” foi incluída em 1958 para a oficialização da localidade como município, distinguindo essa de outro Tibau, localizado ao norte do Estado (Casculo, 2002).
	No final da década de 1950 e início de 1960 começaram a se instalar na localidade algumas empresas lagosteiras advindas do Estado de Pernambuco, as quais impulsionaram a economia do distrito (Galvão, 1989).
	Se o município de Tibau do Sul tivesse de adotar um símbolo, eu sugeriria a lagosta, porque foi ela que lhe deu o impulso econômico que permitiu atingir o limite de arrecadação distrital para a elevação a município (Galvão, 1989, p. 135).

	O projeto de criação do município de Tibau do Sul-RN, também redigido por Hélio Galvão, foi aprovado pela lei nº 2.863, em 3 de abril de 1963.
25	1.4 A cidade e o desenvolvimento turístico
27	Atualmente, as principais atividades econômicas do município se referem ao setor turístico, à atividade pesqueira, à carcinicultura, e ao comércio de modo geral (Loloum, 2011), além da produção de açúcar, artesanato e agricultura, como as culturas do caju e do coco (PDITS, 2002).
28	A população do distrito de Tibau do Sul ainda é composta majoritariamente de nativos, muitos dos quais permanecem residindo no centro da cidade, enquanto as propriedades de “pessoas de fora”, brasileiras ou estrangeiras, se concentram nas áreas periféricas.

	Fichamento - Artigo: Patrimônio Imaterial, Performance e Identidade.
	Citação
	VIANNA, Letícia C. R. TEIXEIRA, João Gabriel L. C. Patrimônio Imaterial, Performance e Identidade. Revista Concinnitas, 2008.
121	Introdução
	O conceito de patrimônio cultural imaterial aparece em contraposição ao de patrimônio material na Constituição de 1988, como resultado do processo “constituente”, no qual diferentes segmentos sociais tiveram a oportunidade de discutir e debater.
	Em 2000, o Decreto 3.551, estabelece legalmente quatro dimensões do patrimônio imaterial: celebrações, saberes, formas de expressão e lugares expressivos das diferentes identidades conformadoras da diversidade cultural do país.
	E cria instrumentos de identificação, proteção e salvaguarda desse patrimônio imaterial.
122	As Políticas Culturais no Brasil

123	<p>As duas tendências (a de patrimonialização da cultura material e a de defesa do folclore) proporcionaram as bases para a formulação do conceito e da política de patrimônio imaterial, bem como para toda a discussão sobre o assunto nos fóruns internacionais, sobretudo a Unesco.</p> <p>Entre os anos 70 e 80, com as políticas idealizadas e implantadas por Aloisio Magalhães, dá-se intenso amadurecimento institucional para tratar da dimensão intangível da cultura.</p> <p>E assim, como resultado de processo de reflexão e aprimoramento de idéias por parte de quadros do Estado e representantes de segmentos da sociedade brasileira, o conceito de patrimônio imaterial foi apresentado na Constituição de 1988.</p>
	<p>A formulação da ideia de patrimônio imaterial tem clara orientação relativista, no sentido de explicitar, valorizar e oficializar a pluralidade e a diversidade cultural brasileira.</p> <p>[...] criou-se, então, um campo para o “intangível” que abarca os processos de produção de cultura, as <i>performances</i>, os saberes e</p>

	os modos de os transmitir.
	E assim, diferentes expressões e tradições das culturas populares, até então visíveis aos folcloristas, mas preteridas e invisíveis nas políticas de patrimonialização em curso, passam a ser lugares privilegiados para o Estado e a sociedade civil lançarem um olhar sensível e desenvolverem projetos de salvaguarda.
	Trata-se de campo novo, com vários conceitos, orientações e procedimentos metodológicos em desenvolvimento, até agora com muitos acertos e equívocos.
124	A pesquisa acadêmica e documental para garantir a possibilidade de reconstrução futura da expressão é apenas um lado da política de salvaguarda do patrimônio imaterial.
125	<i>Performance e Autenticidade</i>
125/1 26	<p>As tradições culturais, por sua vez, são entendidas como invenções transmitidas e reinventadas, como tratou Hobsbawn.⁹</p> <p>Elas são conformadas através de preceitos e <i>performances</i> que se desenrolam com base na idiosincrasia e liberdade individual em um campo de possibilidades simbólicas de uma cultura, circunscrita socialmente, a qual é também dinâmica e se transforma.</p>

127	Em suma, embora o fato cultural denominado patrimônio imaterial possa ser entendido enquanto sistema de práticas tradicionais <u>reconhecidas e transmitidas de geração em geração, ao longo de um tempo, caracterizando identidades coletivas, [...].</u> <i>Identidade e Patrimônio</i>
127	Em relação ao universo das políticas de patrimônio cultural, as identidades que estão sob foco são as identidades coletivas, ou seja, de pequenos grupos, segmentos sociais, comunidades, povos ou nações que se definem em relação a outros, tendo como base suas experiências e expressões <i>sui generis</i> .
128	<u>Considerações Finais</u> Salvaguardar o patrimônio imaterial é, no limite, garantir condições de praticar e transmitir com liberdade (liberdade de criação é um direito e, no fundo, o maior patrimônio da humanidade).

FICHAMENTO - MITO E MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE LOCAL	
CAVIGNAC , Julie Antoinette. Mito e memória na construção de uma identidade local. Revista virtual Comunicologia da Universidade Católica de Brasília	
N. Pág.	CITAÇÃO
1	Definidas tradicionalmente como mitos, sendo textos fundadores fixados pela tradição oral, as narrativas aparecem hoje multiformes, reveladoras de fatos históricos não registrados ou de lógicas culturais mais perenes (BIDOU, 1991).
2	Porém, detalhes importantes ligados ao caráter localizado e histórico dos mitos são, tradicionalmente, deixados de lado; as histórias, por sua vez, trazem mais do que formas universais de pensamento humano, elementos de uma filosofia autóctone (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Assim, pensamos encontrar nas lendas e nos contos maravilhosos das sociedades que escolhem a oralidade como forma de comunicação, uma versão local da história, uma memória dos vencidos (WACHTEL, 1990). Esses conjuntos de enunciados narrativos não são documentos – na acepção dos historiadores –, pois não oferecem um reflexo fiel dos acontecimentos, mas conservam vivas as feridas dos seus ancestrais (PRICE, 1990). É o caso dos textos orais que versam sobre o passado das populações que foram pouco estudadas pela antropologia brasileira, como é o caso dos grupos camponeses nordestinos, sobretudo do interior. O material coletado em campo é composto de lembranças pessoais, de genealogias, de contos, de versos ou mesmo de silêncios inexplicáveis muito mais do que mitos, tais como estes são geralmente definidos.

	<i>Túneis, holandeses e baleias</i>
	A memória colonial e as representações simbólicas ligadas aos principais personagens da história local afloram na ocasião da evocação dos acidentes geográficos ou dos monumentos construídos, marcas do passado inscritas na paisagem.
3	<i>Índios da Itália, holandeses do Brasil</i>
	A presença do elemento narrativo anuncia a entrada do sobrenatural na elaboração e na reivindicação de uma identidade, pelo viés da reconstrução da história oficial e da rememoração.
4	Aqui e ali, de forma ímpar, os holandeses aparecem como aqueles que deixaram os marcos históricos no interior do Rio Grande do Norte – pinturas indígenas, em particular – e uma “descendência”: após a vitória dos portugueses, eles teriam se refugiado no sertão, sobretudo no Seridó. A prova disso é a grande quantidade de “galegos” na região, de pele clara e de olhos azuis. Em Natal, eles ergueram o Forte do Reis Magos, a ponte de ferro do rio Potengi – construída por ingleses no início do século XX! –, na Zona Norte, duas casas de pedra, que serviam para armazenar as suas munições e, no local da antiga missão jesuíta dos Paiacu, no rio Sibaúma, em Tibau do Sul, há pedras misteriosas que abrigaram o "curtume dos padres velhos". Por outro lado, a referência a minas e túneis,

	sobretudo aquele ligando Extremoz – antiga missão jesuíta e aldeia indígena – ao Forte dos Reis Magos, passando então pela Zona Norte, atesta a existência de construções subterrâneas de dimensões extraordinárias. Construíram também a igreja e o cruzeiro de Vila Flor – ainda antiga missão carmelita –, bem como a antiga cadeia pública da cidade, que hoje abriga a Câmara de Vereadores. Nesse edifício, é dito também que se encontra um túnel que “vai dar” nos Sete Buracos e na Barra de Cunhaú – onde uma baleia impediria a passagem –, “subterrâneo” feito pelos holandeses para esconder as riquezas pilhadas da região.
	Mais perto do Rio Grande, num contexto nordestino, os cultos afro-brasileiros (Catimbó) e indígenas (Toré, Jurema) apresentam uma devoção aos “encantados”, espíritos indígenas apreciadores de vinhos de Jurema, cuja força reside, justamente, no seu poder em se esconder dos humanos. Os “espíritos do mato” saem das florestas, dos rios e das montanhas para socorrer os humanos em caso de doença ou de magia negra (BASTIDE, 1959; BANDEIRA, 1972; PRANDI, 2001). Na versão narrativa geralmente encontrada no Rio Grande do Norte na qual é apresentada uma versão edulcorada em relação a outras regiões vizinhas ou comparando com contextos religiosos específicos, o encantamento é apenas ligado a uma presença inusitada de um personagem pertencente a um passado indefinido, prisioneiro das pedras e das águas subterrâneas. O seu desencantamento é

	<p>tornado possível se a pessoa que o libertar não revelar o segredo. São as histórias de botija, nas quais o felizardo proprietário do tesouro deve fugir para sempre, sem olhar para trás. Metáfora do esquecimento – atrás tem o demônio! –, o ato justifica e perpetua a tradição, deixando a possibilidade, para outros corajosos aventureiros, se arriscarem.</p>
5	<p>Atualizados, os relatos colocam em movimento imagens de um tempo primeiro e são revitalizados pela performance e a criatividade dos locutores que dão novos conteúdos às velhas narrativas que teriam desaparecido no limbo do esquecimento.</p>
	<p>A partir dos resultados de pesquisas realizadas anteriormente, sobretudo das reflexões ligadas à investigação da memória dos moradores do sertão e de um levantamento preliminar da tradição oral de algumas antigas aldeias missionárias situadas no litoral do Rio Grande do Norte (Extremoz, Arês, Vila Flor), exemplificamos os aspectos etnográficos da criação narrativa, no que diz respeito à criação de uma “nova história local”. Isto, através da leitura de textos formalizados em narrativas, bem como na avaliação de registros ligados ao tema, espalhados nos discursos das pessoas entrevistadas. Assim, em um primeiro momento, podemos analisar como os “clássicos” da literatura popular – oral e escrita – vão adaptando-se a uma nova realidade para se constituir em tradição: novos personagens e novas situações encontram-se revestidos com as velhas estruturas narrativas.</p>
	<p>Assim foi se constituindo a certeza de que as imagens relativas a um passado comum aparecem com regularidade e homogeneidade em toda a região – afirmação válida talvez até mesmo para o Nordeste inteiro. Essas imagens encontram-se inscritas, sobretudo, mas não somente, nas narrativas pertencentes a um corpus importante e pouco investigado pelos antropólogos, o que Vladimir Propp (1965, 1983) chama de “contos maravilhosos”. Desde o século passado, no Nordeste, eles foram coletados, inicialmente, pelos folcloristas, e publicados junto a outras formas literárias – canções, cantigas, romances, poesias etc. (SANTOS, 1997). Algumas lendas de fundação foram anotadas por historiadores amadores, cuja proposta era resgatar a cultura e a história local. A reiteração de um elemento narrativo ou o “deslocamento” sistemático de um monumento para uma outra época – ver as “obras” deixadas pelos holandeses – ou, ainda, a presença de monstros subterrâneos (aquáticos ou terrestres) povoando o subsolo das igrejas, das montanhas e das lagoas, mostra</p>
	<p>que estamos diante de uma configuração já sedimentada, na qual o passado é integrado ao espaço e se conjuga com representações sobrenaturais (HALBWACHS, 1990).</p>

	Dessa forma, no caso das narrativas, encontramos uma síntese original de elementos diversos que, tratados em conjunto, deixam aparecer uma lógica cultural que se mantém viva, apesar das mudanças sofridas na paisagem social e cultural da região.
6	<i>Etno-história e o trabalho da memória</i>
	Tentamos, aqui, entender os resultados da análise textual, à luz das observações etnográficas e dos dados históricos, para desenhar os contornos de uma cosmologia local. Produzindo afirmações historicamente possíveis para o contexto nordestino, os homens, contando estórias, repetindo anacronismos e fórmulas feitas, elaboram e reelaboram eventos passados e presentes, propondo uma reinterpretação local dos fatos reais, inspirando-se na “tradição”.
6 - 7	Por meio de uma pesquisa etnográfica realizada junto à coleta das narrativas, é possível reconstituir o universo cultural dos moradores, a fim de compreender a dinâmica social e suas práticas. A tradição oral, incluindo as criações narrativas e poéticas, é considerada, enquanto suporte oral de um patrimônio cultural, legitimação de uma identidade, veículo das representações coletivas e de uma história própria. É também o modo de expressão de uma memória viva, sempre realizada em termos locais pelos atores; memória que lembra um passado, mas também um lugar de origem que tem um papel fundante na elaboração da identidade local.
7	Afinal, é a ocasião de propor uma leitura cruzada dos textos orais, da realidade dos locutores, dos seus discursos e das suas narrativas. Não podemos esperar encontrar o reflexo fiel do passado nas produções literárias de um grupo particular; é preciso analisar um discurso formalizado culturalmente, levando em conta a liberdade criativa do contador, e, portanto, lembrando-se que se trata de obras de ficção. O conto poderia, então, ser definido como uma categoria do discurso nativo, uma narrativa etnográfica determinada, permitindo atingir não uma realidade presente ou passada, mas a sua modelização; a oralidade sendo determinante na perpetuação deste discurso formalizado. Uma abordagem antropológica da memória permite iniciar uma reflexão sobre a importância social (identitária) e imaginária da geografia e dos monumentos históricos. Um estudo deste tipo permite também colher o discurso sobre as representações do espaço e a percepção do mundo. Afinal, uma pesquisa de campo se torna indispensável para pôr em perspectiva os textos e a cultura que os produz; estes integrados a um contexto sócio-histórico específico.

**FICHAMENTO 3 -
PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL COMO VALOR CONSTITUCIONAL**

D'URSO, Clarice. Patrimônio cultural imaterial como valor constitucional. Oabsp. São Paulo. 2010

N. Pág.	CITAÇÃO
2	<i>Introdução</i>
	A degradação do meio ambiente é uma preocupação constante da sociedade atual, uma vez que prejudica a preservação dos bens e valores da civilização para as futuras gerações. Relaciona-se meio ambiente num primeiro momento ao aspecto físico-biológico. Não obstante, esse conceito de meio ambiente não se restringe ao aspecto naturalístico, para abranger outros valores, dentre eles o patrimônio.
	<i>1. Patrimônio cultural imaterial</i>
	Em um primeiro momento, a noção de meio ambiente nos remete diretamente aos bens ecológicos, tais como: as florestas, água, solo, atmosfera, animais, enfim, ao ambiente físico-biológico. Contudo, esse entendimento ampliou-se, uma vez que o meio ambiente abrange não somente pelo aspecto natural, mais igualmente o cultural, caracterizando-se este último por sua complexidade, e pelo conjunto de bens que permitem a geração da identidade do Homem, como indivíduo, e como membro de uma coletividade. Assim sendo, o meio físico-biológico é apenas uma espécie de meio ambiente, que vai muito além da conotação de naturalística, para abranger outros valores, dentre eles o patrimônio cultural.
3	Cumprе ressaltar que determinadas produções culturais, por apresentarem uma possibilidade econômica de utilização, ensejaram uma regulação específica por parte do ordenamento jurídico. Trata-se dos chamados conhecimentos tradicionais, relacionados ao patrimônio genético, assim considerado como sendo o dado ou prática, individual ou coletiva, de comunidade local, inclusive indígena, com potencial ou real valor, relacionado ao patrimônio genético.
4	Portanto, o conceito legal de meio ambiente vigente (Lei 6.938/81), limitado ao meio ambiente natural, deve ser interpretado neste contexto histórico e social. Felizmente, o conceito evoluiu para abranger outros aspectos, graças à atual conjuntura mundial, que reflete as necessidades do homem contemporâneo de buscar desenvolvimento econômico sustentável. E, para tanto, a proteção do patrimônio cultural é imprescindível nesta nova dinâmica.
5	Todas as coisas, materiais e imateriais, que apresentem esse valor cultural integram o conjunto de bens culturais. A partir de então, são considerados imprescindíveis para garantir a sadia qualidade de vida, caracterizando-se também, como bens ambientais.
	<i>2. A importância da proteção ao patrimônio cultural no contexto da sociedade da informação</i>

	<p>A importância da cultura em nossa sociedade – denominada sociedade da informação - assume um papel de máxima relevância, justamente porque é o patrimônio cultural de um povo que lhe confere identidade, que lhe diferencia de todos os demais.</p>
7	<p>Neste contexto, a proteção do patrimônio cultural imaterial ganha relevância ainda maior, em especial para preservar a memória de nossa civilização para as futuras gerações. Só a preservação do meio ambiente cultural possibilitará a compreensão do patrimônio cultural, e o entendimento de que esse patrimônio não se restringe aos monumentos históricos, ou seja, aqueles bens materiais e tangíveis. É preciso entender que as manifestações culturais imateriais representam também uma dimensão do patrimônio cultural, e merecem também proteção.</p>
	<p>O patrimônio cultural imaterial compreende a dimensão intangível da produção cultural dos povos, encontradas nas tradições, nos saberes, na culinária, no folclore, nas línguas, nas festas, e em diversas manifestações que são transmitidas de uma geração a outra.</p>
	<p>Consoante a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada no ano de 2003, pela Unesco, patrimônio cultural imaterial compreende as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, bem como os instrumentos, objetos, artefatos, lugares que lhes são associados, que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. A importância desse patrimônio vem sendo difundida ao longo de duas décadas pela Unesco. Com efeito, a ONU compreende toda a complexidade e dificuldade que envolve a proteção do patrimônio cultural, e tem se esforçado no sentido de definir e consolidar instrumentos que propiciem o seu reconhecimento, e, acima de tudo, sua defesa e proteção. Por essa razão, diversos atores internacionais têm pressionado os governos, as organizações não-governamentais e, também, as próprias comunidades locais a reconhecer, valorizar e preservar o seu patrimônio intangível.</p>
	<p>Neste contexto, a UNESCO estabeleceu em 1989, a Recomendação sobre Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular. Tal diploma fornece elementos para a identificação, preservação e continuidade do patrimônio cultural imaterial. Em 2001, a UNESCO criou um título internacional, denominado a Proclamação das Obras-Primas do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade, que é concedido a cada dois anos, a fim de premiar os espaços e expressões de excepcional importância, para o desenvolvimento e proteção do meio ambiente cultural.</p>
8	<p>3. A proteção constitucional ao patrimônio cultural imaterial</p>
10	<p>[...]o conceito de patrimônio cultural viabiliza a proteção dos mais variados bens, vislumbrando um universo que transpõe as manifestações materiais, tangíveis, para abarcar outras dimensões de natureza imaterial, difusas, e tão importantes quanto àquelas que são expressões da história e da vida de um povo, do seu modo ver e interpretar o mundo, que forma sua identidade.</p>

11	Logo, é justamente a diversidade cultural do povo brasileiro que confere a identidade da nação brasileira.
	Conclui-se, assim, que carece o ordenamento jurídico de outras normas específicas, no âmbito infraconstitucional, para regulamentar todas as especificidades do patrimônio cultural imaterial.
15	4. Conclusão

	Diante do estudo realizado conclui-se que o patrimônio cultural imaterial, está inserido no conceito amplo de meio ambiente. Trata-se de bem jurídico de natureza difusa, que conta com proteção constitucional, cabendo sua defesa ao Estado e à sociedade. Trata-se de um “direito-dever”: a sociedade tem o direito à sadia qualidade de vida decorrente de um meio ambiente equilibrado, e tem o dever de preservá-lo para as futuras gerações.
15 - 16	O patrimônio cultural imaterial é direito fundamental, de natureza jurídica difusa, abrangida dentro dos bens ambientais. São os bens culturais que constituem a identidade e a história de um povo, configurando uma outra dimensão do meio ambiente, não menos indispensável à sadia qualidade de vida. Portanto, conclui-se que o patrimônio cultural imaterial compreende uma série de manifestações, imaterial e intangível, que conjuga variadas formas de saber, fazer, 16 criar, construir, cozinhar, festejar, etc., juntamente com o produto material de suas expressões, incluindo o patrimônio tangível que lhe sustenta.
16	Por fim, conclui-se que, muito embora exista um arcabouço de normas de proteção ao meio ambiente cultural imaterial, faz-se necessário que os diversos segmentos sociais, que já têm consciência da necessidade de proteção ao bem cultural, organizem-se e pressionem o Poder Público, tornando efetivo o direito-dever outorgado pela Constituição Federal.

Fichamento: A arte de contar histórias a partir dos mitos e lendas da Comunidade Toledo Pizza em Parintins-Am	
PIRES, Adriana de Souza; BATALHA, Cecília Azevedo; SOUZA, Julielza Batalha de. A arte de contar histórias a partir dos mitos e lendas da Comunidade Toledo Pizza em Parintins-Am . Revista eletrônica mutações, local, 2016.	
Página	CITAÇÃO
43	Mitos e lendas na memória coletiva
44	“A palavra lenda provém do baixo latim legenda, que significa “o que deve ser lido”. No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires. [...] atualmente, a lenda, transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular. Desta forma o herói sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo ou de um povo;

	sua conduta depõe a favor de uma ação ou de uma ideia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho.” (Bayard, p.10)
44	“A imaginação do homem se mostra um terreno fértil para desenvolver tramas e situações nas quais ele viaja e se deslumbra diante de um mundo mítico e lendário, que através do senso comum, sem nenhum conhecimento empírico nos dá respostas sobre praticamente tudo que acontecia na natureza.”
45	“O mito é uma forma de lenda; mas os personagens humanos tornam-se divinos, a ação é então sobrenatural e irracional. O tempo nada mais é que uma ficção. Na realidade, essas categorias se embarçam e os mitos são de uma infinita variedade; relacionam-se às religiões, são cosmogônicos, divinos e heróicos. As lendas, com personagens mais modestos, fazem evoluir mágicas, fadas, bruxas, que, de uma maneira quase divina, influem nos destinos.” (Bayard, p.11)
45	“... a lenda sistematiza e ordena realidades, no ato de sua transmissão oral, envolve tanto o narrador como os ouvintes, vive num tempo e num espaço no qual há reintegração dos acontecimentos da história.”
46	“Se for o conceito de lenda com o de mito, os dois se confundem, portanto, tem uma relação e assim transmitem uma narrativa interativa de quem conta com quem ouve, e os fatos relatados são tomados como verdade, dependendo do que está sendo narrado.”
47	Realidade mística
48	“...o mito e a realidade se difundem. Pois os mitos são consagrados e se tornam reais através da forma como são contados a sua história.”
49	“A cultura sublinha a identidade do ser humano não como organismo biológico, mas como sujeito moral.”
49	Memória coletiva e história
49	“A memória é uma faculdade individual, mas os coletivos também recordam. Fazem-no por meio de práticas de recordação. Para tanto, atribuem um valor simbólico a elementos da paisagem, criam artefatos para a recordação ou criam rituais sobre acontecimentos significativos do passado.” (Mario Carretero, Alberto Rosa e Maria Fernanda Gonzáles p. 29)
49	“A memória coletiva é, portanto, tudo o que acabamos de mencionar, mas também os mitos, as artes, os relatos compartilhados, todo um imaginário que faz ressoar em cada um os mesmos significados, as mesmas sensações, o que nos permitir viver em nós, distinguindo-nos dos outros. Quando uma comunidade passa um tempo junto, desenvolve suas formas de simbolismo, de emoção, de lembrança compartilhada, de celebração da própria identidade. Nas comunidades primárias, em etnias muito antigas, essa identidade é forte, já desenvolveu sistemas de coesão. Não precisa de fatores externos para tornar mais forte sua identidade, sua coesão interna.” (Mario Carretero, Alberto Rosa e Maria Fernanda Gonzáles p. 29)

Fichamento - Cultura imaterial: Mitos e lendas de Belém-PA	
SILVA, Glauce Vitor da; TADAIESKY, Nayara Tavares. Cultura imaterial: Mitos e lendas de Belém-PA . Margens: Revista Interdisciplinar, 2016.	
Página	CITAÇÃO
170	Introdução
170	“Refere-se a elementos intangíveis da cultura, que não têm substância material. Entre eles encontram-se crenças, conhecimentos, aptidões, hábitos, significados, normas, valores. Os membros de uma sociedade compartilham certos conhecimentos e crenças como reais e verdadeiros.” (MARCONI; PRESOTTO, 2006)
173	O folclore como elemento representativo da cultura.
173	“Esse sentido de pertencer que as pessoas trazem enquanto seres simbólicos que são. Esse ser de algum lugar pertence a algum grupo, sente afinidade com algo que lhe resgata algo seu; isto tudo é chamado de identidade.” Martins (2003)
174	“A concepção que hoje temos de cultura foi proveniente de E. Tylor, que foi trabalhada e aprimorada por diversos autores no decorrer dos séculos. Santos (1994, p. 44) define a cultura “como uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade”.”
174	“[...] a cultura de um homem é proveniente do contato com outros grupos, da herança cultural passada de geração em geração.”
174	“[...] a cultura de cada ser é resultado de vários contatos sociais, de aprendizados, sejam eles na escola ou na rua, e, principalmente, do conhecimento que os pais passam para os filhos. O ser humano, por sua vez, absorve tudo que lhe foi passado dos diferentes contatos, e sintetiza tudo, criando, desta forma, a sua própria cultura, as suas próprias crenças.”
175	“[...] cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros. Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana.” (SANTOS, 1994).
175 e 176	“A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade. [...] cultura refere-se a realidades sociais bem distintas. No entanto, o sentido em que se fala de cultura é o mesmo: em cada caso dar conta das características dos agrupamentos a que se refere, preocupando-se com a totalidade dessas características dos agrupamentos a que se refere, digam elas ÔÊÍ a respeito [das] maneiras de conceber e organizar a vida social ou [dos] seus aspectos materiais. [...], mas eu disse que havia duas concepções básicas de cultura. Vamos à segunda. Neste caso, quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social. Observem que mesmo aqui a referência à totalidade de características de uma realidade social está presente, já que não se pode falar em conhecimento, ideias, crenças

	sem pensar na sociedade à qual se referem. O que ocorre é que há uma ênfase especial no conhecimento e dimensões associadas. Entendemos neste caso que a cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio, da vida social.” (SANTOS, 1994)
176	“A cultura material se refere ao que é concreto, ou seja, aos bens culturais, que englobam objetos, artefatos e construções. Enquanto a imaterial se refere ao que é abstrato, como as cantigas, as lendas, os mitos e as histórias de visagens e assombrações.”
176	“A cultura imaterial contempla desde o aprendizado de como caçar, pescar, empinar uma pipa até a maneira de aprender as brincadeiras na infância.”
176 e 177	“Na cabeça de alguns, folclore é tudo o que o homem, o povo faz e reproduz como tradição. Na de outros, é só uma pequena parte das tradições populares [...]. O folclore vive da coletivização anônima do que se cria, conhece e reproduz, ÔÈÈ ainda que durante algum tempo os autores possam ser conhecidos.” (BRANDÃO, 1986).
179	“Os mitos se transformam. Estas transformações, que se operam de uma variante a outra de um mesmo mito, de um mito a um outro mito, de uma sociedade a uma outra sociedade com referências aos mesmos mitos ou a mitos diferentes, afetam ora a armadura, ora o código, ora a mensagem do mito, mas sem que este deixe de existir como tal.” (STRAUSS, 1993).

	Fichamento - Artigo: Cultura Local, Turismo e Identidade: A Ressignificação dos Mitos em Dois Córregos.
	Citação
	BERTOLLI, Cláudio Filho. GUARALDO, Tamara de S. B. Cultura Local, Turismo e Identidade: A ressignificação dos Mitos em Dois Córregos. Revista Científica Eletrônica Turismo, Ano III - Edição Número 4, janeiro de 2006.
1	<i>Introdução</i>
2	Lembra-se também que o caminho inverso também ocorre, havendo situações em que elementos da cultura de elite ganham maior visibilidade social através da mídia e, a partir dela, são ‘aproveitados’ pelas expressões da cultura e da comunicação populares (MAGNANI, 1998).
	² Folkcomunicação é o processo de transmissão de informações, fatos, mensagens, manifestação de ideias, atitudes e opiniões através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore (BENJAMIN, 2000).
3	<i>Um Mito Caipira</i>

	As narrativas míticas procuram dar sentido às experiências humanas, contribuindo na busca da compreensão de mistérios da vida e dos grandes e pequenos dilemas do cotidiano. Os mitos são histórias universais, mas interpretadas e organizadas de modo distinto, de acordo com as necessidades locais.
4 5	Essas narrativas míticas fazem parte da tradição local, remetendo a uma memória dinâmica, não sendo uma simples lembrança dos fatos objetivos e sim uma reminiscência, uma lembrança que estava quase que adormecida, sobrevivendo nas frestas das conversas sertanejas e dos sussurros urbanos e que as contingências do presente fizeram despertar no contexto coletivo (RODRIGUES, 1999, p.53). A Cultura Local como Atrativo Turístico
	Desse modo, é preciso conceber o local não como algo dado e imutável, mas como um 'fato' construído segundo interesse específico e mutável historicamente, uma categoria que se transforma em função de ações e alterações no contexto regional, nacional e internacional (BOURDIN, 2001, p. 185).
6	Por isso, é também necessário que o produto turístico contenha um diferencial, o atrativo que o torne distinto das demais localidades que possuem as mesmas características - caso de Dois Córregos e Brotas - e seja suficientemente atraente para que o cliente escolha

	um destino entre as opções possíveis.
	No mercado do Turismo que necessita de diversificação, pois “ <i>é a diferença o fator propulsor desta jornada, ou seja, o desejo do viajante em vislumbrar o patrimônio alheio</i> ” (WAINBERG, 2003, p.60) [...].
7	É importante recordar que os símbolos, como os mitos, podem ser utilizados estrategicamente em função dos interesses de seus portadores numa luta pela definição da identidade (Bourdieu, p. 113) [...].
9	O atrativo do produto turístico aliado ao desejo do visitante por novas experiências move a indústria da diferença que é o Turismo (WAINBERG, 2003, <i>passim</i>).
	[..]...nas regiões onde o folclore apresenta características bem definidas, o marketing turístico está centrado na apropriação de elementos desta cultura para a criação da sua identidade” (BENJAMIN, 2000, p. 122).
9	O Mito Na Mídia

9/10	Se no passado era a comunicação oral que garantia a transmissão das experiências, regras e mitos de uma sociedade à outra e, no plano local, para as gerações seguintes, hoje a mídia realiza esse intercâmbio simbólico entre os elementos de uma cultura, incorporando-os ao seu repertório e devolvendo-os à sociedade sob uma nova aparência, provocando mudanças em seu conteúdo e atuando como agente de sutis mudanças culturais.
10	No mundo atual, os veículos de comunicação de massa exercem um papel importante na permanência e na criação dos mitos, sem que as formas tradicionais de transmissão tenham sido abandonadas. Com relativa frequência, aparecem nos jornais diários notícias e reportagens relativas aos mitos. (BENJAMIN, 2000, p. 90).
	Em relação à cultura local a mídia promove a sua divulgação e adota alguns de seus elementos contribuindo para a produção de uma

	identidade que defina o local como específico. A mídia pode efetivamente contribuir para a redefinição da identidade, produzindo símbolos favoráveis baseados em elementos da cultura local.
12	Considerações Finais
14	Assim, folkcomunicação e comunicação midiática encontram-se em um território comum, o da cultura das classes subalternas, gerando não uma uniformização da cultura, mas sim uma nova hierarquização das representações e dos elementos culturais produzidos e consumidos (CANCLINI, 2001).

Fichamento – Generoso: Uma lenda e um mistério	
Coelho, Eliane Martins; Fava, Alessandra Schettert. Generoso: Uma lenda e um mistério . EMiCult, 2016.	
Página	CITAÇÃO
2	Turismo Cultural
2	“O turismo é um fenômeno social complexo, de caráter humano, envolvendo a mútua relação entre produção e serviços em uma localidade, visando o seu desenvolvimento (econômico e social), a preservação ambiental, o prazer e a autorrealização dos envolvidos.”
3	“Dentre as possibilidades de ações de desenvolvimento turístico de uma localidade está a exploração dos atrativos culturais, que podem ser compreendidos como ações humanas que geram produtos materiais e imateriais, que distinguem os povos entre si e, por isso, se tornam atraentes.” (MARTINS, 2003.
3	“O turismo é uma atividade que pode ser classificada mediante o tipo de atração que promoverá o interesse pela viagem. Dentre as opções está o turismo cultural, que compreende as atividades turísticas relacionadas à

	vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.” (BRASIL, 2006).
3	“O turismo cultural, tal qual o concebemos atualmente, implica não apenas na oferta de espetáculos ou eventos, mas também a existência e preservação de um patrimônio cultural representado por museus, monumentos e locais históricos. Além do valor cultural específico, do ponto de vista do turismo cultural, esses bens materiais possuem outro valor, o de serem objetos indispensáveis, cujo consumo constitui a base de sustentação da própria atividade.” (RODRIGUES, 2009).
3	“Patrimônio é um bem, algo com valor agregado que se torna importante para uma sociedade e pode ser identificado como natural, cultural ou histórico.” (FURNARI; PELEGRINI, 2009).
4	Atrativos e Representações culturais
4	"Atrativo turístico é o recurso natural ou cultural que atrai o turista para visitaçãõ”. (IGNARRA, 2002)
4	“As lendas são exemplos de patrimônios culturais. Trata-se de narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas com o objetivo de explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais (ARAÚJO, 2016). As lendas podem envolver e mesclar fatos reais e fantasiosos e, por vezes, representar uma forma de atrativo turístico a um local ou comunidade. “
4 e 5	“A representação cultural de uma lenda pode ser manifestada não apenas pela expressão tradicional que ocorre pelo relato oral, mas também através de outras representações como a forma escrita, esculturas e murais, passando a conviver com o cotidiano da comunidade local de forma física e, por vezes, tornando-se um atrativo que motiva outras pessoas a conhecer aquele local ou, de forma mais modesta, integrá-lo em um 5 roteiro turístico, juntamente com um conjunto de outros atrativos, que torna um destino atraente.”
10	“O turismo cultural evolui de forma mais dinâmica quando há valorização e reconhecimento do patrimônio por parte de sua comunidade.”

APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas com os moradores da cidade de Tibau do Sul

1. 44 ANOS, PEDAGOGA

- A senhora autoriza usar o áudio da entrevista?

- Autorizo

- O que são as lendas para a senhora?

- Lenda é uma narrativa fantasiosa de uma fonte oral.

- A senhora conhece alguma lenda?

- Conheço. Conheço a lenda do Saci, do lobisomem, da mula-sem-cabeça, também... é muita contação de histórias que o pessoal conta por aqui. Como a do batatão, do homem que descia aqui do cemitério, que descia com a canoa nas costas e que ele não tinha cabeça, pescador. Também quando eu vinha da escola, no Joaquim Delvito, próxima a uma mangueira, as pessoas diziam que tinha a lenda da galinha de ouro com o pintinho de ouro, que eu tinha muito medo, e quando eu passava parecia que eu não sentia andar, eu flutuava na pista, não sentia minhas pernas andando de tanto medo, eu ficava apavorada. Também cavalo à noite, passando, era só o barulho, quando o pessoal passava não via nada, era só o barulho deles descendo a ladeira.

- Como a senhora acha que elas foram criadas? Ou de que forma elas surgiram?

- Surgiram com os mais velhos contando essas histórias para amedrontar as crianças. Eu morria de medo quando contavam a lenda do lobisomem. Quando era noite de lua cheia, e que era de 12 horas da noite, e que ele ficava todo peludo, e que onde tinha o pessoal fazia fogueira, eles caíam dentro e se transformavam em lobisomem. Eu morria de medo, também porque diziam que eles comiam casco de caranguejo e quando a gente comia caranguejo eu sempre ficava com medo à noite, de isso acontecer, né. Na sexta-feira.

- Há algum tipo de explicação? A senhora hoje acha que é algo sobrenatural ou que foram criadas?

- Eu acredito que sejam inventadas, que seja uma coisa popular que de boca em boca vai sendo aumentada, uma fantasia, passando de pessoas para pessoas e que conta de um jeito, de uma forma e cada um inventa de uma maneira diferente “pra” ser mais criativo na contação dessas lendas.

- E as pessoas tendem a achar que é verdade?

- Eu acredito que sim. Algumas pessoas acham. Eu quando era criança morria de medo, acreditava seriamente que existia, né, mas eu acho que é só história, só contação mesmo. Tinha aqui Seu Edgar, uma pessoa idosa, que a gente sentava a turma todinha, do 4º ano (quando estudava) e íamos pra casa dele, ele ficava contando as lendas que tinham, essas lendas da galinha; o homem com a canoa e sem cabeça; o tambor que vinha rolando pela ladeira. Todas as crianças sentavam e ouviam ele contar as histórias, todo mundo ficava bem quietinho ouvindo e ficava apavorado, ninguém podia falar nada que ficava todo mundo assustado.

- E que diferença a senhora acha que tem entre antigamente e os dias de hoje, na contação?

- A contação de antigamente, eu acredito que as pessoas acreditavam mais, nas histórias de antigamente do que agora, né. Agora tem aí nos livros, nos vídeos. E quando se passa na escola algumas lendas têm criança que ainda fica assustada, tem outros que levam na brincadeira. Mas antigamente acreditavam mais do que agora.

- Por que agora não estão levando tão a sério?

- Porque agora é uma cultura que já está sendo esquecida com as novas tecnologias, com livros atuais, aí os idosos não contam mais, as pessoas não param para ouvir,

com o avanço das tecnologias as crianças não se concentram nos idosos para contar, porque a evolução da tecnologia está em alta.

- Mas como as lendas podem ser entendidas agora? Como parte da cultura? Tradição?

- É, pode sim, serem entendidas como tradição. Tem aqui o livro de Hélio Galvão, em que ele deixou registradas algumas lendas, e fica como produto, como fonte histórica, sim.

- E Hélio Galvão presenciou muita coisa sobre Tibau. Ele foi fundador. Nesse livro ele conta muitas coisas, fala sobre as histórias que vão morrendo junto com os mais velhos. E esse medo de a cidade se perder apenas em coisas fúteis. O que a senhora acha sobre isso?

- Ah, foi... Assim, é uma riqueza. O livro de Hélio Galvão foi muito importante para a sociedade, para a nossa comunidade, pois ele morava aqui em Cabeceiras (distrito de Tibau do Sul). E é de fundamental importância, essa história, o que ele escreveu, o que ele pesquisou, para as nossas crianças.

- E a senhora, como professora, o que acha disso tudo? Além de moradora da cidade.

- Eu acho importante, para as nossas crianças, para mim que sou mãe, contar para minhas filhas. E que essa cultura não se acabe, ela seja multiplicada, e que seja evoluída. Para nossa comunidade. E quem sabe apareça um escritor, um historiador, e que multiplique e cresça, que avance, que não deixe essa cultura acabar. Essa cultura local, oral. Que seja passada essa fantasia, que seja passada de boca em boca e que nunca acabe. Que cada vez seja multiplicada.

- E, com esse trabalho nosso, que faz justamente isso, a cultura e as lendas como forma de atração das pessoas, turística, tanto de dentro como de fora. A senhora acha que chamaria mais a atenção dos turistas?

- Com certeza. E vocês estão de parabéns por levantar essa riqueza, essa fantasia oral, né, que são as lendas. E que ela nunca se acabe. Parabéns.

- **Obrigada. Obrigada pela entrevista.**

- Nada.

2. 41 ANOS, AUTÔNOMO

- **O que são lendas?**

- Bem, é... São histórias que o povo fala, né. Aconteciam as coisas na cidade, e o povo contava. Diziam que tinha um tambor que rolava, né; um cachorro que ficava com “os pés” em cima da cruz; tinha a casa que, quando o pessoal passava, os mais velhos, e derrubava as prateleiras, e quando o pessoal ia olhar “tava” tudo no seu lugar, as mangueiras se balançavam, outras choravam, o pessoal mais velho falava, “né”.

- **O senhor já vivenciou alguma?**

- Não, só ouvi o que o pessoal falava, “né”. Escutava o pessoal contando as histórias. Tinha o pescador que saía e colocava a canoa nas costas, “pra” pescaria, aí o pessoal ia atrás e ele sumia.

- **O senhor acha que elas foram criadas ou é algo sobrenatural?**

- Eu acho que é algo sobrenatural.

- **E como é que o senhor acha que elas surgiram? Alguém contou e começou a aparecer? Algo que veio só?**

- Não, alguém que presenciou algo e espalhou, né.

- **Qual a importância que o senhor acha que elas têm? Para a cidade?**

- (silêncio)

- Algo relacionado à cultura?

- É

- E o senhor acha que elas podem servir como uma forma de aproximação? Entre os mais novos e os mais velhos?

- É. O pessoal se senta, né. Às vezes o pessoal mais velho, alguém da família, conta, conversa.

- E tem alguma diferença entre antigamente e agora?

- Tem.

- Na contação? As pessoas acreditavam mais?

- É. Antigamente o pessoal acreditava mais que hoje em dia, dizem que foi invenção, mas o pessoal mais velho que presenciou, “né”.

- E os mais novos se interessam em saber?

- Não, os mais novos não acreditam, nos dias de hoje. Mas são coisas que aconteceram mesmo, “né”. É real.

- E elas existem até hoje?

- Tem umas que sim.

- Por que algumas pessoas insistem em contar?

- Tem gente que diz que é aviso, mas o pessoal de hoje não acredita muito. Antigamente diziam que era aviso, que vinha “pra” contar alguma coisa.

- Como a história do homem desconhecido da enchente?

- É.

- O senhor acha que hoje em dia, se contadas as lendas, mas de forma tecnológica, as pessoas se interessariam? Chamaria a atenção?

- Poderia.

- Como algo relacionado ao turismo, atração turística?

- É.

3. IDOSO DE 85 ANOS, PESCADOR APOSENTADO (30 de agosto de 2021)

- **O senhor conhece alguma lenda, história antiga?**

- As histórias antigas, “né”?

- **É. Histórias antigas, lendas... O senhor conhece a história do peixe-boi?**

- Do peixe-boi?

- **Sim**

- Não.

- **E a do lobisomem?**

- É... Um primo meu andava muito pulando umas cercas “pra” pegar ele, e não se atravessava, não dava a testa “pra” ele. Num aceiro que tinha ali por fora. Jogava pedra. Era o mistério de Goianinha também, “né”?!

- **O senhor já viu alguma coisa? Algo estranho? O lobisomem?**

- Já. Eu vi o lobisomem uma noite que eu fui deixar uma planta. Minha mãe botou o pandeiro do lado de fora que até passamos por cima.

- **Então o senhor acha que é verdade?**

- É.

- **O senhor acreditaria se alguém contasse?**

- É.

- **E essas histórias, o pessoal ainda conta até hoje? O senhor ainda escuta falar?**

- Não. O povo “falam” muito de burra do padre. Tinha uma rua cheia de pau antigo, andava muita gente por aqui, muita gente rica que vinha e via ela dizendo: “vai, Armandinho”.

- **Como o senhor acha que elas surgiram? Já existiam antes do senhor nascer ou já foram acontecendo depois? Como é que surgiram?**

- Surgiram... É... Depois que eu “tava” rapaz novo, “né”?! Acontecia muita coisa.
- **Acontecia com todo mundo? Todo mundo comentava?**
- É.
- **O senhor acha que elas podem ser importantes para aproximar as pessoas? Na contação. Para as crianças não serem muito mal-criadas?**
- Rapaz, é quando tem de ser alguma coisa. Eu não sei fazer isso, não.
- **Mas o senhor acha que se contar para alguma criança “não vai para tal lugar porque tem o lobisomem”, o senhor acha que ela obedeceria ou ia atrás?**
- É.
- **Muita gente usava para amedrontar.**
- É (risos)
- **Mas o senhor acha que se contasse para os turistas eles se interessariam? Ou achariam que é mentira?**
- Tem muita gente que acha que é mentira, né?!
- **Os jovens de hoje em dia não acreditam muito como antigamente?**
- É.
- (alguns momentos de pausa)
- **O senhor conheceu Hélio Galvão?**
- É. Eu conheci ele quando eu “tava” na casa de Otávio (filho de Hélio), eu acho que ele “tava” tomando “uma” e pagando cachaça “pra” todo mundo. Aí eu conversei com ele.
- **Ele ajudou muito Tibau?**
- Ajudou. Ele ajudava muito.
- **Ele foi o fundador de Tibau, “né”?! Lutou contra o prefeito de Goianinha?**
- É.
- **Por que o senhor acha que ele ajudava tanto?**

- É porque ele ajudava muita gente, “né”?! O advogado de Tibau. Mas ele não ajudava isso tudo, não. É porque ele tinha o poder de advogado grande. Mas não ajudava isso tudo, não.

- Então só ajudava o que podia como advogado?

- É.

- O senhor sabe da enchente que derrubou Tibau?

- Eu ouvi falar muito. A cheia de vinte e quatro, né?! O rio que botava água “pra” Tibau era o cariri e o jacú, um por um lado, o outro por outro. O “cabra” saía lá no Umari e lá no Georgino.

- O povo andava muito de barco por aqui, né?

- É. O povo dizia que tinha um riozinho, a levada que tinha o rio, a água escorrendo, aí dizia que era uma coisinha de nada, e que colocando dois pauzinhos de madeira dava para empatar a cheia, mas quando veio a de vinte quatro e não teve jeito.

- Dizem que foi castigo.

- Eu acho que foi.

- Castigo por quê? Aconteceu alguma coisa? O povo fez alguma coisa?

- É. A rua que saía, saía ali onde é a Barra, era uma rua comprida. O povo não acreditava.

- Então não acreditaram e exigiram muito da natureza? Por isso o castigo?

- É.

- Certo. Então o senhor autoriza o uso dessa gravação?

- Autorizo.

- Obrigada.

- Nada.

4. SENHORA DE 60 ANOS, EX-CAMAREIRA (30 de agosto de 2021)

- **A senhora me autoriza usar esse áudio para o trabalho?**

- Autorizo.

- **O que são as lendas para a senhora?**

- Lenda “pra” mim, são histórias antigas, “né”? Que o povo conta. E existiam em Tibau.

- **Que lendas a senhora conhece? A que mais marcou a senhora?**

- Eu conheço só a história da galinha, da galinha de ouro que aparecia numa mangueira. Sempre ouvi falar dessa história. Somente.

- **A senhora já viu alguma coisa?**

- Não. Nunca vi, não.

- **Como é que a senhora acha que as lendas foram criadas? Foi para amedrontar crianças? Foi alguma coisa que algum pescador, morador viu?**

- Os moradores, né. Os moradores mesmo que contavam essas histórias.

- **Eles contavam e espalhavam, não é?**

- É. Porque, assim, um contava, sentava aquela ruma de gente assim nas portas, conversava, contava, aquelas histórias. Dalí outros já contavam em outro canto, “né”. E assim ia se espalhando.

- **E eles contavam mesmo por contar, não é? Sem explicação iam contando.**

- É.

- **E o que a senhora acha de importante nelas? Algo que lembre a infância, algo para a cidade, cultura, tradição?**

- Eu acho que é a cultura da cidade.

- **A senhora acha que pode servir como forma de aproximação das pessoas?**

- É, pode ser isso.

- **Um avô contando para o neto?**

- É. Um avô conta “pro” neto, essas histórias. Um pai “pra” um filho. E assim eles vão ficando sabendo das histórias.

- A senhora acha que elas existem até hoje?

- Eu não sei, mas eu acho que não. Eu não vi mais falar dessas histórias. Sempre o povo comentava, mas agora eu não vi mais ninguém falar, não.

- A senhora acha que por que ninguém conta?

- Porque agora as coisas “mudou”. O povo vive mais em internet, não se senta assim “pra” contar história, não. É difícil. Só esse pessoal mais velho, né. Mas o povo mais novo não se interessa mais, não.

- A senhora acha que as lendas chamariam a atenção das pessoas que não conhecem?

- Eu acho que sim, porque tem gente que gosta de saber, né. Gosta que querer saber das coisas. Faz pergunta e tudo.

- E elas acreditariam? Ou achariam que é criação?

- Eu acho que acreditariam, “né”.

- A senhora conheceu Hélio Galvão?

- Conheci.

- Ele era o quê para cidade?

- Ele era um... Como é que se diz? Ele era uma pessoa importante pra cidade, ele ajudava as pessoas. Era tipo médico, assim, que ajudava, ensinava remédio “pras” pessoas. Era, assim, uma pessoa importante, muito importante.

- A senhora soube da enchente?

- De Tibau?

- Sim.

- Soube.

- A senhora acha que foi algum tipo de castigo? Tem alguma explicação?

- Não sei, não. Eu não sei contar a história de Tibau como forma de castigo. Por Tibau mesmo eu nunca soube que foi castigo, não.

- **A senhora acha o quê sobre a lenda do peixe-boi? A senhora conhece?**

- Eu já ouvi falar, mas acredita que eu não lembro dessas histórias? Eu ouvi falar, mas não lembro. Eu esqueci já tanta coisa que não lembro dessas histórias. Não lembro se eu soube, não.

- **Tá certo. Obrigada.**

(algum tempo depois)

- Não tem alí aquele colégio? O povo dizia que era mal-assombrado, mas eu nunca vi, não. Teu avô lá disse que se ouvia de alma, que assombrava o povo. Teve uma vez que eu tava na rua, apareci pra teu avô e ele se assombrou, achando que era uma alma, ficou parado me olhando. Eu disse: sou eu, menino. Anda! E ele disse: tá doida? Eu achando que era uma alma. Fica assim no meio da rua. (risos).

5. ESTUDANTE, 14 ANOS

- **Autoriza usar o áudio dessa entrevista?**

- Sim.

- **O que são as lendas?**

- São histórias que o povo conta.

- **Que lendas você conhece?**

- A do papa figo e a do lobisomem.

- **Você já vivenciou essas histórias ou ouviu relatos?**

- Só ouvi as pessoas falarem mesmo.

- **Como você acha que elas foram criadas?**

- Alguém que vivenciou e foi contando para as pessoas.

- **Você acha que é verdade mesmo ou invenção?**

- Algumas parece ser invenção, mas outras acho que é verdade.

- **Há algum tipo de explicação ou algo sobrenatural?**

- Eu acho que algumas são sobrenaturais mesmo.
- **E o que você acha que espalha essas lendas, algum responsável, é o pessoal da cidade, moradores, mais os trabalhadores, crianças?**
- Todo mundo que sabe vai contando “pros” outros.
- **Como elas podem ser entendidas, você acha que surgiu como fofoca de calçada, surgiu com os pescadores conversando, o pessoal se reunindo?**
- É, um vai contando pro outro e assim vai espalhando.
- **E que importância você acha que as lendas têm?**
- Acho que é importante para a cultura do lugar.
- **E o que elas de traz alguma lembrança de infância, contação?**
- Só as pessoas, os familiares que contavam.
- **E quem são esses familiares?**
- Os avôs.
- **Você acha que elas podem ser entendidas com identidade local, a cara da cidade, algo como uma tradição?**
- De certa forma, sim.
- **Por quê?**
- Porque o povo né, da cidade, desde sempre conta.
- **Os mais velhos? os mais novos? quem?**
- Todo mundo que sabe, de geração e geração vai passando, contando.
- **Você acha que elas podem servir como uma forma de aproximação entre as pessoas no ato de contar as histórias?**
- Eu acho que sim, as pessoas vão se aproximando e contando.
- **Se aproximando e contando?**
- Conversando, fofocando.

- **São eventos?**

- Não, é no dia a dia, você se senta para conversar e... pronto, o pessoal vai espalhando.

- **Você acha que elas existem até hoje?**

- Sim, ainda ouço falar.

- **As mesmas de antigamente?**

- É, nunca ouço uma diferente.

- **E por que você acha que elas insistem em contar?**

- Não sei.

- **De alguma forma para deixar viva ou para puxar assunto?**

- Acho que para não ser esquecida, né, as histórias de antigamente

- **E o que você sente alguma indiferença na contação entre os mais velhos, os mais novos, antigamente ou hoje?**

- Eu acho que muda o jeito de contar, cada um tem uma forma de se expressar

- **E dos tempos, quando você era mais nova para agora, você acha que mudaram?**

-É, antigamente eu acreditava mais, ficava com medo, agora é mais duvidoso.

- **Por que você acha duvidoso?**

- As histórias bem diferentes, né? Agora a gente para “pra” pensar e fica se perguntando se é real mesmo.

- **E com a internet?**

- É, com a internet facilita as coisas para as pessoas aprenderem, mas muita gente não liga.

-**E você acha que essas lendas poderiam chamar a atenção de alguma forma, as pessoas?**

-Acho que sim né para a cultura do local.

- E como forma de turismo?

- De certa forma sim, porque as pessoas podem chegar curiosa, pelo conto né e virem até a cidade.

-E você acha que poderia o turismo sol e praia ser substituído ou são pessoas diferentes, de diferentes interesses?

- Eu acho que dá para unir os dois, dá para unir e fazer os dois, né.

- Seria como um meio novo, uma inovação?

-Acho que sim, algo novo juntando a cultura do local e o que já atua.

- E como você disse que são as mesmas histórias sempre, você não acha que ficaria cansativo sempre as mesmas histórias?

- Sempre tem mais algo para contar, mas vai depender da forma que você conta, cada um tem sua forma de pensar.

-Entendi, obrigada.

6. PEDAGOGA, 39 ANOS

- A senhorita autoriza usar o áudio?

- Autorizo sim.

- O que são as lendas para a senhorita?

-Lendas são histórias é.... que... fantasiosas de uma geração para outra, que nossos antepassados contavam e que eles fantasiavam ou viam algo, algumas coisas e que passaram para nossa geração contando através de histórias.

- Que lendas a senhorita conhece, a que mais marcou, vivenciou ou que escutou?

- Bem eu me recordo do meu avô, quando meu avô me contava é a lenda do batatão. Ele contava que ia pro viveiro né, assim mais ou menos na madrugada, que ele era pescador, gostava de pescar e ia pro viveiro, ele contava que quando ele voltava né, depois da pescaria que vinha subindo uma ladeira, num determinado lugar que tinha

uma ladeira e ele vinha subindo, ele contava que tinha tipo uma tocha de fogo que seguia ele, então ele denominava como o batatão, então eles corriam, corriam, corriam... e quando mais eles corriam aquele fogo ali aparecia que “tava” perseguindo eles. É o que eu recordo assim que ele contava muito né, do batatão, até hoje eu ainda me recordo dele contando as histórias do batatão, minha filha o batatão a gente chega chegou com as pernas trêmulas, minha filha, que o batatão colocou atrás da gente, e ele disse que era algo feio viu, porque quanto mais eles corriam parecia que “tava” perseguindo eles.

- É... e a senhorita acha que é verdade ou é algo que ele alucinou?

- Olha ele contava que era verdade, ele contava que via aquilo e até quem ia pescar com ele também, ele falava que era verdade que ele via, mas assim possa até ser que ele também tenha aumentado alguma coisa, a gente não sabe, mas ele contava que era verdade aquilo que ele tinha visto.

- E a senhorita tem algum tipo de explicação ou que seja algo sobrenatural?

- Agora você me pegou.... Olha não sei te explicar por que ele falava que via aquilo né, então é algo assim que a gente não sabe explicar ao certo o que que é né. Pode ser algo que, eu não sei te explicar ao certo o que que quer dizer isso.

- Não tem explicação, e acha que tem alguma importância essa história? Já que muita gente relatou sobre a história do batatão e outras histórias, algo que traga uma cultura por trás da identidade da cidade?

- Eu creio que sim, que é importante porque relata um acontecimento que eles falavam que viam, então é importante porque passou de geração pra geração né, era meu avô que contava, eu creio que outras pessoas também já viram né esse batatão, que ele falou que não ia pescar sozinho, então outras pessoas também que “tavam” com ele falaram, minha filha era eu e fulano né, colocava o nome de outra pessoa então é importante porque vai passando de geração pra geração. Aconteceu isso com meu avô né, e ele denominou como se fosse o batatão, então é algo que vai passando de geração “pra” geração.

- E algo que pode ser entendido também como uma forma de aproximação sua com seu avô, é na contação já que...

- Sim

- ... é uma conversa

- Sim porque a gente passava horas conversando sobre as histórias que ele contava né, sobre os ocorridos que ele tinha visto, que ele tinha presenciado, então sim há uma aproximação que a gente passava horas e horas conversando, não só comigo como com outras netas também dele, creio que sim.

- E tem alguma diferença entre agora e antigamente, quando ouviam?

- Hoje é diferente, porque naquela época em si a gente não tinha tanta, como é que posso dizer, a gente não tinha tanta é.... Tecnologia né, a gente parava muitas horas para ficar ali conversando, e ouvindo ele contar as histórias dele, os relatos e tudo, hoje não, hoje o mundo tá mais tecnológico, eu creio que as pessoas até não dão tanta importância do que foi vivenciado lá atrás pelos nossos antepassados, é diferente.

- Não liga mais para as histórias, pensam mais....

- Sim, sim. Hoje em dia é só internet né, se bem que as histórias estão aí nas palmas das nossas mãos, mas assim é uma geração totalmente diferente que não, não dá ênfase no que nossos antepassados viveram, é uma geração mais atual ligados as coisas de hoje.

- É... e acha que essas lendas mesmo sem os jovens se interessarem existem até hoje? Como em alguns tempos atrás onde apareceu a história da anaconda por aqui por Tibau?

- Olha como eu falei é algo assim que eu acredito que é uma coisa muito assim fantasiosa, porque lendas é assim algo fantasioso, talvez eles tenham assim vivenciado coisas, mas assim sabe que quando vai passando de geração para geração às vezes conta ai modifica, entendeu, é algo deles né, eu não sei o que realmente aconteceu então pode ter mudado entendeu, com o tempo entendeu, as histórias, eu creio que algo fantasioso.

- Mas se contado usando as tecnologias hoje, mas de um jeito certo para lembrar essas histórias, o passado poderia servir como entretenimento?

- Sim, sim, porque a tecnologia “tá” pra isso, “né”? ela tá pra isso, se alguém souber realmente relatar de fato é... como é que vou falar... produzir algo real assim que atraia em si um certo público né, eu creio que sim, que a tecnologia “tá” pra isso.

- E como forma de turismo? Não só “pros” jovens como também para os mais velhos, se contassem uma história de Tibau, e chamassem algumas pessoas de alguma forma pro turismo mesmo, para aumentar o turismo daqui, de uma forma não só como sol e praia, porque as pessoas vão mais para descansar e poderia ser um público....

- Conhecer mais a história em si do município né, das lendas, de tudo, do que a gente já viveu, sim, é isso?

- Porque muitas pessoas vão na praia e veem o chapadão e não sabe da história de como ocorreu.

- A é interessante isso aí, “né”? É bem interessante, para mostrar não somente para o pessoal que vem de fora as origens em si do lugar né, você resgatar em si uma cultura né, do que foi vivido, falar hoje em dia de uma forma de uma linguagem, uma linguagem nova seria muito interessante para o pessoal, pros turistas que vem até aqui conhecer a nossa história.

- Já que pode ser incluído também como patrimônio histórico...

-Exatamente.

- Já que a cidade foi construída a partir de umas casinhas de pescadores, de um povoado de pescadores né, de índios também.

- É exatamente, é resgatando né, resgatando assim o passado né, Tibau do Sul se você parar para analisar, pra resgatar né a história, é muito rico de cultura porque tem uma vivência, uma vivência toda que os nossos antepassados contavam, é muito interessante a história de Tibau, e é interessante que os jovens de hoje em dia né saiba disso né, saiba da história que aconteceu com uma nova linguagem até porque hoje em dia pra você falar para um jovem você tem que usar de uma nova linguagem, não a linguagem que nossos avós falaram pra gente né, porque hoje em dia a gente está em pleno século XXI, é outra linguagem que tem que ser usada, até porque tem

a tecnologia né, as questões da tecnologias que entreter assim para que os jovens eles possam voltar para isso daí.

- **Que vão inovando junto.**

- Isso, exatamente.

- **“Tá” certo, obrigada.**

- De nada.

7. CRIANÇA DE 10 ANOS, ESTUDANTE

- **Você me autoriza usar o áudio para a entrevista?**

- Sim.

- **O que são lendas para você?**

- É um negócio que dá medo.

- **Você conhece alguma lenda?**

- Conheço.

- **Qual é a que você mais conhece?**

- A da sereia.

- **Como é essa lenda, o quê que ela faz?**

- Ela atrai os marinheiros para ficar doido e morre.

- **Ela mata os marinheiros, não é?**

- É, afogado.

- **Conhece mais alguma?**

- A do lobisomem. Ele se transforma de noite, mata os animais da floresta, os caçadores, para não matar ele, mata as galinhas e de manhã não tem nenhum animal mais.

- **Quem contou a história para você?**

- A professora, no vídeo da escola.
- **Você acha que essa história é mentira, invenção ou é verdade?**
- Eu acho que é verdade.
- **Essa história dá medo, ou você sente curiosidade em saber mais?**
- Eu queria saber mais, mas também dá medo.
- **Quem você acha que espalha esse tipo de história, de lenda?**
- Os avós.
- **E os netos, você acha que sentem curiosidade?**
- Acho que sentem medo, isso sim (risos).
- **Você acha que é algo sobrenatural, que não tem explicação?**
- Acho que é estranho mesmo, sobrenatural.
- **O que você acha de importante nessas histórias?**
- Dar medo?
- **Além de dar medo, acha que elas podem servir como alguma história da cidade, para as pessoas saberem mais?**
- É importante para as pessoas conhecerem mais sobre o povo antigo.
- **A história da cidade, não é?**
- É.
- **As lendas podem servir como uma maneira de aproximar os mais velhos com os netos? Por quê?**
- Sim. Porque eles vão contar, os netos vão querer saber mais, ir mais dias na casa dos avós e sentir curiosidade para conhecer mais histórias.
- **Você acha que até hoje existem essas histórias?**
- Eu acho que sim.
- **Por que você acha que as pessoas ainda contam?**

- Porque eles gostam de assombrar as crianças, para ensinar lições e amedrontar.
- **E você acha que os mais novos contam essas histórias para os mais velhos ou para os amigos?**
- Eu acho que contam para os amigos.
- **Por quê? Por curiosidade ou para amedrontar os amigos também?**
- Para amedrontar os amigos mesmo.
- **Você acha que essas histórias chamariam a atenção dos turistas, para conhecer a cidade?**
- Acho que sim.
- **Ou acha que sentiriam medo e não viriam mais para a cidade?**
- Acho que sentiriam curiosidade e viriam.
- **Muita gente viria para conhecer a cidade?**
- Não sei, acho que sim. Eu ia embora porque tenho medo (risos).
- **De que maneira você acha que elas seriam mais bem contadas? Pela internet, por vídeo, por história em quadrinhos?**
- Pela boca.
- **Dá mais medo, não é?**
- É.
- **Certo, obrigada.**

8. SENHORA DE 68 ANOS, PROFESSORA APOSENTADA

- **A senhora autoriza gravar para a entrevista o áudio?**
- Sim.

- O que a senhora entende como lendas? O que são as lendas para a senhora? Alguma história?

- São coisas que relembram o passado. As coisas que os mais velhos falavam para mostrar às crianças, que ficavam até com medo quando contavam aquelas lendas, temiam, ficavam com medo até de sair de casa. Eu ficava assim, desse jeito, com medo. Para mim, aquilo que contavam, sobre aquelas lendas, quando eu olhava assim de lado, para mim “tava” aquela coisa do meu lado, ao redor, desse jeito.

- Qual foi a lenda que a senhora presenciou que marcou mais?

- Essa de Tibau do Sul, que eu achei muito importante quando aconteceu. As pessoas que me informaram, porque não foi do meu tempo, mas a gente que é do município, tem vontade de conhecer as coisas, como foi que aconteceu logo no início. Então aquilo foi uma coisa muito importante para mim, sobre a vida de Tibau do Sul.

- A senhora falou sobre o que vivenciou com o barulho dos cavalos, poderia contar essa parte?

- Foi porque, uma noite, numa base de umas 12 horas da noite, *né*, a gente foi resolver um problema, num caminho, a gente foi buscar um objeto. Então, quando nós voltamos, *a gente escutamos*, não foi só eu, meu esposo e outra pessoa, uns barulhos muito fortes, assim como fosse... uns animais, *né*, na pista, correndo, *tendeu?* A gente pensava que era até animal mesmo, quando nós chegamos em casa, esperamos que eles passassem, mas não passaram, de jeito nenhum. Aquele barulho ficou para trás, mas a gente escutou todos os barulhos, como fosse um animal, e nós ficamos com bastante medo, porque já era fora de hora, *tendeu?*

- E a senhora vê como verdade, ou algo sobrenatural, uma mentira, inventada pelo povo?

- Filha, eu creio que aquilo ali não era coisa natural não, *tendeu?* não era natural não.

- É... como é que a senhora acha que elas surgiram?

- Os barulhos?

- Depois de vários minutos, quando nós voltamos, *tendeu?* e a gente já vinha, assim... mais ou menos assim, uns 15 minutos do local onde nós estivemos, quando nós

voltamos, foi que *a gente escutemos* esses barulhos, *tendeu?* E nós chegamos em casa e não conseguimos ver nada passar na estrada.

- Então, algo sobrenatural que não tem explicação?!

- Não tem explicação, justamente.

- É... a senhora acha que elas são importantes para a cultura da cidade, já que muita gente contava, muita gente viu?

- É importante *né*, eu acho que assim, que é importante para a cidade; porque é uma coisa que a gente não estava, a gente não viu, mas escutou, *né*, aquele barulho...

- Vivenciou, *né*?!

- Justamente.

- É... elas podem servir como alguma forma de aproximação entre, por exemplo, o avô e o neto? Quando conta, na contação da história, porque muita gente contava, *né*, os mais velhos para os mais novos.

- Os mais velhos sempre contaram para os mais novos, *né*? Muitas coisas que eles já viram dentro de Tibau, que eles já... já viram, *né*, com os olhos deles, escutaram, e muitas coisas eles transmitiram para nós, sendo netos, ou filhos, eles já transmitiram para a gente muitas coisas, *né*; as vezes a gente nem chega, assim, a lembrar muitas coisas do que eles já contaram antigamente.

- E o quê que a senhora vê de diferente entre antigamente e agora? Na contação, eles prestam atenção ou não ligam mais?

- Eu acho que agora é mais diferente, porque antigamente a gente se apegava mais naquilo que eles contavam do que agora, *tendeu?!* Porque agora mudou, com o tempo mudou, as crianças hoje em dia, às vezes, não querem nem observar muitas coisas; e antigamente eles se aproximavam mais das pessoas mais velhas que ficavam contando para eles.

- E porque que a senhora acha isso, que antigamente prestavam mais atenção? Por causa das invenções de agora, tecnologias?

- Justamente, da tecnologia. Eles agora mudaram.

- **E se a gente usar a tecnologia para espalhar novamente essas lendas, acha que chamariam atenção?**

- Eu acho que sim, chamariam a atenção deles. Porque às vezes, tem uns, não todos, mas a maior parte, às vezes, eles querem saber o passado, muitas coisas passadas, para contar agora no presente.

- **É isso, obrigada.**

9- PROFESSORA, 44 ANOS

- **O que são lendas?**

- Lendas são histórias contadas que vão passando de geração em geração, ou seja, vai passando de pai para filhos.

- Eu não vivenciei essas duas histórias ... "assim", eu só ouvi o relato delas duas "né?!", da criança da lagoa do Bonfim e do lobisomem bem real junto com seu Antônio pequeno.

- **Você acha que as lendas foram criadas?**

- Sim para resgatar, os nossos avós gostavam do sobrenatural, eu acho que o povo de antigamente gostava dessas histórias, inventadas, criadas, para que no futuro fosse passada de geração em geração.

- Eu acho que as lendas elas podem ser entendidas como uma história de pescador, uma história criada para a cultura, uma certa cultura dos antepassados para que passe de geração em geração.

- As pessoas acham interessante contar, porque resgata a cultura, é interessante contar, certas lendas você vê o espanto no rosto de algumas pessoas e você quando narra, quem tá ouvindo e gosta de escutar a sua imaginação voa, essas pessoas são pessoas que gostam de histórias, são pessoas que amam os acontecimentos, gosta da cultura em si.

-As lendas existem até hoje, porque persiste na cultura, porque a cultura é uma coisa rica, a gente deve buscar o que aconteceu no passado, a história da formação, tem

todo um pilar de aprendizado, então, é importante que saibamos a cultura, a questão dos mitos e das lendas, do nosso folclore brasileiro

- É ... como eu já disse, eu acho que as lendas, elas foram criações dos antepassados para que perpetuar-se uma história nos dias atuais

- Eu acho que as lendas não são reais, eu acho que são histórias contadas, criadas, da nossa geração que passou

- Olha... a diferença que tem entre nós mais novos e nos mais velhos na contação das lendas, como eu já te falei o pessoal mais velho, eles contam a história com tanta realidade, com tanto entusiasmo que você "viaja", vivência, você pensa que está no meio daquela história, chama mais atenção

- Eu acho que a lenda ela é importante para a atualidade vê a criação, a imaginação dos nossos antepassados

-Ela pode ser importante para a cidade? Sim as pessoas têm curiosidade de como aquela cidade surgiu, com o passar dos anos o que aconteceu aquela história, com aquele lugar, será que teve histórias sobrenaturais, histórias inventadas ou só vive a realidade, eu acho que é importante sim a lenda.

- Acho sim, acho que a lenda, ela pode atrair um público, atrair turistas, atrair pessoas curiosas que queiram saber que lendas existiu ou existem naquele lugar, que história contada, narrada, naquela cidade, será que igual a cidade do visitante a lenda? ou tem outras lendas que surgiram no cotidiano, eu acho sim muito importante sim.

10- PROFESSORA, 39 ANOS

- Lendas, às existências das lendas povoa a memória de um povo, esse povo pode ser eu, você, nossos antepassados, lendas são corações orais, pode algo inventado, pode também dar um sentido real ou pode simplesmente ser algo da sua imaginação, de uma coisa eu sei as lendas também fundamentam a nossa história, traz verdades das vivências de um povo, de uma comunidade.

- A criação das lendas se dá pelo próprio povo, aquele que conta, que já lhes contaram, o que antes foi inventado, criado, fantasiada, até pode ser real depende do

seu ponto de vista, sabemos que as lendas, elas não têm comprovação científica, mas elas são culturais, são frutos dos pensamentos antigos, dos povos

- E quem conta, quem espalhou? Bom... pode ser eu, teu pai, meu avô, o seu tataravô ou eu, você, amanhã, está na geração futura conhecer e não deixar morrer.

- Eu vejo a questão do entender a lenda, como a mensagem que ela me transmite, por exemplo quando eu leio a história do Curupira, ali eu entendo que ele é o guardião da floresta e que para isso ele assusta, ele põe terror em quem tentar destruir a floresta ,e então, como as lendas elas são invenções do pensamento humano, mas assim, esse pensamento, o pensamento da gente ele vai além, ele é incrível, ele idealiza uma mensagem fictícia, é uma imaginação extraordinária que o ser humano acha que é mentira ou é verdade, então depende muito do modo de pensar, do modo que você vai entender

-Bom... as lendas para mim são invenções, porém acredito que através delas podemos encontrar algumas verdades úteis para a vida

- Considera as lendas importante sim, pois elas fazem parte da história de um povo, isso marca a nossa essência, nossa invenção poética, quando eu conto algo eu me expresso, melhora o meu vocabulário, enriqueço os meus conhecimentos e ainda me sinto participante das histórias do meu povo, da minha cultura.

- As lendas elas podem ser importantes sim para a cidade, elas resgatam uma identidade esquecida, elas elevam a cultura, enobrecem o conhecimento popular de um povo e também fortalecem a literatura na comunidade.

- E quem pode contar as lendas, elas fazem parte do lugar, então todos podem contar, todos podem contar algo, podem idealizar, pensar ao longo do tempo.

- E assim a diferença que eu vejo é que os velhos, as pessoas mais antigas na verdade elas contam suas lendas, elas trazem as suas histórias, as suas memórias de uma forma mais intensa e mais clara nos detalhes, é algo mais longo, e os jovens, o novo ele recebe as informações, ele processa as informações, ele estuda as lendas, ele ouvi as lendas de uma forma mais prática e de maneira mais surreal, então assim, ele procura trazer o atual, ele quer envolver o atual, a atualidade no que ele conhece, no que ele ouvi, então assim é isso que diferencia, é uma forma mais intensa e uma forma mais prática de ver as coisas.

- E eu acredito que as lendas elas existem até hoje porque são lembradas de geração em geração, acredito sempre que existirá alguém para contar e não deixar morrer esse gênero tão interessante e encantador na cultura do povo.

- E a cidade ela pode incluir sim, principalmente no turismo cultural, valorizar essa parte que enriquece a memória de um povo a começar, por exemplo em uma simples tenda fixa divulgada para expor sua arte, sua cultura, suas lendas, isso integra a cultura de qualquer povo, o que falta muitas vezes é um olhar direcionado ao resgate da valorização das tradições e da riqueza que isso proporciona para a nossa história.

- Sim, as lendas elas poderiam ser mais enfatizadas na literatura, na poesia, no ensino escolar, muitas vezes a cultura fica esquecida enquanto outros eventos são mais cotados por darem mais lucros financeiros como eventos de shows artísticos enquanto a cultura do povo deveria ser mais valorizada

11- 50 ANOS, COSTUREIRA E EX-BOLEIRA.

- A senhora autoriza usar o áudio como entrevista?

- Sim.

- O que são as lendas para a senhora?

- Aqui, assim, a que a gente conhece mais é a do bicho papão, a do lobisomem, é... Que eu saiba só, né? Porque são lendas que as pessoas assim, mentalizam que existem, mas ninguém nunca vivenciou, ninguém nunca viu, ninguém nunca presenciou um fato, assim, não tem nada catalogado, então fica difícil. É inventado, é uma lenda, né?

- Mas a senhora acha que é inventada ou já existiu, mesmo?

- É inventada. É inventada porque se tivesse existido teria algum fato, que teria sido narrado por alguém, verídico, né? Então não tem nenhum fato verídico.

- Como a senhora acha que elas foram criadas e por que motivo?

- Essa do lobisomem, era inventada porque assim, a noite não tinha energia elétrica, então é assim, existiam lendas urbanas porque as pessoas saiam muito a noite, existiam casais de namorados que não queriam que os pais soubessem e inventavam

a história do lobisomem, justamente por medo, e assim saíram jogando essa lenda no ar, né? Porque assim, com essa história dos namorados existiam muitos lobisomens, mas só aparecia lobisomem novo, depois dos nove meses. E aí aparecia o lobisomem, dono do bicho, né? Mas até aí ninguém nunca presenciou lobisomem, né?

E a do bicho-papão era inventada para as crianças. Para as crianças não saírem, não ficarem na rua. Era uma coisa mais para amedrontar e não mais uma lenda que alguém tivesse vivenciado. Era só fazer medo a criança para ela ficar presa em casa e não ter que ficar na rua.

- Então elas podem servir como algum tipo de identidade local, algo específico da cidade, do povo?

- Não. Porque eu acho assim: eu acho que foi uma lenda criada para as cidades dos interiores, porque antigamente as pessoas que eram interioranas tinham muito isso. Na cidade grande não existe. Então, quer dizer, se disserem: é específico essa história dessa cidade? Talvez na outra cidade ou em duas cidades a mais, tenham a mesma história, entendeu? Então assim, não. Não pode ser usado só para identificar uma cidade. Eu acho que no geral, num quadro geral, antigamente, eu acho que muitas cidades interioranas usavam essa tática, sabe?

- Elas podem servir como alguma forma de aproximação entre as crianças que ouvem e os mais velhos?

- Sim, sim. Com certeza. Pode ter certeza. Porque hoje as crianças não escutam nem os mais novos, imagina os mais velhos, né? Antigamente se escutava, mas hoje é muito difícil. Hoje, se você olhar feio para a criança, o Conselho Tutelar quer lhe matar, né? Então, já viu, né? Por isso que a criança, ela está solta aí na rua e o negócio tá esculhambado, né? Não arruma nunca mais. Porque depois desse Conselho Tutelar, não tem como não. A criança não escuta pai mais não. Nem velho, nem novo e nem nada, entende?

- Então a senhora acha que é esse o motivo de não existirem mais, as lendas?

- É. Porque assim, o medo em si, acabou, entendeu? Assim, hoje mesmo as crianças vendo filmes de terror, elas já não têm medo mais, entendeu? Então é assim, já não existe isso mais. Só se for alguém que foi criado muito, muito, muito, muito fora da realidade da nossa casinha, né? Porque hoje, minha filha, todo mundo têm celular e

todo mundo tem internet, até mesmo dentro do mato quem não tem nada, e aí você vai lá e tem internet, entendeu? Um sinal de internet. Então fica difícil você pregar uma coisa dessa e todo mundo dizer assim: é mentira. Não existe, né? É, entendeu? Em todo lugar existe, assim, a tecnologia tá muito avançada, então as pessoas não acreditam nisso mais. É difícil.

- Mas elas podem ser importantes, poderiam ser? Antigamente eram?

- Antigamente sim. Hoje não mais, entendeu? Hoje não mais. Hoje isso aí fica só entre aspas como lendas mesmo, só. Não passou daí. Não tem fundamento, não cresce. A história não vinga, entendeu?

- A senhora acha que elas chamariam a atenção de pessoas que não conhecem? Pessoas que não sabem da cultura da cidade, das histórias?

- Eu acho que não. Porque assim, de certo modo eles vão procurar de onde é a fonte, entendeu? Até você achar a fonte, assim, que é rápido, ela já perdeu o contexto da coisa. Ela começa e aí já tem um fim, não tem nenhum meio, entendeu? Assim, ela é uma coisa que tem um começo, tem um fim instantâneo. Ela não tem um meio para se desenvolver, a história, entende? Não tem como.

- Mas sendo entendidas como parte da cultura, parte de uma história de antes, que os mais velhos contavam e que era parte da vivência deles, entendidas como patrimônio imaterial?

- Sim, sim. Elas têm um fundamento sim. Porque é assim, foram através dessas histórias que muitas crianças cresceram e tiveram a educação totalmente diferente da nossa educação de hoje. Então para os antigos, para assim, digamos, há 80, 90 anos atrás, sim. Hoje não mais, entende? Hoje isso aí já não tem fundamento mais não. Por mais que a gente veja os relatos de muita coisa, isso aí já... para antigamente, sim, hoje não. Eu creio que dos anos 70 para cá, isso aí já...

- Então se a gente catalogasse algumas lendas, algumas histórias e fizesse de uma maneira para chamar atenção das pessoas, funcionaria?

- No início, sim. Para o turismo no início, sim. Mas depois aquilo ali se tornava uma coisa corriqueira, porque assim, eles iam ver que não tinha a menor base de crescimento lá na frente. Para o turismo, sim. A história contada para o turismo, aquela

coisa toda... Mas só servia mesmo, só para isso assim, de início. Quem vinha uma vez e escutava a história, na segunda já não queria escutar mais porque era a mesma coisa, entendeu? Então assim, no início sim, mas depois... Só mesmo lendas, mesmo, só para distrair o turismo, só. Eles jamais iam acreditar, né?

- Então precisa inovar?

- É. Precisa inovar, né? Porque é assim, tudo hoje na vida tem que ter inovação. Se você não tiver inovação, o que é novo hoje, amanhã já é velho e isso aí é fato, entendeu? Isso aí é um fato presente. Então assim, é como a nossa tecnologia: assim, o celular hoje se compra, ele sai lançamento hoje e daqui dois anos a função dele já não é essa mais. É função já de entulho, lixo. Agora tem que ter uma nova inovação, entende? Para tudo. Então essas histórias assim, lendas e essas coisas todas aqui que eram contadas no passado, ficaram no passado. Mesmo catalogada, vai despertar uma primeira curiosidade sim, mas depois aquilo ali vai se tornar banal, porque se for levar em conta que isso ali vai fazer alguma diferença lá no futuro das pessoas, não, porque não existe, entende? Aí é isso. Não adianta não. Não adianta você botar isso para a frente não, porque não...A não ser que seja igual assim, é... Igual uma receita, né? Que você siga e na hora que você muda um ingrediente, muda o componente lá do final, né?

- De acordo com o que as pessoas querem e inovando...

- É. E inovando, entendeu? Então assim, o que começou com uma lenda para muitos escritores e muitos historiadores possa “desarnar” ali, mas mudando o contexto. Talvez seja uma história contada no passado e lá na frente tem um final totalmente diferente do que aconteceu, entendeu? Então é assim. Tudo hoje tem que ter inovação, se não tiver está para trás. E quando está para trás, minha filha, para você ganhar inovação de novo você tem que morrer e nascer novamente para aquilo acontecer, porque não acontece duas vezes não. É como a história do raio: não cai duas vezes no mesmo lugar, só cai uma vez e olhe lá, né? E olhe lá...

- Está certo, obrigada...

- De nada.

12- 38 ANOS, PEDAGOGA

- A senhora autoriza usar o áudio para a entrevista?

- Sim.

- É... O que são as lendas para a senhora?

- Histórias contadas, né? Por pessoas com mais idade.

- Que lendas a senhora conhece?

- Que eu ouvi falar, é a do lobisomem, né? E da... É. Do lobisomem e da galinha, né?

- Já vivenciou alguma história ou só ouviu relatos?

- Só ouvi relatos.

- A senhora acha que foram criadas por quais motivos? Ou são mentiras?

- Algumas eu acredito que foram “conversas de pescador”, né? E outras acredito, pelo que eu ouvi, né, mas relatos, que sejam verdadeiras, né?

- E essa “conversa de pescador” era algo que eles viram, ou acharam que viram e aumentaram?

- Algumas eu acredito que eles tenham visto de verdade, né? Que uns senhores têm jeito de falar, não é como se tivessem inventando. E alguns sim. Aumentaram sim algumas coisas, porque passa de uma pessoa para outra, né? Uma conta e a outra vai e aumenta um pouco sim.

- Mas acha que há algum tipo de explicação ou é algo sobrenatural que não tem como saber?

- Acredito que seja sobrenatural.

- Acha que elas têm alguma importância para a cultura da cidade? Já que são os moradores que contam?

- Sim. Com certeza.

- Por quê?

- Porque as histórias, né, vão passando de geração em geração e contadas...E é muito importante, né? Principalmente nos dias de hoje que as crianças não estão ligando muito para isso, né?

- Então elas podem servir como uma forma de aproximação das pessoas?

- Sim. Com certeza.

- Por quê?

- Porque hoje as pessoas não se conversam mais, né? É mais pelo *WhatsApp*, internet...E hoje em dia ninguém vê um avô conversando com um neto, né? Antigamente tinham aquelas rodas de conversas na calçada, ficava horas e horas conversando e hoje não tem mais isso.

- Então as lendas estão morrendo com essas pessoas?

- Sim. Com certeza.

- Então a cidade, a história da cidade pode ser, algum dia, desconhecida? Já que muitas pessoas também não conhecem ou não sabem?

- Se continuar do jeito que "tá", com certeza vai ser desconhecida.

- E acha que usar a internet, a tecnologia de hoje em dia, como uma forma de linguagens, a linguagem deles, pode servir como uma atração?

- Sim, com certeza. Porque hoje, né, infelizmente ou felizmente, tudo é no meio da internet, né? Então se tivesse um meio de envolver os dois, seria bem melhor.

- E... Que diferença, é... Já que falou na contação, na diferença da contação que antes eram os mais velhos e tá morrendo com eles, é... Elas seriam contadas sobre outra ótica, sobre outro olhar, é... mudariam, se atualizariam ou continuariam as mesmas?

- Para mim, tinham que continuar as mesmas, né? Porque aí perde o sentido da coisa.

- Já que fala sobre a história e a criação?

- Isso.

- Então como forma de turismo, usar para "pessoas de fora": elas sentiriam vontade, curiosidade?

- Eu acredito que sim, né? Tudo novo assim, nesse sentido, que não seria novo, mas com certeza iria chamar a atenção.

- De um outro público ou dos mesmo que vêm pôr sol e praia? Acha que chamaria mais gente de outros interesses?

- No meu ver, eu acredito que chamaria mais de outros interesses.

- Por quê?

- Porque os moradores, né, os novos moradores, digamos assim, os adolescentes, no caso, e as crianças não estão ligando muito para isso.

- E como pedagoga, qual a importância que a senhora vê na...Que essas lendas poderiam servir na formação dessas crianças?

- Na questão do aprender, mesmo. Das origens, né? De dar valor. Valorizar, né? As origens dos avós, bisavós, e é isso.

- Acha que elas sentiriam interesse em conhecer a história, como ocorreu?

- Sim. Dependendo da maneira que seria contada, com certeza.

- Então, falar em maneira, acha que poderia ser... Criar linguagens diferentes para os mais velhos, para os adolescentes e para as crianças? Uma maneira diferente de lidar com cada pessoa?

- Cada pessoa ou cada um, no caso?

- Cada pessoa. Uma maneira diferente de contar a lenda.

- Ah! Para cada pessoa. Cada caso, né? De criança, adolescente...Seria interessante, né? Que fosse assim. Desde que não perdesse a origem de cada lenda, a cada história contada. Seria mais interessante. Até tem a questão das crianças, né? Com a história do lobisomem, elas ficam assustadas, né? Meio assustador para elas.

- Obrigada!

- De nada.

13 - 63 ANOS, APOSENTADA

-O que são lendas?

- Histórias verdadeiras que o povo contava.

-Você já vivenciou essas histórias ou ouviu relatos?

- Sim. Teve uma vez que eu fui pros caranguejos, aí... eu só escutei aquele barulho e vi um homem saindo do mangue. Eu “tava” com facão no balde e tirei ele e fiquei com o facão na mão, aí ele veio pra perto e puxou a linha do caranguejo. Quando eu “tava” voltando ele apareceu novamente e eu fui correndo pra casa com medo. Ele ficou debaixo do cajueiro me chamando.

-Você acha que é verdade mesmo ou invenção?

-Verdade, porque eu vi.

-Há algum tipo de explicação ou algo sobrenatural?

- Não sei explicar.

-O que você acha que espalha essas lendas? algum responsável? é o pessoal da cidade? moradores?

- Pescador

-Como elas podem ser entendidas? Você acha que surgiu como fofoca de calçada, conversa de pescadores ou o pessoal se reunindo?

- O pessoal se reunindo pra conversar.

-Você acha que elas podem ser entendidas como identidade local, a cara da cidade, algo como uma tradição? Por quê? (caso sim)

- Sim.

-Quem é o pessoal que conta essa história?

- Minha mãe; minha vó.

-Você acha que elas podem servir como uma forma de aproximação entre as pessoas no ato de contar as histórias?

- Sim.

-Você acha que elas existem até hoje?

- Porque o pessoal mais velho ainda conta.

-São as mesmas de antigamente?

- Sim.

-Há alguma diferença na contração entre os mais velhos e os mais novos?

- Não existe não.

- Você acha que essas lendas poderiam chamar atenção de alguma forma?

- Não.

-E como forma de turismo? Você acha que poderia ser uma opção de trazer turistas para conhecer a história da cidade?

- Sim.

-Seria um novo meio de inovação?

- Sim.

14. 50 ANOS, TÉC. DE ENFERMAGEM

-O que são lendas?

- São histórias da imaginação do povo.

-Que lendas você conhece?

- A do berrador que quando ele berrava longe ele tava perto e quando ele berrava perto tava longe. Do cachorro da mangueira azeda que se transformava em um homem quando chegava perto dele; a do pescador de um braço só e andava com a canoa nas costas.

-Você já vivenciou essas histórias ou ouviu relatos? Como você acha que elas foram contadas?

- Pelos pescadores e moradores antigos.

-Você acha que é verdade mesmo ou invenção?

- Invenção para atrair a atenção das pessoas

-Como elas podem ser entendidas? Você acha que surgiu como fofoca de calçada, conversa de pescadores ou o pessoal se reunindo?

- Conversa de pescador

-Que importância você acha que as lendas têm? Ela traz alguma lembrança de infância para você?

- Sim, fez diferença. Porque era todo mundo jovem e não tinha pra onde sair, aí ficávamos em casa pra ouvir essas histórias.

-Você acha que elas podem ser entendidas como identidade local, a cara da cidade, algo como uma tradição? Por quê? (caso sim)

-Quem é o pessoal que conta essa história?

- Os mais velhos

-Você acha que elas podem servir como uma forma de aproximação entre as pessoas no ato de contar as histórias?

- Sim, era uma forma de aproximação das pessoas, como não tinha televisão as pessoas se reuniam a noite “pra” ouvir as histórias.

-Você acha que essas lendas poderiam chamar atenção de alguma forma?

- Seria um resgate da cultura dos povos antigos da cidade, então, sim, seria uma forma de chamar atenção.

-E como forma de turismo? Você acha que poderia ser uma opção de trazer turistas para conhecer a história da cidade?

- Sim, porque além de olhar as nossas belezas naturais, iria dar maior visibilidade as nossas belezas culturais.

-Seria um novo meio de inovação?

- Sim

15. 64 ANOS, APOSENTADO/EX-PESCADOR

-O que são lendas?

- História que o pessoal conta.

-Que lendas você conhece?

- A da caça do tatu

-Você já vivenciou essas histórias ou ouviu relatos?

- Sim. Quando eu dormia eu via um homem sem cabeça do meu lado direito. Teve um dia que eu acordei com ele agarrando o meu braço, outro dia fui pescar e ele “tava” embaixo de uma mangueira, mas depois ele não apareceu mais.

-Como você acha que elas foram contadas? Você acha que é verdade mesmo ou invenção?

- Sim, são verdade. Mas existem algumas que o pessoal aumenta mais que o necessário.

-O que você acha que espalha essas lendas? algum responsável? é o pessoal da cidade? moradores?

- São os moradores da região, principalmente, aqueles que já morreram.

-Como elas podem ser entendidas? Você acha que surgiu como fofoca de calçada, conversa de pescadores ou o pessoal se reunindo?

- Era mais quando o pessoal se reunia.

-Ela traz alguma lembrança de infância para você?

- Sim, lembra muito o tempo que eu era jovem que ficava a noite escutando os mais velhos contarem.

-Você acha que elas podem ser entendidas como identidade local, a cara da cidade, algo como uma tradição? Por quê? (caso sim)

-Sim, porque serve de preservação da cultura.

- Quem é o pessoal que conta essa história?

- Várias pessoas, mas esse povo já morreu.

-Você acha que elas podem servir como uma forma de aproximação entre as pessoas no ato de contar as histórias?

- Sim, com certeza. Porque o pessoal se reúne “pra” conversar.

-Você acha que elas existem até hoje?

- Por causa que elas foram sendo passadas ao longo do tempo.

-São as mesmas de antigamente?

- Sim.

-Por que elas ainda continuam a ser contadas?

- Por causa do pessoal mais antigo que continuam com a tradição de contar histórias.

-Há alguma diferença na contração entre os mais velhos e os mais novos?

- Sim, porque os mais velhos têm um jeito de contar que os mais novos não têm.

-Você acha que essas lendas poderiam chamar atenção de alguma forma?

- Sim, porque essas histórias até hoje assustam muita gente.

-E como forma de turismo? Você acha que poderia ser uma opção de trazer turistas para conhecer a história da cidade?

- Sim.

-Seria um novo meio de inovação?

- Sim.

16. 58 ANOS, PESCADOR.

-O que são lendas?

- São histórias antigas que as pessoas contam.

-Que lendas o senhor conhece?

- Eu conheço a lenda do canoeiro de um braço só. Ele só tinha um braço e quando chegava na croa, ele pegava a canoa e jogava nas costas e atravessava. Aí uma vez

passou aquele camarada perto de mim com toda velocidade numa canoa, aí eu fui acompanhando e cada vez que eu fazia força pra acompanhar ele mais distante ficava. Aí eu prestei atenção numa hora e vi que faltava isso aqui dele (faltava o outro braço), eu vi, mas eu nunca imaginava na história. Só que eu fui acompanhando ele, já que o povo falava que quando ele chegava no seco, quando não dava mais pra canoa ficar na água ele colocava a canoa nas costas e atravessava “pro” outro lado.

-Você já vivenciou essas histórias ou ouviu relatos?

- Sim, eu vivenciei.

-Você acha que é verdade mesmo ou invenção?

- É verdade porque eu presenciei.

-Há algum tipo de explicação ou algo sobrenatural?

- Eu não sei ... eu vi, mas não consigo explicar.

-O que você acha que espalha essas lendas? algum responsável? Qual é o pessoal da cidade? moradores?

- O pessoal da cidade, principalmente, os pescadores.

- Como elas podem ser entendidas? Você acha que surgiu como fofoca de calçada, conversa de pescadores ou o pessoal se reunindo?

- Sim, é conversa de pescador.

-Que importância você acha que as lendas têm?

- Sim, porque essa história vai passando e sendo contada para outras gerações e isso é uma forma de preservação.

-Quem é o pessoal que conta essa história?

- É o pessoal mais velho. Os pescadores e moradores da cidade.

-Você acha que elas podem servir como uma forma de aproximação entre as pessoas no ato de contar as histórias?

- Sim.

-São as mesmas de antigamente?

- Sim.

-Por que elas ainda continuam a ser contadas?

- Porque o pessoal ainda continua com esse negócio de contar história nas rodas de conversas.

-Há alguma diferença na contração entre os mais velhos e os mais novos?

- Não, porque essa história que eu te contei foi da mesma maneira que o meu tio me contou.

-Você acha que essas lendas poderiam chamar atenção de alguma forma?

- Sim, porque muitas pessoas têm a curiosidade de escutar. Muita gente trabalha com coisas antigas, Dácio Galvão gosta dessas coisas antigas.

-E como forma de turismo? Você acha que poderia ser uma opção de trazer turistas para conhecer a história da cidade?

- Acho que sim porque é história e o povo tem curiosidade “pra” saber.

-Seria um novo meio de inovação?

- Sim, porque eu conhecia gente na Pipa que trabalhava com isso.... ele chegava perto das pessoas e começava a contar as histórias e o povo ficava curioso “pra” saber mais e até dava mais dinheiro pra ele continuar contando.

APÊNDICE C – Dados dos entrevistados

Nome	Idade/anos	Ocupação
Antônio Valdivino	85	Aposentado/Ex-pescador
Maria da Conceição Valdivino	60	Desempregada/Ex-lavadeira
Maria Elloyze Gadelha	10	Estudante
Diana Gadelha	43	Professora/Pedagoga
Evânia Dias	50	Costureira
Maria Alda Barros	68	Professora aposentada
Jeane Barros	39	Pedagoga
Davi Gadelha	64	Pescador e agricultor
Maria Cacilda Marinho	38	Pedagoga/Desempregada

Dário Marinho	41	Autônomo
Kaillanny Marinho	14	Estudante
Raquel Barros	39	Pedagoga
Rosilene do Anjos	44	Pedagoga
Erineide Ramos	44	Secretária do Lar
Daniel Soares	50	Téc. de Enfermagem
Eriberto Santana	18	Estudante
Ericleia Ramos	33	Autônoma
Francisca Ramos	63	Aposentada
José Roberto Santana	64	Aposentado/Ex-pescador
Mauro Sérgio Santana	58	Pescador

APÊNDICE D – Texto das lendas para os podcasts

1. LOBISOMEM

Em uma cidade pacata formada a partir de choupanas de pescadores, surge uma criatura curiosa, peluda, com aparência de cachorro, mas um cachorro enorme, muitos dizem ser maior do que uma pessoa. Tibau do Sul era calma, mas essa aparição começava a assustar moradores, uns incrédulos, outros amedrontados...

Em noites de lua cheia era possível ouvir os uivos da estranha criatura, tão assustadores eram que doíam nos ouvidos. Crianças não mais brincavam nas ruas pela noite, nem homem que se dizia corajoso se arriscava a andar por elas depois da meia noite. Ao acordar, criadores de galinhas sentiam falta das suas, sangue era visto junto às penas no quintal.

“Quando era noite de lua cheia, e que era de 12 horas da noite, e que ele ficava todo peludo, e que onde tinha o pessoal fazia fogueira, eles caíam dentro e se transformavam em lobisOMEM. Eu morria de medo, também porque diziam que eles comiam casco de caranguejo e quando a gente comia caranguejo eu sempre ficava com medo à noite, de isso acontecer, né. Na sexta-feira.”

De onde vinha ou o que era de fato aquela criatura, ninguém sabia. Tibau do Sul agora já estava alerta, o medo de andar em qualquer horário sem companhia

humana, ou quem sabe armados, era real. “O lobisomem” ou “o cachorro grande” era imparável.

“Eu vi o lobisomem uma noite que eu fui deixar uma planta. Minha mãe botou o pandeiro do lado de fora que até passamos por cima.”

O que havia era especulações: uns diziam que era um homem alto e magro, e que em noites de lua cheia se transformava, ficava peludo e uivava para a lua, se alimentando de animais e restos de comida; outros já diziam que era um cachorro que cresceu demais, de pelos pretos e de uivo ensurdecedor, se alimentando até de gente se passassem pela frente.

O que se sabe é que essa história correu bastante pelos anos 80 e 90, e que foi esfriando, ninguém mais foi vendo o lobisomem, ninguém mais contava sobre o assunto e assim foi sendo esquecido.

Uns não acreditam, outros afirmam ter existido. E o que nos restou foi a contação delas, muito curiosas por sinal.

Mas se, em uma noite de lua cheia, ouvires um uivo, saiba que essa criatura pode estar nas redondezas.

2. GALINHA DE OURO

Há, em um distrito de Tibau do Sul, uma mangueira grande e bem composta. Localiza-se no meio da estrada, sozinha, no escuro...

Esse caminho é conhecido por muitas histórias, pois como é um local vazio e muitas pessoas passam rápido com medo de serem abordadas para assalto, existindo uma predisposição a isso.

Pela noite, o local é escuro, sempre foi. E diziam que nela morava uma galinha de ouro, junto com seu pintinho também de ouro, em que, como toda galinha com seu filhote, não deixava ninguém se aproximar. Muitos tinham um receio enorme de passar por lá.

“Próximo a uma mangueira, as pessoas diziam que tinha a lenda da galinha de ouro com o pintinho de ouro, que eu tinha muito medo, e quando eu passava

parecia que eu não sentia andar, eu flutuava na pista, não sentia minhas pernas andando de tanto medo, eu ficava apavorada.”

Essa galinha era danada para assustar gente.

Não se ouve mais histórias de alguém que já tenha corrido dela, ou que ela já tenha atacado, apenas do medo e da tentativa das pessoas de passarem o mais longe possível, pois como a galinha era de ouro, ganhar uma luta dela seria difícil. Curiosos tentavam se aproximar para pegar ao menos o pintinho para conseguir alguma coisa, dinheiro, mas a escuridão e o barulho alto que ela fazia, do cacarejo junto com suas asas, era horroroso. Não tinha como.

Depois de um tempo, já não se ouvia mais histórias sobre ela, nem aparições, aos poucos foi sendo esquecida. A história não foi mais contada. Porém os mais velhos dizem que, ainda hoje, se você passa pelo local à noite e presta bastante atenção, pode ver de longe o brilho do ouro e até ouvir cacarejos em noites sombrias. E se numa aparição dela você conseguir raptá-la, ficará rico pelo resto da vida.

3. BATATÃO

Na cidade de Tibau do Sul, as pessoas costumavam sentar-se na praça principal e em frente às suas casas para colocarem o papo em dia, já que a televisão ainda não tinha chegado, e quando chegou poucos moradores tinham acesso.

Nesse costume, foram contadas muitas histórias, quase todas mirabolantes, mas seus contadores afirmavam ser verdade.

Em um desses encontros, foi contada a história do batatão, uma bola de fogo que rolava em direção às pessoas, principalmente quando sozinhas, e crescia de acordo com sua aproximação e o medo do alvo. Tais bolas de fogo eram tão assustadoras e inesperadas que a única opção era correr, e as testemunhas diziam que corriam, corriam desesperadas, como se a vida dependesse daquilo, pois dependia. Até porque ninguém iria esperar para ver.

O batatão poderia facilmente passar por cima de você e queimar seu corpo sem dó.

Maiores ocorrências eram em roçados, onde agricultores cuidavam de suas plantações, no pôr do sol ou pela noite adentro, era possível enxergar de forma clara as chamas do batatão.

De onde vieram ou o que são, não há como saber, mas de uma coisa todas as testemunhas são capazes de dizer: cuidado! Se vires uma bola de fogo rolando em sua direção, não pare em nenhum momento. Corra!

4. O HOMEM DESCONHECIDO DA LAGOA

Tibau quer dizer “entre duas águas”, e assim era o centro da cidade, onde habitavam muitas pessoas e onde se localizava a igreja do município.

Ventava bastante por causa da logística do local, e em um dia do ano 1924, ventou tanto, choveu tanto, que houve uma enchente, em que a água do mar se uniu à da lagoa, deixando-a salinizada (salobra, na forma popular) e as construções destruídas, derrubando barragens e deixando muitas vítimas. O centro da cidade foi totalmente destruído. O acontecimento foi denominado catástrofe, um fenômeno infeliz da natureza, em que muitos tentavam prevenir o avanço das águas com pedras e barrancos, mas que quando ela chegou foi de vez.

Os que crêem dizem que antes da enchente, em um dia normal como qualquer outro, ouviu-se de uma moradora a história de que um homem estranho, de cabelos longos e vestes estranhas (largas e longas) apareceu e chamou em sua casa, pediu-lhe um copo d’água e ela lhe negou, mandou-o embora com desdém. O homem ficou surpreso, e como que por impulso, mas já tendo a frase pronta lhe rogou: mulher ruim! Negar um copo de água! Se você quer tanto guardar água, pois você vai ver muita! - e saiu pela lagoa em meio à neblina. Diz ela que o viu andando sobre as águas, e não o viu mais.

Tempos depois veio a enchente. Era muita, muita água. Será castigo? Não tem como saber.

Hoje, no lugar que antes via-se o centro da cidade, encontra-se a Lagoa Guaraíras, e mais para frente dela vê-se a Praia do Centro, muito visitada e recomendada. Principalmente pela beleza das águas e de seu pôr do sol espetacular.

APÊNDICE E - Links

Instagram: https://instagram.com/tibauemlendas?utm_medium=copy

Blog: <https://lendastibaudosul.wixsite.com/my-site-1>

Mapa das Lendas:

<https://www.google.com/maps/d/u/3/edit?mid=1K9DkHm30yj3Ob9k7ACKfahSg-MTM4OeS&usp=sharing>

Perfil do podcast no Spotify:

<https://open.spotify.com/show/1IPqy7unGD10KwPyqAbvIn>

APÊNDICE F – Logo do projeto

